



**CASSANDRA  
RIOS**

**CARNE  
EM  
DELÍRIO**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



**Cassandra Rios**

**Carne  
Em Delírio**



DISTRIBUIDORA RECORD  
Rio de Janeiro • São Paulo

# Índice

[Prefácio](#)  
[Capítulo I](#)  
[Capítulo II](#)  
[Capítulo III](#)  
[Capítulo IV](#)  
[Capítulo V](#)  
[Capítulo VI](#)  
[Capítulo VII](#)  
[Capítulo VIII](#)  
[Capítulo IX](#)  
[Capítulo X](#)  
[Capítulo XI](#)  
[Capítulo XII](#)  
[Capítulo XIII](#)  
[Capítulo XIV](#)  
[Capítulo XV](#)  
[Capítulo XVI](#)  
[Capítulo XVII](#)  
[Capítulo XVIII](#)



*...é só de amor que eu falo...  
minha alma é um soluço apaixonado  
é um suspiro perdido  
que procura um coração onde gemer...*

*Cassandra*

*Serei capaz de partir?  
Terei coragem para te deixar?  
Será que morrerei de saudade?  
Que estranha é a vida!  
Como se mede a distância!  
... Já parti há muito, pois o meu pensamento  
me arrastou para longe.  
Não sou eu que estou aqui.  
É uma carcaça sem vida.  
Uma forma vazia que se move por descuido...*

# ***Prefácio***

*O realismo verdadeiro em literatura não pode vir desacompanhado da poesia porque nesse caso não passaria de falsa ciência. De pseudociência, porque os temas afins ao deste livro tanto se prestam a tratamento escolástico nos moldes da Psicanálise, quanto a dissertações fictícias.*

*Não que a jovem autora não sugira, com muito bom-gosto, aqui e acolá, uma ou outra "explicação" para as tragédias que faz seus personagens viverem. Cassandra Rios cede a uma necessidade didática que o tempo, certamente, encarregar-se-á de superar em proveito da poesia.*

*Neste "Carne em Delírio" existe de fato muita poesia, a começar do próprio título, que transmuta o significado tradicional científico do vocabulário "delírio". O drama da heroína do livro é o drama da pungente natureza humana, a braços com os ditames da razão e os imperativos da libido.*

*As poucas passagens que fariam, outrora, corar a um frade são pinceladas de ardência necessárias, a esta altura dos desenvolvimentos históricos da literatura contemporânea, a toda obra que se intitule realista. O melhor seria dizer que Cassandra Rios não é "realista" (os ismos são sempre abjetos). Ela é real.*

*E a libido é a coisa mais real de que temos notícia, seja ou não agradável reconhecer isso.*

Os EDITORES

## **Capítulo I**

Chovia continuamente. Não era esse entretanto o motivo pelo qual Cristina se mantinha presa em seu quarto. A monotonia estendia-se pela casa adiante. Os criados moviam-se automaticamente como se o mutismo e a ausência de Cristina os tivessem aniquilado. Nem um sussurro, nem uma interrogação. Parecia que todos temiam desvendar o porquê daquele silêncio súbito. Olhavam-se desconfiados e de

soslaio como se temessem deixar transparecer a dúvida que os calava. Sentiam falta daquele riso cristalino que constantemente ressoava pelos pavimentos luxuosos do palacete, como acordes musicais, como alentos de vida e de ternura. Embora a jovem patroa nunca lhes tivesse dirigido palavras de amizade, nunca lhes tivesse sorrido e olhado sequer, eles a estimavam e a observavam de longe, admirando-a como um símbolo de felicidade e alegria. Cristina, porém, também nunca lhes dera motivo para que se ressentissem por momento. Como patroa sabia tratá-los bem; fora disso, sua indiferença fazia-os sentirem-se como seres inexistentes.

Todos aguardavam interessados que algo acontecesse. Sobressaltavam-se com o bater de uma porta qualquer e corriam a espiar se ela finalmente se resolvera a revelar a causa de sua reclusão.

Por fim, o sol, embora brilhando fracamente, vacilando ainda por mostrar-se, foi a pouco e pouco espalhando claridade e enxugando o tempo.

Cristina saiu do quarto batendo a porta e desceu as escadas de mármore, ruidosamente. Entrou na biblioteca e ofegante agarrou-se ao pescoço do pai. Desprendeu-se dele lentamente e ficou a olhá-lo com os olhos muito abertos.

— Oh!... papai!... não posso... não posso mais...

E, numa explosão de nervos, jogou-se em seus braços chorando desesperada.

— Chore, minha filha. Chorar faz bem... Desabafe... — disse-lhe ele, conselheiro carinhoso e preocupado.

Com uma expressão fatal, trêmula, ela entreabriu os lábios para falar, mas não lhe saiu som de voz. O sangue fugiu-lhe das faces, deixando-a lívida como estátua de mármore. Seu corpo amoleceu e depois ela perdeu a noção das coisas. Antes que caísse, o pai, Sr. Fernando, amparou-a nos braços e estendeu-a sobre o sofá.

Ágil e desembaraçado, como se já estivesse esperando por aquele acontecimento, chamou uma criada e sem se perturbar muito, embora a voz lhe soasse triste e seus olhos não escondessem lágrimas, deixou o aposento apressadamente.

Poucos momentos depois, voltou acompanhado do Dr. Carlos, o qual deixara de sobreaviso há vários dias, preocupado com a atitude estranha da filha. Nem mesmo para alimentar-se ela concordara em sair do quarto, evitando defrontar-se com ele. Certo era que haveria de adoecer, se já não o estava. O Dr. Carlos também tentara falar-lhe, mas Cristina negara-se a abrir-lhe a porta. Agora ali estava ela vencida pelo seu misterioso desespero, sem forças para ocultar mais o seu segredo, precisando deles para vencer a fraqueza do corpo e as complexidades de seu espírito.

Ela já voltara a si. Não estava chorando. Seus olhos pareciam imobilizados. Os lábios trêmulos e lívidos. Tinha no rosto uma expressão indecifrável.

Estava como que em estado de choque.

Entorpecida e abandonada a uma passividade enervante, deixou-se levar para o quarto. Não se moveu sequer, quando a puseram sobre a cama e lhe descalçaram os sapatos.

O Dr. Carlos quis ficar a sós com ela.

O Sr. Fernando deixou-os. Não poderia continuar nem um minuto mais ao lado da filha. Aquela expectativa deixara-o exausto.

Nos primeiros dias do recolhimento de Cristina, ele fora intransigente e ameaçador. Tentara até arrombar a porta do quarto. Os soluços e as súplicas para que a deixassem só, finalmente o haviam convencido de que o melhor seria aguardar. Tinha certeza de que, mais dia menos dia, ela sairia de lá de dentro sorrindo, vitoriosa, como se tivesse ganho uma partida de xadrez. Ela haveria de vencer a luta que provavelmente se travaria em seu cérebro. Não se deixaria abater por um sentimento qualquer.

Pela primeira vez, entretanto, ela corria para ele como a pedir-lhe auxílio e a aguçar-lhe os sentimentos, fazendo-o lembrar-se de que a queria muito mais do que demonstrava, e que não a deixaria só, em hipótese alguma.

Eram os dois mais que pai e filha: amigos. Uniam-se com amor e respeito representando uma família feliz. Ele precisava dela para ter motivos para viver e ela precisava dele para ser protegida. Via no rosto da filha os traços delicados de sua adorada esposa, Teresa, que tão cedo os abandonara. Partira, suavemente, como se flanasse nas asas do sono, para a vida eterna. Fora-se para o desconhecido mundo onde se inicia o final. Deixara entretanto como lembrança como que uma sócia que cultivara em suas próprias entranhas. Deixara em Cristina a sua ternura e delicadeza. Deixara nas mãos dela a felicidade que lhe não pudera ter dado sempre.

O desespero e a angústia oprimiram-lhe o peito, esmagaram-no. Sentou-se em uma poltrona com o rosto escondido entre as mãos. Não compreendia como tinha forças para se conter e não gritar e indagar a verdadeira causa do desespero dela. Seria por certo um descontrole de nervos que proviera daquele inesperado acidente. O terrível desastre que lhe havia roubado o noivo há três meses deixara Cristina muito abatida. Mas... havia semanas que já se conformara! "Ela não demonstrara ter sofrido, como se sofre quando se perde uma criatura que se ama com todas as forças do coração, da alma e do corpo. Chorara apenas a perda de um amigo muito estimado. O Sr. Fernando não vira nos olhos dela a expressão exasperante do amor roubado. Percebera uma sombra de medo, de logro, nada mais." Cristina escondia algo!

Sim! Havia um motivo cruento para que ela chegasse a tal estado depressivo, debatendo-se contra uma situação que parecia irremediável.

Ela sempre fora calma e compreensiva. Chegava a ser quase indiferente aos acontecimentos que soavam tristes. Fugia, dos aborrecimentos e vivia apregoando que só os fracos, só os que não sabem viver sofrem e se deixam abater pelas inseqüências da vida. — "É tão fácil sorrir!" — dizia. — "Basta arregaçar os lábios e mostrar os dentes... fechar os olhos e não ver o que nos pode trazer tristezas... Com uma palavra amável e um dar de ombros resolvem-se as piores situações. Não pensar. O pensamento cansa e traz desilusões... Viver apenas para os momentos alegres. Fechar a alma com tranca de ferro contra as preocupações..." Mas, não era assim, ele sabia. Cristina tinha um coração que ansiava por amor. Ela apenas não compreendia a verdadeira finalidade do amor. A vida corria assim à sua vontade em divertimentos constantes.

Quando ela ficara noiva de Marcos, tentara convencê-la de que não era suficiente o sentir-se bem ao lado de um homem só porque faziam os dois um mesmo conceito de vida. Futilidade! Modernismo! Bah!... Modernismo! Em seu tempo as mulheres não fumavam, não dirigiam automóveis, não passavam temporadas sozinhas, longe da família; eram criadas para o casamento. Não trocavam de namorado constantemente como se troca uma peça de roupa. Não agiam como concubinas gozando liberdade desmedida. A mulher de antigamente não competia com o homem na política. Ficava em casa esperando que o seu predestinado fosse cortejá-la, respeitando-a e considerando-a como uma jóia de inestimável valor. Admiravam o homem como seu superior e ouviam-nos com respeito e carinho. Agora vão para a rua sozinhas e os homens, atraídos por uma ou outra, não se portam mais como cavalheiros tirando o chapéu para cumprimentá-las; graceja e pisca os olhos, seguem-nas guiados pelo instinto, como o cão atrás da fêmea. E elas sorrindo, voltando-se como se recebessem o mais precioso elogio, confabulam como homens, expondo idéias revolucionárias, lutando pela emancipação da mulher.

Não existia mais diferença entre o homem e a mulher. O amor perdia sua beleza e romantismo. Passara a ser considerado apenas uma necessidade material. Os homens preocupando-se com o dinheiro e conservando o celibato. De vez em quando uma notícia de noivado, uma festa de núpcias, vinham lembrar o sentimentalismo, o amor humano. Mas, na expressão dos noivos era raro encontrar a ternura e a plenitude do sentimento. O Sr. Fernando sempre procurara espantar as dúvidas e não ver o interesse financeiro, o pecado ou um motivo trivial consumando aquela união que deveria ser sagrada conforme sua posição e cultura, pesando, ao lado, o dinheiro e vice-versa.

Cristina era diferente. Pertencia àquela casta de jovens sentimentais e cheias de ilusões embora

se esforçasse por parecer uma rapariga moderna, despreocupada. Conservava a delicadeza de uma alma feita para amar e ser amada. Sua vida era falsa e vazia e seu sorriso sem valor. Por isso ficava surpreso quando ela e Marcos lhe haviam dito que pretendiam casar e marcaram a data. Tinha-os visto juntos em diversos passeios mas não percebera nela outro interesse por aquele rapaz, além de amizade, pois suas atitudes não eram diferentes das que tivera antes com outros companheiros.

Quando quis saber se ela o amava, Cristina dera de ombros e depois em tom grave limitara-se a dizer-lhe, como que decepcionada, sem outras esperanças:

— "Ora... eu o amo, sim... Estou com vinte e seis anos, papai. Preciso casar. Marcos e eu temos o mesmo gênio. Seremos felizes. E... depois... as moças de minha idade já estão todas casadas. Não quero concluir carreira de solteirona..."

E ficara por isso mesmo. Cristina afastara-se como fazia sempre, quando ele se preocupava e lhe queria dar conselhos. Ela sabia esquivar-se e ele não lhe sabia negar nada. Ficava calado e guardava consigo seus temores. Confiava acima de tudo na sua moral e acreditava que ela sabia o que fazia, e que nada poderia demovê-la de uma decisão, uma vez tomada. Cristina sabia querer e convencer.

\* \* \*

A susceptibilidade de sua filha era bastante reveladora. Mas ele não sabia decifrá-la. Havia algo mais por trás de seu desnorteante desespero. Algo de muito grave que deveria ter se passado na "Granja Rio das Flores". Desde que ela voltara lá, notara sua mudança. Em seguida, tudo se agravara com aquela notícia desastrosa: "Marcos fora vítima de um acidente de automóvel e viera a falecer imediatamente." — Cristina ficara desnorteada, mas não o suficiente para convencê-lo de que amava aquele homem. Absolutamente, não acreditava que o ultraje desventuroso desse desenlace pudesse afetá-la tanto. Lembrava-se que uma tarde, três meses depois, justamente na semana que transcorria, ela voltara para casa abatida como se tivesse recebido outra terrível notícia. Ele havia lhe perguntado o que acontecera, porém não obtivera resposta. Cristina olhara-o medrosa e correria para o quarto para de lá sair somente nesse dia. Seu cérebro germinava e confirmava: — "Um acontecimento terrível deveria ter se desenrolado naqueles dez dias de férias de verão."

O que seria? O que teria acontecido com Cristina?

O Dr. Carlos apareceu na sala. Estava nervoso, hesitava em falar. Sentou-se à sua frente e firmou sobre os joelhos as mãos cruzadas. Em seguida curvou-se um pouco mais e estendeu os braços sobre os ombros do amigo.

— Sinto-me pesaroso por ter que lhe dar uma desagradável notícia...

Silenciou por um momento e continuou:

— Cristina precisa de você como nunca. — Na entonação de sua voz, profunda e misteriosa, percebia-se o temor de uma revelação que viria agravar a angustia que dominava seu melhor amigo. Os olhos do Sr. Fernando, angustiados e inquisidores, prenderam-se no rosto do doutor.

O Dr. Carlos levantou-se, deu alguns passos pela sala, parou à sua frente e quis falar, porém prosseguiu calado, interceptando gestos das mãos irrequietas, remexendo aqui e ali.

O Sr. Fernando ergueu-se.

— O que há? Existe algo que eu desconheça? Que se passa afinal? Que há com Cristina?...

— Tenha calma, Fernando. Não se exaspere... afinal ela... ia casar com ele...

— Não!...

Seu grito revelador despedaçou-se de agonia.

— Não! Não creio! Isso nunca! — irrompeu ele aos gritos. — Minha filha não. Cristina seria incapaz!

Fora fácil compreender que sua filha já não era uma moça pura, ingênua, casta, digna de confiança

e respeito.

Chorou como um menino que quebra seu único brinquedo, descontrolado como se tivesse sofrido a mais dolorosa frustração. E sofria na realidade. Era um roubo para sua alma sempre confiante. Uma gargalhada de escárnio do destino. A sua meiga e invulnerável Cristina! "Invulnerável" fora sua consciência despreocupada. Sua confiança nela. Seu orgulho de pai que não encontrava defeitos na filha.

Cristina apareceu ante seus olhos enevoados por lágrimas, trêmula como uma folha ao vento. Quis repudiá-la. Chegou a erguer o braço e estirar os dedos para esbofeteá-la e acabou agarrando-a num abraço, magoando-a rancoroso e desesperado. Ele mal ouvia a voz que lhe pedia perdão.

Pai e filha, abraçados, choravam como se o sofrimento dos dois os pisasse com a mesma força.

O Dr. Carlos retirou-se calado. Seria inútil procurar acalmá-los. O melhor seria deixá-los sós a desabafarem suas mágoas.

Estava pesaroso. Queria Fernando como a um irmão e estimava Cristina como a uma filha.

Sempre combatera a liberdade e confiança com que Fernando a criara, satisfazendo-lhe os mais absurdos e impensáveis desejos. Porém, nunca pudera pôr na mente, nunca imaginara que ela se deixasse levar assim por uma emoção, a ponto de entregar-se a um homem, mesmo em se tratando de seu futuro esposo. Fora imprevisto. Um verdadeiro choque para os dois. Se lhe houvessem contado, não acreditaria e tomaria como um insulto. Seria capaz de esbofetear quem ousasse lhe falar de Cristina, ele também se sentia traído. Ela abusara da confiança, da liberdade e do bem com que a consideravam! Não! Não se conformou: Ela fora, sim, vítima da trama de um destino cruel. De uma frustração de seu próprio eu, sensível e acessível aos desejos do momento. Afinal era mulher... Pouco mais que uma criança. Uma adorável criatura. Incapaz de crer que a fatalidade surge inadvertidamente. Que o desenrolar da vida não é sempre um céu cor-de-rosa que se fita desveladamente sem receio de ferir-se a vista com um súbito e ofuscante raio do sol. Que as inconseqüências da vida não são reflexos dos pensamentos que constroem e preparam planos de felicidade.

Tudo para ela, entretanto, se resolvia com a exatidão exigida pela sua vontade. Bastava um sorriso de manifestação e uma palavra. Era suficiente erguer os olhos e já encontrava, diante de si, a concretização material do seu mais insignificante capricho. Não soubera e não pudera, portanto, negar-se a mais um de seus desejos. O incontrolável e imprevisto desejo de ser amada. De vibrar, como mulher cativa, nos braços de um homem dominador, no instante supremo. Na comunhão carnal dos corpos que se *unem* e que se fundem num só amplexo, para se completarem, fazendo vibrar todos os sentidos. Com o mesmo desejo passional.

O preço de sua satisfação fora arrasador, irrevogável. O dedo da Justiça apontava para ela. Despertava-a para a realidade brutal que traz o raciocínio. Fazia-a por certo lembrar-se de que existe acima de nós uma força superior que nos move e nos envolve, lançando-nos contra os perigos da vida, para que aprendamos a reagir. Apresentando-nos às vicissitudes, para que possamos evitá-las.

Há olhos invisíveis que nos espreitam. Que sorriem quando vencemos e que choram quando erramos e sofremos.

Como remediar aquela situação preocupava-o tanto quanto a Fernando. Deveria de uma ou outra maneira surgir uma solução para aquele infortunado acontecimento. Tudo haveria de normalizar-se porque teriam que perdoá-la. Cristina procedera como uma irresponsável, como uma criança a quem por descuido haviam se esquecido de advertir contra momentos como aquele.

E crente de que ainda haveria de vê-los, ela e o pai, a sorrir de novo, o Dr. Carlos prosseguiu monologando complicados meios de refazer aquela nefasta situação.

# Capítulo II

Depois daquela crise, pesado silêncio tornou a caminhar pela casa. Portas e janelas foram fechadas como se não tivesse ninguém lá dentro. Criados foram despedidos como para evitar que ficassem sabendo e se propagasse o acontecimento. Ficaram apenas dois dos mais antigos: um casal de velhos que os acompanhara sempre, desde quando o Sr. Fernando ainda era menino. Uma governante e um mordomo.

Cristina impusera que não se tocasse mais no nome de Marcos. Nenhuma palavra deveria ser proferida em torno do que acontecera. Concordaria com tudo que o pai pretendesse fazer, porém que ele não lhe fizesse mais perguntas embaraçosas. Submeter-se-ia a qualquer coisa imposta por ele para refazer a situação. Para salvaguardar-se do escândalo que provavelmente seria propagado aos quatro ventos.

Estremecia ao pensar no entusiasmo de suas amigas fazendo comentários a seu respeito.

O Dr. Carlos aconselhava-a. Precisava agir com calma e perspicácia. Não se deixar influenciar pelo desespero e cometer desatinos. O pai não sabia o que fazer. Cristina concordava com tudo, muito embora os planos que ele externava com palavras confusas e gestos das mãos nervosas lhe parecessem descabidos e mesmo impossíveis de serem realizados. Cristina tinha um só pensamento. Era a única saída: — "O aborto". — Quando quis convencê-lo de que era a solução certa, percebeu nos olhos do pai, na sua expressão incrédula, o desprezo que ele sentia por ela em tal instante. O quanto estava decepcionado.

Retraiu-se como uma tirana arrependida. Nas poucas palavras que ele proferiu em sussurros que mais lhe pareceram gemidos, percebeu entretanto o quanto ele a adorava, e como temia por ela, preocupando-se com sua saúde. Aquele amor que o pai lhe professava era o maior castigo para sua leviandade. Era a cruz que pontilhava sua dor. Errara a vida toda. Não conteve as lágrimas. Quis morrer e até nesse pensamento se frustrou. Era mesmo mesquinha e egoísta.

Concordou então que o melhor seria seguir o conselho do pai: casar. Com quem? Conhecia muitos caçadores de dotes. Poderia escolher à vontade. Não faltariam candidatos. Já os via perfilando-se à sua frente. Em quantos olhos percebera a expressão da cobiça oculta por um leve e pretensioso interesse sentimental! Era a noiva perfeita para qualquer um. Rica e bonita. Não lhe faltavam pretendentes e a esses não teria remorsos por enganar. A volúpia para eles não seria a da primeira noite em que dormissem juntos. Calariam quando percebessem que ela já não era virgem; o que lhes importava era o dinheiro.

Fizeram uma lista de *nomes*. Cristina riscou alguns. O nome de estróinas que tantas vezes lhe haviam pedido dinheiro emprestado para nunca mais devolver. Os mais assíduos freqüentadores dos saraus que costumava proporcionar aos amigos. Ali jogavam grandes cartadas. Viam em Cristina uma inesgotável fonte de rendas. Porém, também os outros, bem como os mais sinceros e os tímidos, lhe pareceram odientos e acabou por rasgar aquela lista de mercadoria. Houve um em quem não se atreveu a pensar. Seria incapaz de enganar e aproveitar-se dele: Roberto.

Seus nervos saltaram sob a pele. Suas faces contraíram-se em expressões diversas. Levou as mãos à cabeça como se esta se estivesse arrebrandando pela fúria de seus pensamentos e gritou exasperada:

— Papai... não quero casar... Irei para longe. Ninguém ficará sabendo! Não posso... não posso...

O Sr. Fernando não disse nada. Inclinou a cabeça e saiu.

Cristina jogou-se sobre o sofá em pranto convulso. Nieta, a governanta, correu para ela e amparou-a nos braços como a uma criança.

— Não chore Cris... venha comigo. Arrumaremos suas malas. Estive pensando. Iremos para a fazenda de Aquajoso. Eu cuidarei de você...

— Oh! Nieta... adiantará sair daqui se não posso fugir de mim? Tudo está dentro de mim...

— Você tem uma flor em suas entranhas, meu bem... deve deixá-la brotar com carinho. Verá depois, quando essa flor surgir, que tudo será belo. Ela a embriagará com seu perfume puro e casto... Deixe, Cristina, que se abotoe em flor essa pequenina coisa que está germinando dentro de você. Emprésteme-lhe suas forças. Dê-lhe de seu sangue, do ar que você respira, para que ela vença e se mostre ao mundo, vitoriosa por sobre todos os obstáculos, por sobre tudo como o mais precioso fruto: O fruto do amor. A vida será diferente... muito diferente.

Cristina foi aplacando o choro. A voz quente e confortadora daquela mulher de cabelos brancos que a socorria lhe dava ânimo, fazia-a ver tudo numa clarividência sublime. Se estivesse, como então, nos braços de sua mãe, ela também lhe falaria assim e seu pai... ele também.

Um sorriso pálido aflorou em seus lábios.

— Nieta... vou contar-lhe... quer ouvir?...

— Cristina, minha pequena, se você se sentir melhor, fale; se não confia, guarde consigo...

— Confio em você como confiaria em minha mãe...

Duas grossas lágrimas rolaram dos olhos de Nieta. Enxugou o rosto com o avental e, apertando os lábios finos, fez força para sorrir.

— Tudo aconteceu em Rio das Flores — começou Cristina. Em seus olhos brilhavam lágrimas que se prenderam nos cílios e foram uma a uma rolando por sua face pálida. Parou um instante como se tomasse fôlego e prosseguiu:

— ...eu e Marcos saímos para pescar. Havíamos combinado que voltaríamos para a cidade ainda nessa tarde. Portanto pensávamos regressar para a granja logo depois da hora do almoço. Levávamos em uma cesta alguns sanduíches, uma garrafinha de uísque de bolso e café numa garrafa térmica. Enquanto passeávamos de barco, íamos fazendo planos para o nosso casamento, o qual, você bem sabe, seria em meados de setembro. Assim, distanciamos-nos sem que o notássemos. Embora amoroso, ele não deixou de ser digno e cavalheiro como sempre. Ele foi, Nieta, o único homem que soube cativar meu coração. Compreendia-me e não me chamava como os outros de extravagante e de milionária insatisfeita e convencida. Sabia que para mim o dinheiro não era o principal. Lia em meus olhos meus anseios de mulher e ajudava-me em meus devaneios. Sentia que em meu peito pulsava um coração ansioso por amar e respeitava-me contudo. Esperava que chegasse o momento para fazer-me sua. Nunca em sua frente vi o reflexo de desejos ocultos, nem em seus gestos intenções vis. Ele era assim, independente, alegre, irradiando simpatia. Eu sentia confiança ao lado dele. Aos outros de inspirava respeito e... o que me envaidecia era que as mulheres me invejavam e o cobiçavam... — Cristina moveu-se no sofá e inclinou a cabeça para esconder o nervosismo que a queria sufocar. Nieta esperou que ela continuasse.

— Absorvemo-nos com os planos de nossa viagem de núpcias e nem percebemos que já caía a tarde. Deviam ser mais ou menos umas cinco e meia, quando desabou uma chuva inesperada. As águas do rio ficaram revoltas ao mesmo tempo, como se o diabo dançasse sob elas provocando um rebuliço catastrófico. Fiquei desesperada naquele barco desgovernado que se debatia impulsionado pelo vento. Então fomos jogados ao rio violentamente. Marcos conseguiu alcançar a margem, arrastando-me consigo. Naquele momento percebi o quanto ele me amava! Seus olhos, arregalados, fitavam-me preocupados e suas mãos agarravam-me com força, lutando contra a fúria das águas turbulentas, arriscando sua própria vida para salvar-me. Sozinho ele poderia alcançar as margens facilmente, entretanto, não me soltou. Vi

que preferia morrer também, a perder-me. Uma emoção incalculável encheu meu coração. Eu nunca pudera supor que fosse tão amada. Que aquele homem tão vivaz e alegre tivesse um coração que pulsasse com tanta ternura e amor. — Cristina passou a mão na testa umedecida, esboçou um sorriso e prosseguiu: — Bem, Nieta... refugiamo-nos em um estaleiro abandonado. Eu estava ensopada, com a roupa grudada ao corpo. Quase morrendo de frio. Marcos tirou do bolso a garrafa de uísque e mandou-me tomar um gole para aquecer-me. Depois abraçou-me carinhoso, para que eu sentisse o calor do seu corpo. E assim ficamos em silêncio, olhando-nos como se nesse momento nos tivéssemos encontrado realmente. A noite desceu rápida. O medo impedia-me de raciocinar e ambos continuávamos a ingerir gole atrás de gole, até que a garrafa ficou quase vazia. Marcos beijou-me... e depois... oh!... não pense que eu o culpo. Ele me amava... estávamos embriagados e eu deixei que ele continuasse a fazer-me carícias... O tempo rugia medonho. E eu me sentia segura entre seus braços fortes... O medo daquela tempestade foi se transformando em um sentimento estranho, propício, convidativo... Eu desfalecia de cansaço... de ansiedade... e... de que sei eu...?!

— Na manhã seguinte já não era a mesma... Oh! Nieta, como pude ser tão desprevenida? Tão leviana?... — Cristina refugiou-se nos braços da gentil e consoladora criada. Depois erguendo os grandes olhos para ela continuou:

— Para evitar desconfianças, voltei só para a cidade. Marcos ficou de voltar na noite seguinte. Ele insistira em acompanhar-me, mas, eu com a consciência intranquã, como poderia portar-me sóbria ao lado dele na presença de papai? Queria meditar. Reabilitar-me. Encontrar minha segurança. E foi assim que vim só, meditativa e decepcionada comigo mesma. O resto você sabe... A colisão de seu carro na estrada com um caminhão de transportes... oh!... ele morreu, Nieta, para que eu pague o erro que pratiquei... Mas por quê? Por que Marcos teve que morrer tão estupidamente?... Por que isso teve de acontecer?...

Nieta procurou acalmá-la. Cristina soluçava revoltada. Suas mãos crispavam-se como garras alongadas. Ficou em silêncio alguns instantes, depois, como se a calma viesse provocada pela reflexão, ela encolheu os ombros resignada.

— Uma tarde senti-me mal, depois outra noite. Já se haviam passado três meses. Percebi que algo se vinculava dentro de mim, alargando-me as entranhas. Era mais que o receio, sentia na realidade. Parecia acender-se em meu ventre uma fogueira. Até já parecia que alguma coisa se contorcia dentro de mim provocando-me sensações esquisitas. Desconfiada fui a um médico, longe daqui da cidade. Eu não me enganara. Fiquei apavorada, Nieta... Ia ser mãe e o pai de meu filho morreria. Pensei em matar-me, desesperei-me, pensei mil coisas. Não tive coragem para nada. Algo impedia-me de prosseguir a engendrar planos de libertar-me... disto... Não pude reagir sozinha, Nieta... Não tive forças para ocultar mais... Não tive coragem... para tirá-lo daqui.

E descontrolada Cristina apertou o ventre com as mãos convulsionadas. Nieta prendeu-lhe os braços, e muito comovida, puxando-a contra seu peito amigo, proferiu com a voz embargada:

— Você foi muito corajosa, Cristina... Não foi leviandade não; foi imprudência... Não é covardia ser mãe nessas condições, minha filha. Isso é digno, é amor, é bondade. É sentimento materno. É humano. É saber vencer. Não chore mais, minha pequena... Eu estou aqui para ajudá-la... e sei que haverá de chegar o dia em que será muito feliz... Não chore mais, meu bem... eu estou aqui para protegê-la...

E Cristina foi se acalmando novamente.

A penumbra já escurecera aquela sala onde os soluços foram silenciando.

# Capítulo III

Não houve contradições. Naquela mesma noite as malas de Cristina foram feitas e na manhã seguinte ela e Nieta partiram para a fazenda de Aquajoso. O Sr. Fernando insistira em acompanhá-las, contudo Cristina convenceu-o de que deveriam agir como se nada houvesse acontecido. A súbita viagem dos dois poderia chamar atenção e despertar suspeitas. Se ela fosse só com Nieta não teria nada de mais, não suscitaria a curiosidade de seus amigos, pois estes já se haviam acostumado com suas inesperadas escapadas. E depois daquele triste acontecimento quem poderia suspeitar de sua demora?

Chegaram a Aquajoso ao anoitecer. Os únicos criados da estância, abandonada misteriosamente por seu pai há tanto tempo, já tinham feito mudança para um bangalô, ao lado da casa-grande.

Logo que chegou, Cristina sentiu-se como que envolta por um perfume estranho e raro. Uma calma intensa envolveu-a, como se o aroma dos troncos dos ciprestes, cerrados recentemente, tivesse tomado formas de braços, para acalentá-la.

De um lado da casa estendia-se um cercado de madeira tosca, que se perdia para longe das vistas, embrenhando-se por uma mata cerrada. Abria-se mais adiante, formando um caminho pedregoso que se descampava à margem de um rio caudaloso. Para chegar à estância, tinham que atravessar por campos de feno, pomares e seguir pelo lado do rio em cuja margem, do outro lado, uma cadeia de montanhas desfilava-se e seus picos elevados pareciam tocar o céu. Por último ladearam uma velha estrada isolada por pinheiros imponentes.

Em frente da casa-grande, enfileiravam-se três bangalôs, um dos quais estava iluminado pela luz fraca de um lampião de querosene. Do outro lado, um curral com alguns bois mambembes e num cercado à parte dois belos cavalos pastavam silenciosos. Mais adiante, à esquerda da casa, um celeiro velho de madeira corroída, com as portas escancaradas, dava impressão de abandono. Depois, árvores, céu e montanhas, isolando aquele pedaço de mundo, afastado do turbilhão das cidades, oferecendo-lhe sossego e refúgio.

E lá nasceria seu filho. O rebento da desventura. O produto de uma combinação de vidas ultrajadas. A criança que seria a sua, a própria imagem de Marcos. A lembrança que marcaria com vida o pecado de sua leviandade.

Que seria daquele pequenino ser que nasceria às escondidas como se não tivesse direito à vida?

Nieta pousou a mão em seu ombro e advertiu-a:

— Não pense. Não cogite. Isto é vida. Aqui está sua tranqüilidade.

— Sim, Nieta. E só tenho você...

Entraram então e esperaram por alguns momentos que alguém as fosse receber. Uma mulher já bastante idosa apareceu em uma das portas, do outro lado, em frente de onde as duas perscrutadoras se encontravam. Era a caseira. Abraçou Nieta que avançara para ela, sorriu para Cristina e acercou-se timidamente.

— Quanto tempo!... Como a pequena Cris está moça! E que bonita! — Cristina olhou para Nieta sem compreender. Seu pai nunca havia mencionado a existência daquela caseira, aliás, ela nunca se interessara por aquela estância. Se Nieta não lhe tivesse feito aquela sugestão, jamais lhe passaria pela cabeça a lembrança de Aquajoso.

A caseira explicou rápida, acercando-se mais.

— Oh!... está claro que você não se lembra desta velha feia. Era tão pequenina quando esteve

aqui pela última vez. Ih!... nem quero lembrar-me! Como era peralta! Depois, buummm... sumiu-se pela cidade. Mas valeu a pena. Eu sim posso dizer o quanto você ficou bonita. Que pedaço! Então?!... Vem de lá um abraço?

Cristina abraçou-a sorrindo. A simplicidade e alegria da velhinha encheram-lhe o coração de ternura. E apertou-a muito, demonstrando o quanto estava emocionada pela sua acolhida.

Afastaram-se em seguida para a outra sala.

A atenciosa caseira mostrou-lhe seu quarto e as outras dependências da estância. Depois, as malas foram desfeitas e Cristina suspirou embevecida,

— E só agora é que descubro esta maravilha!

— Gosta mesmo daqui?

— Oh! Não poderia existir lugar mais adequado para...

Cristina calou-se refletindo na imprudência de suas palavras. A caseira esperou que ela terminasse de falar; ela porém levou as mãos ao rosto e fugiu subindo as escadas a correr.

Nieta andou sem rumo pela sala e voltou para o lado de Rosa, que a olhava calada, muito discreta.

—Ela vai... pobrezinha!... vai ser mãe...

Depois explicou sucintamente a situação. Ali não seria necessário guardar segredo. Tudo se resolvia com simplicidade.

\* \* \*

Alguns dias se passaram, Cristina já percorrera em companhia das duas criadas, que então considerava como suas únicas amigas, os quatro cantos da estância.

O abandono em que se via de repente ia gradualmente e de modo imprevisto tomando aspecto diferente. O encanto, a tranqüilidade que a impregnara antes, tornava-se em profunda monotonia. O céu parecia vazio, as árvores esqueléticas e pedantes. O vento frio e irritante. O ar com suas substâncias vivíficas tinha cheiro de mato molhado que lhe provocava sono. O silêncio crescia enervante, prolongando o tempo. Tinha medo de ficar só e atormentava a pobre. Nieta não permitindo que ela se afastasse por um minuto. Tornara-se loquaz e irrequieta. Às vezes tinha impressão de que ia desfalecer e amparava-se pelas paredes da casa. O chão parecia abrir-se debaixo de seus pés. Faltava-lhe o ar. O sangue estagnava-lhe nas veias e volvia a correr com mais ímpeto como se o sugassem com força. Era o ser que germinava em seu ventre, que lhe pedia vida. Alisava-se então como se estivesse acariciando o filho escondido no berço de seu corpo.

Certa manhã, pareceu-lhe ver pela janela o vulto de um homem, caminhando pela estrada dos pinheiros. Fixou a vista e esperou que ele se mostrasse por entre as árvores. Em seu rosto estampou-se a expressão da alegria causada pela chegada de alguém. Pensando que seria o pai que vinha para quebrar aquela monotonia com sua presença querida, saiu do quarto correndo para ir encontrá-lo. E gritava cheia de ansiedade:

— Papai... papai...

Era como se ele a tivesse ido livrar de uma prisão.

Nieta saiu para o pátio assustada com os gritos de Cristina. Pediu-lhe nervosa, ao vê-la correr exasperada pela estrada afora, que a esperasse, que não corresse tanto.

Cristina não ouvia.

Estava completamente fora de si. Continuou a correr feito uma louca, sem compreender a súbita desapareção daquele vulto. E tropeçava nos cipós, arranhando-se em arbustos. Não se dava conta do que fazia. Só não conseguia parar de correr e já não sabia para onde e por quê. Ofegava. Sentia como que se arrebatassem veias dentro do peito e comprimir-se o estômago como se mãos a estraçalhassem por

dentro. Ela cambaleava como uma bêbada. Tinha as vistas turvas e não conseguia reter os passos. Corria, num descontrole de nervos, a debater-se como uma epiléptica.

Nieta não lograva alcançá-la. As pernas não a ajudavam.

Súbito parou petrificada. Soltou um grito de pavor e levou as mãos ao rosto para não ver algo terrível.

Cristina tropeçara. E cambaleando como se empurrada por mãos invisíveis foi despencar-se pelo barranco do rio.

Nieta não se movia.

Mal percebeu aquele vulto passar como um relâmpago por sua frente e atirar-se, também, barranco abaixo. O barulho de um corpo chapinhando na água ressoou-lhe aos ouvidos.

A cena foi rápida.

Alexandre, o filho de Rosa, apareceu na margem trazendo nos braços, como se carregasse um frágil fardo, o corpo inerte de Cristina. A água escorria pelo corpo dos dois. Nieta auscultou a moça, desesperada.

Sem dizer palavra, aquele homem truncado caminhou apressado. Seus olhos ávidos percorriam-na e suas mãos tesas pareciam enterrar-se nas carnes da moça.

Nieta quis "tirá-la de seus braços. Aquela expressão de encanto no rosto másculo de Alexandre chamou sua atenção.

Ele empurrou-a brutalmente.

— Sai, mulher. Que força tem você para carregá-la? Nieta retraiu-se convencida ante a veracidade daquelas palavras. Quando eles chegaram ao pátio, Rosa surgiu na porta da casa-grande e assustada correu para eles, indagando o que acontecera. Alexandre gritou uma ordem.

— Vamos, mãe, não perca tempo. Trate de esquentar água. Há muito que fazer... Deixe a curiosidade para depois...

Enquanto a carregava, analisava-lhe os traços com interesse. Um ricto mordaz descia-lhe pela face. Intimamente desprezou-a. A situação da jovem provocava nele um indecifrável rancor. Era uma mulher fácil e vencida pela volúpia dos prazeres. Como muitas trilhara a estrada da corrupção. Não freava seus instintos sexuais. Não lhe importava saber o motivo. Saber que ela se entregara a um homem era o bastante para considerá-la uma leviana degenerada. — "Fácil sua vida... e ela era... fácil... para a vida." — Com esse último pensamento entrou no quarto. Estendeu-a sobre a cama com cuidado.

Ao inclinar-se, o rosto dele quase tocou a face de Cristina que semidescerrou os olhos, entreabriu os lábios e depois deixou pender a cabeça para o lado. Alexandre olhou-a detidamente. Afastou-se em seguida obedecendo às duas mulheres que corriam de cá para lá atarefadas.

No dia seguinte o Dr. Carlos chegava em companhia do pai de Cristina. Alexandre vira-se na contingência de ir buscá-los, desde que a jovem ficara febril e começara a delirar. Só mesmo um médico poderia assisti-la. Parecia grave o seu estado. Nieta e Rosa não sabiam que fazer, Cristina contorcia-se como se estivesse sofrendo as mais horríveis dores.

O Dr. Carlos e Nieta durante todo o resto da tarde ficaram trancados no quarto dela.

O Sr. Fernando e Alexandre caminhavam de um lado para outro à espera de que a porta se abrisse. Rosa não menos preocupada lidava na cozinha.

Pouco depois do jantar, finalmente, o Dr. Carlos surgiu diante deles.

— E então?... — Perguntou o Sr. Fernando, erguendo o olhar aflito para o amigo que se conservava parado no alto da escada.

— Ela está bem... porém..

Não seria necessário dizer nada mais. Compreenderam que a criança morreria. Entretanto, um suspiro de conforto arrebentou-se no peito daquele pai desnortado. Alexandre por sua vez saiu em silêncio fechando a porta com cuidado. Ainda ouviu o Dr. Carlos dizer. — "Ela nunca mais poderá..." —

Seus olhos encheram-se de rancor, numa mistura expressiva de sentimentos indecifráveis. — "Mulheres assim não merecem... ser mãe... — pensou vociferando vozes em seu cérebro complexo. Caminhou ao acaso e por fim selou um cavalo e distanciou-se pelo atalho dos ciprestes em desenfreado galope.

Em seu quarto, Cristina dormia placidamente.

\* \* \*

Dias depois, sem mesmo ficar conhecendo o homem que a salvara, ela voltava para a Capital.

Alexandre, depois daquele instante em que o Dr. Carlos confirmara que Cristina estava fora de perigo, sumira-se pela mata, estranhamente. Nem mesmo Rosa soube explicar por onde ele andava.

O Sr. Fernando, reconhecido, quis recompensar os cuidados que eles haviam dispensado à sua única filha, porém Rosa negou-se obstinadamente a aceitar fosse o que fosse. O Sr. Fernando não escondia sua perturbação diante dos que compartilhavam do segredo que punha em perigo a reputação de Cristina.

De volta, foi custoso depois fazê-la proceder como antigamente. As amigas assediavam-na constantemente, querendo saber para onde tinha ela ido dessa vez. Sua viagem misteriosa chamara a atenção devido a sua demora e seu aspecto abatido.

Esquivava-se como podia respondendo com dificuldade. Por mais que se esforçasse não conseguia sorrir como antes. Aquele riso espontâneo não vinha mais cantar em sua boca. O traço de tristeza que a transfigurava marcava-se profundo em sua face. Nada tinha poder para arrebatá-la de seu retraimento. Os panos-verdes das mesas dos cassinos já não a fascinavam. Não se embriagava mais com o jogo do pôquer que era sua distração preferida. E ninguém lhe valia como companhia. Tornara-se taciturna e meditativa. Parecia uma gazela. Desconfiada e arredia.

Os comentários ferviam chocantes em torno de sua estranha mudança. Ninguém fazia conexão de sua conduta com a morte de Marcos. Porém, paulatinamente, os amigos foram-se acostumando com sua seriedade e acabaram por acreditar, por não encontrarem outro motivo, que ela deveria estar realmente, ainda, sofrendo a ausência irremediável do noivo.

E respeitaram seu silêncio.

Muitos chegaram a arrepender-se de terem participado dos diz-que-diz-que das jovens invejosas do lugar de destaque que Cristina ocupava nas acolhidas da sociedade.

Foi então, durante esse intervalo de sorrisos amáveis e compadecidos que Roberto voltou para figurar novamente ao lado dela.

Ele e Cristina tinham cursado juntos a Universidade e, terminado os estudos, haviam continuado como amigos inseparáveis a freqüentarem clubes, teatros e toda espécie de passeios. Entre eles firmara-se para sempre a mais profunda, sincera e respeitosa amizade. Roberto, entretanto, quase não participava de suas alegrias. Seu gênio era extremamente contrário ao de Cristina. Julgava fútil o que ela considerava indispensável.

Marcos uma noite em um baile de debutantes apareceu como um intruso para pedir-lhe uma contradança e não trazê-la de volta. Roberto retirara-se sem despedir-se. Percebera o entusiasmo dela por aquele homem. Valsava pelo salão, sorridente, e em cada volta que dava trazia no rosto um novo sorriso que o enregelava. Algumas noites depois, após telefonar sem que ela atendesse, foi procurá-la. Cristina não tinha mais tempo para dedicar-lhe. Todos os seus momentos haviam sido completamente tomados por aquele recém-chegado da Europa.

Um dia finalmente encontrou-a só. Não se conteve e lhe declarou seu amor. Sua emoção chegara ao auge e o ciúme, o medo de perdê-la puseram fim à sua timidez. Ela entretanto conservou-se impenetrável. Seus olhos luziram, por um momento, mas acabou por dizer-lhe que jamais lhe poderia dedicar o afeto que ele exigia dela. Estimava-o demais, porém não era amor. Estava decepcionada por

pensar que talvez tivesse perdido seu melhor amigo. Sentiu que preferia a Marcos. Este sempre lhe falara de amor. Admirava sua personalidade envolvente, sua natureza vivaz e despreocupada. Ele arrebatava-a. Fazia-a vibrar de emoções atordoando-a com sua alegria contagiante. Confirmando que a mulher nascera para ser amada e desejada pelo homem. Fazia-a sentir-se cem por cento fêmea. Estimulava-a a viver sem dissabores, sem a preocupação dos dias de amanhã. Roberto, porquanto, vivia para dar-lhe conselhos, cuidando-a como cuidava da própria irmã. Achava quase que intolerantes as distrações que ela exaltava.

Não acreditou que ele a amasse realmente. Ele não passava de um homem metódico e calculista. Queria viver tranqüilamente no aconchego de um lar, onde o esperasse uma mulherzinha dedicada e conformada. Ela queria casar, com toda certeza, porém sem ter que abandonar sua vida feliz e independente, pela solidão do lar de um homem de negócios. O gênio de Marcos era como que a sombra de sua própria alma, por isso deu-lhe preferência.

Roberto entretanto não perdera as esperanças. Limitara-se a sorrir acabrunhado, e a deixar de freqüentar a roda dos amigos, evitando por esse meio que se encontrassem. Por certo se sentira humilhado ao vê-la dias depois, de braço com Marcos, tendo no semblante a expressão de uma menininha apaixonada.

\* \* \*

Agora Roberto insistia em querer reavivar a amizade que fora sufocada. Uma noite, aconselhada pelo pai, resolveu aceitar seu convite. Na noite seguinte tomaram a sair juntos. E novos passeios se efetivaram. Teatros, clubes, boates, enfim toda sorte de divertimento dos quais se havia afastado.

Chegou então o momento em que ele possuído, dominado pelo amor de tanto tempo, falou arrebatado de paixão.

— Cris... casemo-nos o quanto antes...

A jovem, tendo ainda dentro do cérebro todo o recente passado, sofrendo os complexos naturais que estes acontecimentos deixam na compreensão de uma moça, que, por mais evoluídos que sejam seus conhecimentos sexuais quase sempre se atordoia dentro da realidade estúpida da vida, envergonhada, arregalando os olhos, falou atordoando-se.

— Não!... Não!... Deixe-me, Roberto!

O homem aproximou-se da mulher. Os olhos dentro daqueles olhos tão amados e disse:

— Pobre querida! Não sofra, meu amor. Para mim que nada ignoro, não constitui problema o que se passou com você.

Cristina arregalou os olhos, sentindo-se fria e vermelha como um tomate. Levou as mãos ao rosto e perguntou vacilante:

— Como?! Quem lhe contou?!...

— Ao homem que ama não se pode enganar. Seus olhos contaram-me. Não sei o que a levou a praticar esse desatino. Percebi que algo acontecera. Algo que completava a catástrofe daquele acidente.

Cristina continuou calada. Fitou-o demoradamente e, apertando as mãos contra o peito, perguntou comovida.

— E mesmo assim, você quer casar comigo? Mesmo assim?... Sabendo que eu...

— Sim, Cristina — interrompeu ele, porque você é a mesma para mim.. Quero que esqueça o passado... Já não importa mais... O que passou não volta quando a gente sabe... esquecer...

— E perdoar... — completou ela aproximando-se.

Naquele momento a lembrança do pai veio-lhe triste e envelhecida em toda sua expressão de abatimento moral.

Apenas um beijo pousou em seus lábios. Agarrou a promessa daquele homem que pretendia fazê-la feliz.

Foi rápida sua decisão. Curta a conversa entre ela e o Sr. Fernando. Cedo anunciaram o enlace matrimonial. Casaram-se três meses depois.

Cristina parecia indiferente aos acontecimentos. Agia como se a movimentassem forças superiores à sua vontade. O vestido de noiva emprestou-lhe todo aspecto de uma virgem. No fundo da igreja, o Dr. Carlos a observava. Cristina não olhou para ele. Tremia. Roberto apertou-lhe o braço finda a cerimônia e segredou-lhe:

— Já terminou, querida... não tema...

Ele compreendera seu nervosismo. Vestida de noiva! Noiva não queria dizer pura?... E da já não o era. Mas seria preciso manter limpo o seu nome. Tão-somente por causa do pai a quem queria provar que não era tão leviana como ele estaria pensando. Queria que ele novamente tivesse confiança nela e voltasse a tratá-la como antigamente. Que não a julgasse uma perdida. Roberto assegurava-a dando-lhe seu nome. Era o amparo que ela necessitava. E firmava-se em três letrinhas apenas, "Gyl": Senhora Alcântara Gyl.

Não precisa preocupar-se mais com aqueles terríveis incidentes do passado.

Só o futuro importava então, como lhe dizia Roberto.

# Capítulo IV

Um mês depois a jovem, casada, retornava de sua viagem de núpcias. Cristina tudo fizera para que Roberto se sentisse feliz. Não o amava, porém esforçava-se por lhe ser fiel e carinhosa e nisso se firmava seu reconhecimento. Ela agora pertencia a ele. Era sua esposa, cismava dolorosamente, revivendo a vida feliz de solteira, que o tempo levaria de roldão.

Os dias felizes de cônjuge que sonhava viver com Marcos, viajando e divertindo-se, teria que passá-los ao lado de outro homem, encerrada naquele apartamento acanhado.

As lágrimas incontidas caíam uma a uma sem parar. Mesmo assim, refletindo, retrocedendo em conjecturas, não chegava a compreender os verdadeiros anseios que escondia na alma. E o passado lhe parecia uma gargalhada de carnaval que não poderia durar para sempre. E se perguntava ensimesmada: — "Teria amado Marcos?"

Não tivera oportunidade para analisar suas reais emoções naqueles tempos. Sua vida transcorrera feliz demais. Marcos fora apenas o companheiro ideal. O acicate para suas vontades. Julgara-o perfeito, porque concordavam nos mais insignificantes pensamentos. Seria isso tudo? Teria sido amor o que a levava a praticar aquele ato? Sabia que não. Então por que se entregara a ele? Agora que poderia responder era tarde demais. Seria inútil arrepender-se. Não tinha solução. Fora a certeza de que seria feliz e de que tudo transcorreria conforme sua vontade. Que não existia ninguém no mundo capaz de desagradá-la. Mas houvera sim: A Fatalidade! Deixara-se levar por aquele *momento* de emoção aventureira, porque nunca se preocupara com o dia por vir. Nunca se perguntara: O que é certo? O que é errado? Tudo que ela fazia estava de acordo fosse o que fosse. E foi por isso que, para satisfazer um desejo de minuto, motivara uma desgraça para a vida inteira. Por fraqueza dos sentidos, por um punhado de juras e promessas que nem sequer a tinham emocionado por amor. E o que era amor?... O que era amor afinal?... Seus sentidos clamavam por esse sentimento. Fora enganada cruelmente, enganada por si própria. E fora como um pesadelo o transcorrer dos dias imediatos. Algumas horas no paraíso para depois despertar no inferno.

Nesse momento, Roberto acercou-se dela e inadvertidamente abraçou-a pela cintura. Cristina tentou desvencilhar-se de seus braços. Não queria que ele percebesse que estava chorando. Ele porém a reteve fortemente contra o peito,

— Cristina... parece incrível que depois de um mês de casados eu tenha sempre que excitá-la... exigir que seja minha... que me faça carinhos...

— Roberto... não falemos nisso agora, por favor...

— Sempre a mesma coisa. Quero-a, Cristina. Não é possível continuar assim...

— Dessa maneira? — completou ela enraivecida. — Você nunca me deu oportunidade para demonstrar-lhe minha grati...

Roberto apertou-a rudemente impedindo-a de terminar e encolerizado esbravejou:

— Isso mesmo! Gratidão! Gratidão por tê-la querido quando já pertencera a outro... outro que nem sequer pôde viver para livrá-la de cair no ridículo... E será que ele se casaria mesmo, depois de ter...

— Oh!... Como pode ser tão cruel?... — Depois ela não disse nada. Sufocou o pranto que lhe estourava no peito.

Tentou ainda livrar-se dos braços dele, porém não conseguiu. Ele estava colado nela como um

polvo. Imobilizou-a e ferindo-a com a pressão forte de seus membros retesados.

— Cristina... eu a desejo...

Roberto delirava ofegante. Suas mãos percorriam-lhe o corpo desenfreadamente. Agarrava-a ainda pelas costas. Apalpou-lhe os seios por cima da fazenda fina do *negligé*, tateou-a inteira, querendo conhecê-la mais do que já conhecia, Mordiscou-lhe a nuca resmungando impropérios.

Cristina parecia desfalecer de pavor. Não podia ser Roberto aquele homem de cuja boca saíam palavras tão chocantes. Sentiu uma onda de frio e de calor percorrer a espinha, como se sentisse prazer.

— Oh!... solte-me, Roberto... não quero... não quero...

Correram pelo quarto numa luta tumultuosa, derrubaram mesas e cadeiras. Vasos foram espatifados. Roberto subjugou-a e atirando-a sobre a cama, desnortado, arrancou uma a uma as peças que a vestiam e, como um animal, possuiu-a, esbravejando que ela lhe pertencia.

Deixou-a depois ofegante e saiu do quarto, rastejando como um animal ferido.

Cristina meio desfalecida comprimia as mãos contra o peito e chorava baixinho.

Ah! se tivesse surgido alguém para salvá-la das garras daquele bruto! Alguém forte e destemido.

\* \* \*

Veio-lhe então à lembrança o nome de Alexandre. Como seria ele? Para ela não passava de um vulto, envolto em suplícios de recordações. Ouvira tão pouco a seu respeito.

Nunca lhe viera à cabeça a curiosidade por conhecê-lo. Por que então agora se lembrava dele? E procurava dar-lhe formas e murmurava seu nome como a chamá-lo para que fosse salvá-la mais uma vez.

\* \* \*

À noite Roberto voltou cabisbaixo; ostentava no semblante um visível sofrimento. Estivera meditando a tarde toda. Entreabria os lábios para falar, acercava-se dela, erguia a mão para acariciá-la, porém afastava-se temeroso e envergonhado. Cristina também não sabia como portar-se diante dele. Estava arrependida por tê-lo repudiado. Talvez que se o tivesse tratado com carinho, ele não teria procedido daquela maneira revoltante. Afinal era esposa dele. Ele tinha todo direito sobre ela. Reuniu forças e, finalmente, acercou-se dele vagorosamente, a cabeça inclinada, os olhos fitos no chão.

— Roberto... perdoe-me...

Ele, não se contendo de emoção, apertou-a nos braços e beijou-a com delicadeza.

— Fui um animal, Cristina... Estou envergonhado...

— Não, Roberto... você tinha razão...

— Prometo que nunca mais agirei de tal maneira... eu a amo, querida, quero fazê-la feliz...

— Eu sou feliz... Você é tão bom... não sei como...

— Não consegue amar-me, não é isso? — Interrompeu-a, forçando um tom calmo de voz. — Ao amor não se impõem leis, não se obriga, porém sei que posso contar com seu reconhecimento e tê-la como amiga... como minha esposa. É mais do que eu poderia esperar. Tive a sorte que poucos tiveram...

Cristina soluçou. Refugiou-se nos braços dele comovida. Era mais um que sofria por sua causa. Como poderia forçar o coração a amá-lo? Roberto fora compreensivo — "Ao coração não se impõem leis!" — Entretanto Cristina pensou: — E não hesitei em magoar papai com decepção tão medonha. Nem sequer pensei nas conseqüências — e a ele queria com devoção e respeito. Fora leviana e egoísta e viveria com essa mágoa a queimar dentro do peito como castigo.

Roberto acariciou-lhe os cabelos.

— Pobre querida... tem sofrido muito... venha. Hoje iremos passear. Vamos aprontar-nos. Precisamos sair um pouco... sair em companhia de outros.

Cristina deixou-se levar pela mão. Ele abriu o guarda-roupa, tirou de lá um vestido e jogou-o em seus braços.

— Vista-o. Esse é o que mais aprecio. Você fica linda de azul. Em seguida saiu do quarto, atirando-lhe um beijo com a ponta dos dedos e em seus lábios finos, por sob o bigode acastanhado, coloriu-se um sorriso brejeiro e contagiante. Cristina sorriu também, agradecida. Vestiu-se e para espantar os pensamentos que queriam dominá-la pôs-se a cantarolar.

Os minutos transcorreram lentamente. Roberto já a chamara diversas vezes.

Finalmente ela atendeu-o.

Um assobio de admiração escapou dos lábios dele, quando a viu surgir no patamar. Os cabelos soltos, muito negros, caindo sobre os ombros pálidos. A pele cetinosa em tom de pêssego, aclareando-se na curva dos seios. O corpo bem torneado, ondulando pelas escadas. Quase não se conteve diante da beleza da esposa. Parecia um menino sofrendo a alucinação de um sonho de fada.

O fonfonar persistente da buzina de um automóvel chegou-lhes aos ouvidos. Saíram apressados e entraram no auto que os esperava, já com a porta aberta. O casal de amigos reclamou em tom malicioso a demora dos dois.

Durante o trajeto Cristina quase não falou. Claudia, irmã de Roberto, entretanto não parou um só instante. Batia nas costas de Rui, seu marido, ria-se das próprias piadas que contava. Voltava-se para Cristina encabulada com seu silêncio, reprovando sua seriedade.

— Ih!... não sei não... Tenho uma vaga impressão de que você preferiria ter saído sozinha com Roberto... A lua-de-mel ainda não acabou?... Gostou, hein?!

Cristina sorriu envergonhada e replicou:

— Qual!... Você só serve para contar piadas...

— Sabe, vou contar-lhe um segredo, Cris — disse Rui inclinando-se para o lado dela, em tom de confidencia. — Nem enquanto dorme ela consegue calar-se...

— E ele responde... — retrucou Cláudia soltando uma estridente gargalhada. Roberto riu e seu riso zombeteiro contaminou Cristina.

Cláudia entrementes rebuscava algo mais para dizer. O desejo dela e do marido era unitário. Rir e cometer disparates. Falar coisas sem nexos e indecorosas. Chegavam a comparar pessoas com animais, disseram então que Cristina parecia uma garça aborrecida. Sim. Na realidade havia muita semelhança. Rui parecia realmente um esquilo e Cláudia uma fêmea de hipopótamo que perdera as banhas.

Roberto finalmente teve que apaziguá-los e pôr fim às comparações ridículas que haviam acabado por ferir a vaidade dos dois humoristas.

O riso agora escondia uma espécie de rancor.

Roberto e Cristina riam-se do mutismo súbito dos dois e, mais tarde, deixaram-nos ainda enfebrecidos a trocarmos palavras ofensivas.

# Capítulo V

Alguns meses se passaram. Não poderia existir homem melhor, nem mais compreensivo do que Roberto. Não permitia que qualquer sombra do passado se intrometesse em suas vidas.

Sem vacilar, para satisfazer a vontade dela, mudara-se para a casa do sogro. O que lhe importava era vê-la satisfeita. Longe do pai vivia inquieta, preocupada com sua solidão.

Roberto não tinha por que se queixar do Sr. Fernando que o tratava com muito respeito e estima. Cristina observava-os e se conformava ao vê-los conversarem animados e unidos por uma perfeita comunhão de idéias.

Uma sensação de bem-estar aproximou-a de Roberto. A bondade dele cativava-lhe um profundo afeto de reconhecimento. Ele, por sua vez, vivia às voltas com surpresas e dispensava-lhe uma atenção igual à dos tempos em que haviam sido companheiros de estudo.

Nieta, sempre prestativa, rodeava-a com exageradas atenções, satisfeita com seu regresso ao antigo lar.

Roberto tomara as rédeas dos negócios do sogro que o acompanhava a distância, orientando-o como um pai.

Entrementes, nos momentos em que se encontrava só, Cristina percebia, dentro do peito, assim como que um vazio enorme e descobria em todos os seus gestos e devaneios uma felicidade falsa e uma segurança desequilibrada. Uma falta de carinho que Roberto não poderia nunca satisfazer, porque não o amava. Um desejo de viver livre, *sem* ter que preocupar-se com quem quer que fosse. E revoltava-se, sem compreender a razão da tristeza que a apoquentava. Eram tantas as mulheres que a invejavam, tantos também os homens que gostariam de estar ocupando o lugar de Roberto! E ela sentia um vácuo em torno de tudo. Não encontrava motivo para que a invejassem. Ao seu redor tudo se impregnava de felicidade, mas não participava dela. Não sentia dentro de si a calma e o conformismo de quem sabe viver. Sentia-se lograda pela vida.

Parecia uma corça esquivando-se desconfiada, interrompendo conversas, fugindo dos amigos como se temesse que eles lhe fizessem perguntas indiscretas. E não compreendia do que poderiam desconfiar. Em todas as palavras acreditava que se escondiam mordazes dúvidas suscitadas pela sua súbita decisão em esposar Roberto.

O coração constrangia-se-lhe frustrado pelos seus sonhos de moça solteira. Uma melancolia infinda estendia-se dentro dela. Por mais que se esforçasse, não conseguia participar da alegria dos outros. Não conseguia interessar-se pela vida social. Os atrativos dos suntuosos bailes de elite não lhe proporcionavam mais interesse. Tudo lhe parecia fútil e indigno dela. Se era possível sofrer tamanha mudança, Cristina acreditou que se tornara uma estátua, escondendo um coração intacto.

Não era mesmo possível desfazer-se da angústia que lhe esfarrapava a alma. Tinha vontade de fugir. Correr em busca de nova vida. Sair em busca de aventuras. Desejava amar. A mocidade queimava-lhe nas veias. Queria vibrar e caminhar ao encontro do amor, chegar cansada ao fim da vida, mas cheia de viver... farta de amor e de carinho. Porém, imposta pela sociedade e firme num princípio de moral e dignidade que devia ao marido e ao pai, ela se proibia e não se deixava influenciar pelos pensamentos e pelos sonhos que começavam a assaltá-la durante a noite.

Das trevas da inconsciência, um homem surgia a caminhar em sua direção, com os braços estendidos para agarrá-la.

Ao invés de fugir, corria ao encontro dele ardendo de desejo, porém ele se desfazia misteriosamente e ela se sentia arremessada em um abismo profundo. Em seguida debatia-se contra águas revoltas que a arrastavam e sacudiam-na violentamente. De novo ele surgia e tomava-a nos braços. Carregava-a por corredores intermináveis que eram emaranhados de árvores e ele ia despindo-a pelo caminho, afagando-a com o rosto colado ao seu. Sem conseguir abrir os olhos, ela tentava vê-lo. Mãos rudes seguravam-na com torça. A sensação pela qual se deixava dominar despertava-a trêmula, como se realmente tudo tivesse acontecido. Como se o auge do delírio fosse interrompido por dores. E, durante o resto desses dias de sonhos, surpreendia-se a proferir em surdina, em evocação, um nome de homem que lhe queimava na cabeça com estranho poder.

Chegou então o momento em que não se conteve mais.

Uma tarde, chamou Nieta. Pediu-lhe que lhe fizesse companhia. Não estava disposta e nesse dia permaneceria na cama. E de assunto em assunto teve coragem afinal de perguntar-lhe meio vacilante e muito curiosa.

— Nieta... que aconteceu com Alexandre?... Quem é ?...

— Ora, Alexandre deve estar lá por Aquajoso, escondido como bicho-do-mato. Você não chegou a conhecê-lo porque, na tarde em que chegamos, ele tinha ido até à cidade fazer compras e vender os queijos que a mãe faz com as sobras do leite. Só apareceu afortunadamente naquela tarde... mas, para que falarmos sobre isso? — perguntou, com receio de provocar recordações penosas. Cristina não lhe fez caso e continuou exigindo que ela falasse de Alexandre. Não podia conformar-se: — "Um vendedor de queijos"!

Um homem como Alexandre vendendo queijo de porta em porta!...

Nieta procurou envolvê-la com outra conversa. Cristina insistiu:

— Fala-me dele, Nieta. Afinal que mal há? Ele salvou-me a vida, não foi? Sempre me despertou curiosidade saber quem é. Quero que me conte tudo que sabe a respeito dele.

Nieta sentou-se num canto da cama e deixou transparecer entusiasmo em sua expressão.

— Está bem, Cristina. A vida daquele rapaz é na verdade interessante. Tenho muito que contar. Na realidade é um figurão, um belo tipo de homem, mas... há qualquer coisa de brutalidade em suas maneiras, parece um... — meditou, franziu o sobrecenho e por fim fez a comparação — ...um estivador. Se não fosse ele, entretanto, há muito tempo aquela estância não existiria mais. As plantações teriam sido dominadas pelos cipós e se confundido com a mata. As águas do rio durante a enchente teriam devastado tudo, não fossem os cansativos dias em que se consumiu, sozinho, com o serviço de irrigação. Não restaria nem mesmo uma só tábuca dos bangalôs. E o gado?!... Há muito teriam se extraviado as últimas cabeças que restam. Não posso compreender como é que ele dá conta de tudo sozinho. Durante algum tempo, tiveram alguns colonos trabalhando lá. Pelo que eu soube, a filha de um deles andou se embeijando por Alexandre e aconteceu o inevitável... Alexandre não é homem com quem se brinque. Resultou que ele não quis casar com a moça que também não era lá muito direita, o que ocasionou uma encrenca tremenda. Os colonos revoltados abandonaram a estância e provocaram uma situação difícil para ele. Os bandidos souberam vingar-se, instigados pelo pai e um rapaz que amava a jovem. Queimaram todo o milharal e soltaram o gado que fugiu dispersando-se pela mata afora. Destruíram diversos bangalôs, os mesmos que lhes haviam servido de morada. Depois disso, continuaram a desviar e a interceptar os homens que queriam trabalhar para ele. Chegaram a causar muitas mortes. O Sr. Fernando resolveu, devido à insistência de dona Teresa, pôr um fim àquela série de vinganças, não arranjando mais ninguém para mandar à lavoura. Desfez-se das preocupações deixando a estância entregue a Rosa e Alexandre. Fizeram uma espécie de transação. Alexandre como que alugou a estância. Seu pai nunca mais quis voltar para lá. Não vendeu a fazenda por sentimentalismo. Ele e a esposa haviam sido muito felizes ali. Isso tudo aconteceu quando você estava no internato. Um pouco antes de dona Teresa falecer.

Cristina sentou no meio da cama, com o queixo apoiado nos joelhos, e, como uma menininha

enlevada que escutava a ama contar histórias, pediu ansiosa:

— Conte-me mais, Nieta. Que sabe mais? Quem era o pai dele?

— Era um dos empregados preferidos do Sr. Fernando. Era ele que inspecionava e prestava contas de tudo. Um italiano maluco que vivia encarcerado com a polícia por causa de mulheres. Entretanto, sempre foi cumpridor de seus deveres. Tal pai, tal filho, sabe? Mas agora parece que Alexandre já não sente atração tão mórbida pelas mulheres. As saias não o enfeitiçam mais, desde que uma sevilhana lhe matou o pai. Foi terrível! O coitado do italiano ficou que era só sangue! A espanhola ciumenta soube cortar-lhe com mestria o pescoço, com uma navalha bem afiada. Cruz, credo! Estava lá com sua mãe aproveitando a temporada da colheita. Foi mesmo impressionante. Alexandre quis vingar-se e acabou sendo detido. O Sr. Fernando gastou tempo e dinheiro para tirá-lo da prisão. A pobre Rosa que vivia brigando com o marido perdeu o juízo. É por isso que ela e o filho vivem ali como dois bichos fugidos do mundo. Alexandre não sossegou enquanto não mandou para o inferno a sevilhana e o bandido do irmão da Rosinha, a cabocla... a tal a quem Alexandre fez mal... Até hoje não compreendo como foi que ele conseguiu livrar-se das grades da prisão. Ficou tudo por isso mesmo. E o tempo tratou de esconder seu passado. Também não compreendo por que seu pai gostava tanto daquele endiabrado. Andavam sempre juntos. Alexandre parecia a sombra do Sr. Fernando. Era um moleque sabido. Até eu não posso deixar de sentir por elo uma simpatia estranha. Parece que aquele miserável possui o encanto do diabo.

Cristina estava estarecida e absorta. Quanta tragédia! Que vida a daquele homem! Enlevava-se cada vez mais impressionada com a narrativa de Nieta. Em sua imaginação, via-o ir e vir pelos corredores da casa-grande de Aquajoso, provocando distúrbios, impregnando tudo com a envolvência de sua personalidade dominadora. Não se dava conta de sua perturbação. O interesse que a arrastava a fazer mais perguntas era-lhe de todo incompreensível. Impressionava-a, deveras, qualquer palavra proferida acerca de Alexandre. Ao murmurar o nome dele, como que fustigados por uma carícia, seus lábios se contraíam e a voz morria-lhe na garganta, como se tivesse medo. Como se fosse algo proibido. As mãos ficavam geladas e um suor frio escorria-lhe pelas costas. Retesou-se toda quando Nieta, instigada por ela, contou-lhe com minúcias, como Alexandre a salvara de morrer afogada e de que maneira a carregara em seus braços musculosos.

Então seus sonhos tinham uma explicação?!

Uma onda de frio intenso percorreu-lhe a espinha dorsal. Seus olhos lubrificaram-se voluptuosos. Parecia sentir a força daqueles braços quentes e molhados ao redor de seu corpo, apertando-a atrevidamente.

— E depois?... que fez... quando me carregou em seus braços, olhou-me muito? Que expressão tinha no olhar?...

— Mas, Cris!... Não compreendo!... Essas perguntas!...

— Ora, Nieta, é curiosidade... curiosidade apenas, — concertou antes que a dúvida e a indignação se colorissem, mais, no rosto da perspicaz narradora.

— Bem, eu estava muito assustada e... — fez uma pausa, olhou ao redor como se lhe fosse fazer uma confidencia, diminuiu o tom de voz e continuou: — Para falar a verdade, fiquei mesmo intrigada com a maneira com que ele a olhava. Parecia querer devorá-la. Cheguei a pedir-lhe que a soltasse porque...

— Por que o que, Nieta? Diga. Não tenha receio, — disse excitada. A malícia coloria-se na expressão de Nieta, que mordeu os lábios para expressar com mais vivacidade sua indignação.

— Estava-a rodeando com os braços de uma maneira esquisita. Não era necessário apertá-la tanto. E as mãos dele pareciam enterrar-se em suas coxas. Quando a despi, momentos depois, as marcas dos dedos dele estavam bem visíveis em suas carnes. Ele é um sem-vergonha. É mesmo um bicho-domato. Não respeita nada. Aproveita as piores situações.

Cristina replicou:

— Você não está exagerando, Nieta?

— O que pensar senão isso depois do que presenciei? Ele deveria respeitá-la.

Cristina ofegou excitada por um ardor incontrolável. Suas expressões nunca haviam revelado, como então, tanta lascívia e sensualismo.

Nieta olhou-a intrigada. A jovem parecia uma múmia à sua frente. Os olhos com aquela expressão esquisita de alheamento. Os lábios entreabertos e distendidos, a respiração arfante. Nieta chamou-a hesitante e sacudiu-a pelo braço. Cristina baixou o olhar para o rosto dela e murmurou de si para si.

— Ah!... como eu queria conhecê-lo!

A outra retraiu-se vexada com a exclamação eufórica de Cristina. E, como se compreendesse em seu desprendimento uma despedida, saiu do quarto acabrunhada e muito intrigada com sua atitude exótica.

Horas mais tarde, Roberto também impressionado indagava-a. O absorvimento de Cristina não tinha explicação e era realmente alarmante. Já a chamara diversas vezes para jantar e desde que chegara não fizera outra coisa senão falar com ela, sem obter resposta. Sacudiu-a por fim nervoso e indignado.

— Cristina... Que tem afinal?...

Ela voltou-se para ele com os olhos arregalados, como se tivesse sido surpreendida na prática de um delito.

— Oh!... Roberto!... Perdoe-me, estava distraída. Não sei o que está me acontecendo. Não sei...

— E, enxugando as faces com a ponta do lençol, fixou nele as pupilas surpresas e melancólicas.

Roberto acercou-se mais e perguntou desconfiado:

— Em que pensava? Parecia um autômato!... Cristina desconcertou-se. Ficou vermelha e remexeu-se sob as cobertas. Depois respondeu com cinismo.

— Eu não pensava em nada. Absolutamente em nada.

— Impossível! Não creio. Daria um milhão de cruzeiros por seu pensamento...

O rosto dela iluminou-se com um sorriso. Depois, assaltada por um desejo incontrolável, voltou para ele meditativa e esperançosa.

— Daria mesmo?

Ao ouvir a resposta inquisidora, Roberto sentou-se ao lado dela e, enquanto lhe rodeava o ombro com o braço, murmurou em tom de joça.

— Oh!... não me diga que aceita a proposta...

— Não será preciso tanto, querido.

— Querido?!

Agora sim ele se sobressaltava com razão lógica. Quase não podia crer que aqueles lábios, tão frios e indiferentes para ele, tivessem proferido tal palavra. Pensou não ter sido exato o que ouvira e perguntou incrédulo ainda uma vez.

— Você disse... querido?!

— Sim. Foi...

Ele pôs a palma da mão em sua boca.

— Não fale. Prefiro acreditar que o disse para mim. Não diga que foi por acaso, ou por distração...

— Não ia dizer isso, querido.

— Oh!... mas há alguma intenção escondida por trás dessa frase carinhosa e dessa sua absorção. Você está tramando algo! Que quer? Diga.

— Quero... — E Cristina parou de súbito sem ter coragem para prosseguir.

— O quê? Sabe que não lhe negarei nada. Que está tostando nessa cabecinha?

Ela olhou-o penalizada. O coração despedaçou-se-lhe de *remorsos*. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Ficou em silêncio por alguns instantes, fitando-o com ternura. Por fim, disse sincera e meiga,

puxando-os para si.

— Eu quero que você me beije... muito, muito. Que me faça esquecer que existo. Quero ser sua... bem sua... como nunca...

Roberto, enfebreado pela emoção que lhe queimava o sangue, estendeu-se ao lado dela tímido e medroso como um menino. Como se pela primeira vez fosse tomar uma mulher nos braços! Como se nunca a houvera possuído. Sim. Na realidade era a primeira vez que Cristina se entregava a ele, que se oferecia.

Nesse momento Roberto realizava o maior desejo de sua vida. Tinha-a como verdadeira esposa e mais que isso: como amante. Ardendo de ansiedade por ele.

Mas... Cristina não vibrava. Excitava-o com carícias pensadas. Beijava-o maquinalmente. Abandonada e submissa, insensível e fria. O prazer extenuou doloroso e calado. Ao tê-lo sobre si, Cristina esmorecera como se as forças a tivessem abandonado. Seu corpo amoleceu e seus lábios contraíram-se dentro da boca que a beijava. Deixou que ele a possuísse porém não conseguiu lhe fazer mais nem um afago sequer. Estava passiva e assexuada.

Fechou os olhos e procurou, nas sombras da sua mente alucinada, o vulto do homem desconhecido que tivera o poder de excitá-la, durante toda a tarde, com um simples enlevo da imaginação. De novo o sangue ferveu-lhe nas veias. Era Alexandre que a possuía. Era ele que pesava sobre seu corpo, E então sentiu vibrar intensamente o desejo carnal que a consumiu num êxtase incontrolável.

A noite galopava tempo afora.

Roberto deixou-se ficar por alguns instantes em silêncio ao lado da esposa. Depois, pesado sono dominou-os.

Cristina, adormecida entre os braços do marido, tinha no rosto a expressão voluptuosa da embriaguez e, nos traços macios e lascivos de seus lábios, um nome se incorporava como a pedir um beijo e a clamar loucura:

— Alexandre!... Alexandre!...

# Capítulo VI

Esticando-se sobre a cama e bocejando exageradamente, Cristina prestava atenção ao ranger irrequieto dos sapatos de Roberto, que se aprontava para sair. Soergueu a cabeça e ficou a observá-lo com certa malícia.

Visivelmente irritado, ainda em cuecas, ele caminhava de um lado para outro.

— O que há, Roberto?

— Ih... ainda bem que resolveu acordar. Aconteceu algo terrível, dona Cristina de Alcântara Gyl — disse ele parando à frente dela de sopetão, com as mãos na cintura.

Ela sentou-se rápida, puxando as cobertas contra o peito.

— É tão grave assim, excelentíssimo senhor meu marido?

— Perdi a hora. Seu pai vai ficar arruinado e você é a culpada... O banco sem mim não funciona. Sou a nota de valor que registra tudo. O tesoureiro não pode faltar!

— Oh... decretei feriado, então?

— Sim, minha excelentíssima esposa.

— Que bom! E eu que lhe pretendia fazer uma proposta...

— Pois faça. Tenho ainda cinco minutos, subentenda-se, para almoçar.

— Puxa!... É tão tarde assim?

— Uma hora da tarde exatamente. Diga-me uma coisa, senhorita, seus lábios contêm ópio? Creio que fiquei embriagado esta noite.

— Creio que sim, cavalheiro. Sou uma papoula, não sabia? Roberto beijou-lhe a testa e sorrindo se afastou. Cristina quis retê-lo. Ajoelhou-se no meio da cama e fez um gesto para chamá-lo:

— Alex...

Seus lábios contraíram-se lívidos. O sangue fugiu-lhe das faces. Que ia dizer?!... Como?!... O nome de Alexandre escapando-se-lhe sem mais nem menos da boca?. Porventura pensara nele?! Toda sua tranqüilidade se esvaía na tonalidade palpitante daquele nome. Estava intoxicada pela constância daqueles pensamentos alucinantes. Nesse momento percebeu em que perigo se aprofundava.

Seus olhos temerosos procuraram os olhos do marido, Roberto estava feliz demais para tê-la entendido. Aquela lapso passara-lhe despercebido. Parado à sua frente, já pronto para sair, continuava com a mesma expressão sorridente e despreocupada. Aguardava que ela lhe dissesse o que pretendia. Cristina levantou-se e acercou-se dele graciosamente, espantando o pavor que provocara. Passou os braços ao redor de seu pescoço e beijou-o duas vezes com carinho.

Roberto afastou-se com um gesto brincalhão.

— A senhorita quer que eu decrete, mesmo, feriado?

E deixou-a em seguida sem que ela tivesse coragem de confessar-lhe seu obcecante desejo de passar aquele fim de semana em Aquajoso.

Cristina debatia-se de desespero, querendo livrar-se desse pensamento que já se tornara uma obsessão inevitável.

Por que tanto lhe martelava na cabeça a lembrança daquele homem que a tivera nos braços desfalecida, num1 comento de cruciante angústia? Mórbitos pensamentos descontrolavam-na provocando uma euforia de monólogos idílicos. Das sombras do quarto, desprendia-se um calor excitante como o

calor do aconchego de um corpo másculo feito só para provocar carícias. Era inadmissível o que lhe estava acontecendo. Estava sonhando por certo. Ao pensar em Alexandre, tudo nela despertava num sedento anseio por ardilosos momentos de luxúria. Nunca sentira desejos de ser estreitada por uns braços fortes, como nesse momento pelos braços daquele espectro.

E ele? Ele a teria desejado naquele dia? Nieta lhe dissera que seus olhos chispavam. Que as mãos dele se haviam marcado em suas coxas.

Cristina pulou fora da cama e como que dominada por súbita loucura se despiu rapidamente e correu para a frente do espelho. Esticou-se nas pontas dos pés, endureceu os seios, empinando-os para a frente e deslizou as mãos suavemente pela cintura. Perscrutou com regozijo a esbelteza clássica de seu corpo nu.

Era bela! Tinha certeza disso. Suas coxas perfeitas pareciam duas colunas feitas com intenções ocultas de provocar desejos. Seus seios eram róseos e erectos como dois grandes pêssegos maduros. Afagou-os envaidecida e prendeu nos lábios um suspiro lascivo. Já pertencera a dois homens e sentia-se pura e casta como uma virgem. Porque seu espírito não vibrara em unísono com a matéria. Fora frio o espasmo do desejo. Apenas uma contração dos nervos da sensibilidade sexual. Uma emoção lápida e incompleta. Uma reação animal, nada mais.

E ali estava ela admirando-se, a procurar defeitos para escondê-los de um homem. O único homem a quem haveria de entregar-se realmente, um dia, por amor e desejo.

De repente como se caísse em si, ficou vermelha como uma romã e fugiu da imagem que imprevisivelmente a envergonhava, como se tivesse sofrido por momentos a perda da razão e atentado contra o pudor, procedendo como uma pobre alienada.

Atirou-se contra as cobertas e chorou copiosamente, abatida pelo pungir da consciência.

Não queria trair Roberto. Não queria magoar mais uma vez o pai.

Era veneno o sangue que lhe corria nas veias. Era fogo que ardia em seu sexo. Brasas se escondiam sob as carnes de seus seios. Seus lábios febris e envenenados pelo desejo que se desprendia do nome que ela se viciara a proferir. Alexandre! Só Alexandre!

Como uma pobre desequilibrada, Cristina esfregou-se numa sanha doentia contra as cobertas e mordeu o travesseiro como se estivesse prendendo entre os dentes a boca daquele homem que a atormentava no silêncio das distâncias.

# Capítulo VII

Ela não escondia mais sua alucinação. Roberto, intrigado com as suas atitudes irrequietas e desconcertantes, tentava descobrir o que a arrebatava de tal maneira, deixando-a ficar por horas enlevada num desprendimento dos sentidos, tão intenso, que para despertá-la era necessário sacudi-la e gritar-lhe aos ouvidos.

O Sr. Fernando considerou que deveriam consultar um psiquiatra. Sua filha estava sendo vítima de uma perturbação mental. Talvez uma reação "psicológica" provocada pelos incidentes passados. Recalques naturalmente. Cristina sufocara suas torturas íntimas e agora elas subiam à tona fervendo por um desabafo e a coisa aborrecia. Andava irritadiça e impertinente. Qualquer coisa a descontrolava.

Cristina, entretanto, quando liberta das estranhas alucinações, combatia tenazmente a idéia de consultar um psiquiatra. A doutrina de Freud, se valia para alguma coisa, não serviria para ela, que não estava louca. Se pudesse tirar proveito das teorias do famoso cientista, ela saberia utilizar-se delas sozinha. Lera e compreendera suficiente para resolver sua situação. Haveria de livrar-se dos espinhos de seus pensamentos, sem precisar submeter-se a tratamentos. Tudo passaria com o tempo. Bastaria um descanso longe do turbilhão da cidade. Desculpas, que alimentavam o seu incontrolável desejo de partir imediatamente para Aquajoso. Ela fizera dos seus sonhos e da lembrança de Alexandre um motivo, uma ilusão para continuar a viver. Por mais doloroso que fosse, a verdade é que ela não queria libertar-se daquela obsessão. Havia momentos, entretanto, em que ela se acreditava incapaz de estar fomentando sonhos impossíveis. Era árdua e constante a luta em seu cérebro, contra a orgia bárbara dos pensamentos que a destruíam. Uma noite confessou ao esposo seu desejo de sair da cidade. Propôs com muito tato, quando ele lhe perguntou, carinhoso, para onde desejaria ir, que fossem para Aquajoso.

Roberto consultou o sogro. O Sr. Fernando propôs que voltaria a tomar conta dos negócios e que eles embarcassem em seguida, acompanhados por Nieta. Concordava que não existiria melhor lugar para aproveitar férias de descanso.

Cristina, com muito jeito, convenceu-se de que Nieta deveria ficar. Preferiria ir só com Roberto. Seria como que uma nova viagem de lua-de-mel. Movida por um pressentimento estranho, sentira uma imprescindível necessidade de evitar que ela os acompanhasse.

Durante mais de uma hora, depois de ter arrumado toda a bagagem, ficou trancada no quarto, indecisa, querendo retroceder, sentindo inexplicavelmente que tudo dentro dela se contraía com repugnância, pela intenção indigna que se escondia por trás de sua expressão abatida.

Estava traindo o marido de minuto a minuto. Como uma prostituta. Pior que as mercadoras de prazer que se expõem pelas ruas e se oferecem aos homens; estava a correr atrás de um desconhecido, de um homem medíocre, um reles vendedor de queijos com passado duvidoso, devendo anos ao cárcere. Mas aquela atração mórbida por Alexandre já não poderia ser combatida, por mais que o desmerecesse. Enlouqueceria se continuasse com aqueles pensamentos cauterizantes, se não satisfizesse aquele desejo insano de vê-lo. De vê-lo ao menos. Então o sonho teria que desfazer-se ao ter diante de si a imagem de seu perseguidor. Tinha que enfrentar o perigo. Concordava com Freud. Os pesadelos haviam tido fim quando descobrira a causa que os provocava. Na realidade o sonho fora-se transformando pouco a pouco desde que mantivera aquela palestra com Nieta. Não deixara de sonhar, porém, não era pesadelo. Não despertava mais com aquelas terríveis dores. Seus devaneios produziam, então, sensações paradisíacas por influência de convergir para Alexandre a expressão exata de um ideal criado em sua imaginação sensível e apaixonada.

A idéia de que Roberto descobrisse seu segredo, a causa de sua perturbação, enregelou-a. Nutria pelo marido o mais profundo reconhecimento e lutaria contra tudo para livrar-se das garras dos seus próprios instintos. Roberto era seu esposo e o único homem em que poderia confiar sempre. Seu pai, porquanto já muito idoso, não poderia sofrer mais um desgosto. Custara tanto refazer sua vida tranqüila. Por que e com que direito iria ela amargurar os últimos dias de seu adorado genitor? Lágrimas sentidas rolaram de seus olhos. Maldisse a hora em que se deixara dominar pelos desejos infernais da carne vil. Se fosse capaz., buscaria na bainha de um punhal a solução para livrar-se daquele instinto vulgar. Não hesitaria mais e rasgaria as veias uma a uma para que o sangue infestado por aquela ânsia mórbida escorresse como lodo pelo chão. Nem isso. Não teria coragem para roubar-se à vida. A febre do desejo dominava-a por intenso. A carne delirava em contrações espasmódicas em evocação àquele homem. Só mesmo enfrentando o perigo, indo ao encontro daquele espectro persistente, para despertar. Era a única solução que se lhe apresentava. Ficaria decepcionada ao ter diante de si o homem rude, selvagem, de aspecto sujo. Talvez então ela pudesse concentrar-se unicamente em Roberto. Dedicar-lhe seu amor e ser dele realmente. Não trairia o marido. Não se deixaria vencer, custasse-lhe muito embora a própria vida. Jamais seria daquele homem. Assim decidiu para ter coragem de ir ao encontro de Roberto, para partir.

Entretanto, sua escrupulosa decisão não bastou para impedir que a tocha de seus desejos, como a eletricidade irascível de seu corpo, continuasse a rugir e a crescer em todo seu ser.

Não conseguia, por mais que tentasse falar com calma e tranqüilizar-se ao lado de Roberto, que a vibração de seus nervos e seu desejo oculto fossem aplacados. Seus olhos brilhavam com um ardor quase colérico. E ela, envergonhada, sentia brusca repulsa alterar-se inopinadamente, sem encontrar explicação para a tormenta que ascendia em seu espírito. Sua imaginação persuasiva e copiosa impulsionava seus temores. Cristina falava baixo com receio de trair-se num tom de voz quente e revelador. Seu peito arquejava ruidosamente e seus músculos faciais contraíam-se numa resistência quase inútil, porque no brilho de seus olhos transparecia, ardente, a voluptuosa sensação que a arrebatava, pelo inexplicável sortilégio que possuía aquele nome que se repetia ininterruptamente, galopando como o corcel da luxúria pelas suas entranhas, cada vez mais adentro.

Entregou-se, afinal, à submissão fatal dos pensamentos. Abandonou-se à imperativa atração pelo desconhecido. E no desordenado curso de sua imaginação, ora cedendo, ora lutando, depois entregando-se, surpreendeu-se num espasmo clônico e quase não pôde conter um grito, ou um gemido de prazer. Começou a tremer e a passar as mãos pelo rosto como se quisesse assim descompor os traços da luxúria que ali se expressavam tão vivamente.

Roberto olhava-a assustado. Por certo acreditava ter visto no rosto da esposa a expressão da loucura.

Com eloquência e numa decisão irrevogável Cristina ergeu-se de chofre e puxando-o pelo braço murmurou:

— Vamos voltar, Roberto... — e repetiu com suprema angústia: — Leve-me de volta...

Roberto fê-la sentar de novo. Sua atitude e a expressão de seu rosto revelavam uma tristeza imensa.

— Cristina, meu bem, não vê que já estamos muito longe e que já passamos pela última estação?

Só então ela percebeu os sacolejos do trem. Só então se deu conta do tempo que passara. Olhou nervosa pela janela. Estavam quase chegando. Lembrava-se daquela ponte de ferro, tomando vulto, se foi aproximando, afastando-se e acabou ficando para trás. Lançou o olhar chamejante por cima do mar verde das plantações de banana. Depois surgiram novas montanhas e se coloriam novas paisagens num vergel de flores.

Olhou para Roberto. Ele permanecia imóvel como que idiotizado, olhando-a e analisando-a detidamente. Cristina ergueu as mãos e escondeu nelas o rosto umedecido por um suor frio.

— Não me olhe!... gritou descontrolada.

Os dois únicos passageiros daquele vagão, empoeirado e acanhado que parecia querer desconjuntar-se e saltar fora dos trilhos, voltaram a cabeça e fitaram-nos interessados.

Um mais ousado acercou-se prestativo e perguntou:

— Sua senhora sente-se mal? Necessita de algo?

Roberto também quase fora de si respondeu laconicamente:

— Não, muito obrigado, meu senhor... — e o homem afastou-se balanceando os ombros como quem já cumprira com sua obrigação de cavaleiro. O resto, então, pouco lhe importava. E meteu a cabeça pela janela para admirar a paisagem.

Cristina continuou chorando convulsivamente. Pouco a pouco, porém, o cansaço começou a obliterar-lhe os sentidos e como uma pomba enxangue num arfar insólito foi reclinando-se sobre o peito de Roberto num abandono total. Os longos cabelos negros caíam-lhe sobre as faces avermelhadas pelo ardor do pranto. Seu nariz afilado parecia uma ponta de cigarro aceso. Suas pálpebras tremiam. Entreabria os lábios polpudos e deixava que por entre eles se escapassem profundos suspiros. Parecia ter desfalecido cansada pela espera cruciante do desenlace inevitável daquela tragédia que se concretizava em seus pensamentos. Que se marcava em sua própria carne. Tudo nela clamava em estremecimento de amor, pelo símbolo proibido que se tornara seu amante nas horas de sonho e de vigília.

Roberto retinha-a forte contra o peito. Sua paixão respeitosa pela esposa coibia-o de fazer-lhe perguntas. Estudava-a com carinho e esperava que ela de um momento para outro se pusesse normal. Nenhuma sombra de dúvida empanando-lhe os pensamentos. Nem sequer a sombra da desconfiança apontou em suas cogitações.

Cada soluço ofegando no peito de Cristina estremecia-o de dor.

E ele prosseguiu calado, abraçando-a com carinho como se quisesse acalmá-la e livrá-la do conflito de sua alma sensível.

Cristina sentia-se como uma cobra traiçoeira enroscada na haste de um lírio.

Uma voz sonolenta e arrastada ressoou pelo vagão escurecido:

— Aquajoso!... Fazenda de Aquajoso... Passageiros para Aquajoso...

# Capítulo VIII

Examinando lentamente os arredores, Cristina caminhava ao lado de Roberto hesitando em cada passo, sobressaltando-se com o simples cair de uma folha seca. Seus olhos irrequietos pareciam enxergar além da escuridão que os cercava. Os passos trôpegos denotavam o seu nervosismo. Súbito, levando as mãos ao peito, Cristina parou hirsuta, os olhos arregalados. As penumbras do entardecer sombreavam árvores pelo chão batido, formando desenhos interessantes. Roberto puxou-a pelo braço. Ela porém não se moveu. Desviou os olhos acompanhando o olhar dela.

Por entre as árvores um vulto deslizava fantasmagoricamente. Esperou alguns instantes e por fim voltando-se para ela tranqüilizou-a:

— Veja, tolinha, é a caseira...

A esse mesmo tempo, Rosa correu para eles dando mostras de satisfação.

Cristina abraçou-a enternecida respondendo às perguntas da pobre velhinha que não se fartava de elogiá-la e felicitá-la pelo marido que tinha.

Roberto enrubescido não escondia sua satisfação, já tomado de simpatia pela tagarela caseira.

— Parece até que eu estava à sua espera. Ainda hoje arrumei toda a casa e até troquei a roupa de sua cama... ah!... mas agora dona Cristina passará a ocupar o quarto que pertencia a seus pais, não é mesmo?

E Rosa lançou para eles um olhar malicioso e brejeiro.

— Não, Rosa. Prefiro continuar ocupando o mesmo aposento. Roberto ficará no quarto de hóspedes... — completou rápida, como se estabelecesse com essas palavras uma separação indefinida entre ela e o esposo.

Os grandes olhos de Roberto fixaram-se em seu rosto irradiando profunda indignação e por momentos ela acreditou que ele fosse dizer algo desagradável. Entretanto, apenas a olhou demoradamente, com os olhos marejados de lágrimas, como se quisesse comovê-la. Depois, estalando os lábios como se a resignação o assaltasse assim prontamente, bateu no ombro de Rosa com animosidade e explicou, dando também a entender para Cristina, que nada mais se diria a respeito:

— Cristina está muito doente... precisa de repouso e eu ronco muito...

Depois, um silêncio pesado caiu entre eles.

Cristina, de cabeça inclinada sobre o peito, os olhos fitos nas mãos crispadas, parecia envergonhada e arrependida do que fizera. Contudo limitou-se a tomar-lhe o braço e como uma gata satisfeita enterrou de leve as unhas no pulso dele, num gesto excêntrico de agradecimento.

Quando mais tarde se separaram, confundidos pela estranha situação, imposta por aquele punhado de palavras e pelas expressões indecifráveis de Cristina, esta atirou-se sobre a cama e ali ficou imóvel, com as pernas estiradas numa atitude de profunda lassidão preguiçosa.

Roberto, no outro aposento, caminhava de um lado para outro, tentando encontrar motivo para as complexas atitudes da esposa. Não atinava com outra razão que a já exposta pelo sogro. Devia ser mesmo uma perturbação mental. Recalque, uma neurose a que atribuiu como causa o abatimento moral que ela sofrerá. Muito embora ela nunca lhe tivesse falado nada sobre Marcos, tinha certeza entretanto de que não fora por amor que ela se entregara a ele. Estava embriagada, não pudera ter raciocinado. Marcos, pois, se aproveitara da situação. Cristina estava passando por uma fase de reconhecimento de si própria.

A natureza apaixonada que ela escondia dentro de si ainda não despertara. Não chegara o momento em que deveria acordar inteira para o amor.

Não transcorrera muito tempo após a morte de Marcos. Daí a fraqueza que sobreveio com o acidente que quase lhe roubara a vida, e que destruíra aquele pobre ser que mal tivera tempo para tomar formas, para que ela, sensível como parecia ser não sofresse uma conseqüência mais agravante que a tortura daqueles momentos de explosão de nervos. Ela havia reagido, combatido com o espírito forte, não demonstrando seus verdadeiros sentimentos, porém sua concepção de mulher frágil, cedo e logicamente, rendia-se à luta que por certo se travava em seu íntimo, no remordimento de recordações penosas. Roberto parou absorto. Jogou pela janela o toco de cigarro que esfarelara entre os dedos num gesto inconsciente. Deitou-se alimentando um último pensamento, cheio de esperança por melhores dias ao lado de sua amada esposa, crente de que nada mais poderia acontecer além de seu aparente abatimento e de sua esquisita embriaguez. Ela se acalmaria a pouco e pouco. Ele haveria de contribuir com seu silêncio e atenções para que ela se restabelecesse logo. Cristina precisava dele como nunca precisara de ninguém.

Tal pensamento encheu-o de felicidade, mas, logo caiu numa vaga de tristeza, por ser tão angustiante o motivo que o levava a protegê-la; por tê-la enferma ao seu lado e senti-la fugir cada vez para mais longe nas asas velozes do pensamento.

# Capítulo IX

Nem bem o dia clareara, Cristina já se pusera de pé e depois do vestir-se com especiais cuidados, para mostrar-se mais bela do que nunca, correu para a cozinha de onde sentiu vir um cheirinho bom de café e de pão de forno.

Rosa mostrou-se surpresa, por vê-la acordada tão cedo.

Cristina andando de cá para lá, debruçando-se em uma e outra janela, examinava tudo com curiosidade peculiar. Seus olhos inquietos vasculhavam os recantos como à procura de algo. Sim. À procura de alguém. Seus lábios porquanto contraíam-se numa dureza impenetrável, como se lutasse contra o alude de perguntas que queriam soçobrar copiosamente. Seus sentidos despertavam alvoroçados a cada pensamento que lhe afluía à mente.

Afinal, pôs-se mais calma e foi acomodar-se perto da mesa. Rosa serviu-a prontamente. Seus gestos delicados demonstravam o prazer que sentia por atendê-la. Era tão raro ter com quem conversar. Cristina sorveu um gole de café e, depois de fazer um elogio, conseguiu fazer a pergunta que tantas vezes reterá na garganta:

— Rosa...

— Sim, dona Cristina...

— Você tem um filho, não é verdade?

— Sim. E que homem bonito, patroa, só vendo que colosso! ...

— Mãe-coruja!... — gracejou ela escondendo sob as pálpebras a expressão de encanto que resplandeceu em suas pupilas.

Rosa riu gostosamente e continuou a falar em Alexandre com verdadeiro entusiasmo. Cristina por seu turno abstinha-se de fazer perguntas, mesmo porque não seria necessário. Rosa ia-lhe dizendo tudo, sem interromper-se sequer, para meditar e escolher palavras.

Em tudo só exaltava o controle de Alexandre. Ele, só, lavrava, plantava, colhia, empacotava e distribuía para os armazéns das pequenas cidades circunvizinhas o produto de seu trabalho. O lucro era pouquíssimo, mal dava para pagar o aluguel da estância, mas eles sabiam defender-se e sempre acabavam por guardar alguma coisa. Ela ajudava fazendo queijos que também eram distribuídos pelos armazéns já tendo fregueses certos. Aí Rosa fez uma pausa, para logo em seguida tirar de uma gaveta uma fita de cuja extremidade prendia uma grande medalha. Voltou-se depois para Cristina e com muita seriedade comentou:

— O prêmio pelo melhor queijo de toda redondeza... — Cristina congratulou-se com ela. Então não era como ela pensava! Alexandre não vendia queijo de porta em porta. Um sorriso de satisfação encheu-lhe o semblante. Rosa voltou a falar sobre o filho depois de guardar com muito cuidado sua medalha.

Em resumo, Alexandre era para era um "super-homem" — a expressão máxima da inteligência. O homem mais sagaz e másculo que poderia existir. Tinha estudado também, concluíra o curso de veterinário, mas, tivera por decisão do destino que afastar-se das outras fazendas e esquecer sua carreira.

Cristina lembrou-se do que Nieta lhe contara, a explicação não se fez necessária. Rosa falava então com mais vagar. Alexandre parecia não ter defeitos. Súbito, a expressão de seu rosto turvou-se e ela, voltando-se lentamente para Cristina que a ouvia com interesse, disse soltando um suspiro de profunda mágoa:

— Como não tem defeitos?!... É um bruto!... um verdadeiro animal! — e seus olhos encheram-se de rancor. — Não fosse meu filho, não o quisesse tanto, já o teria matado!

E Rosa retraiu-se num silêncio profundo, como se não tivesse mais nada para contar a respeito do filho. Cristina, que se sentira vexada com a brusca mudança da caseira, levantou-se e acercando-se dela perguntou timidamente, aguçada pela mais intensa curiosidade:

— Por quê?

— A senhora há de ver... ele cedo aparece por aí... dando coice.

— Mas, Rosa!... Você está me assustando! Por que haveria ele de fazer isso?

Cristina estava mesmo perturbada.

— Oh!... não fique com medo. Eu sou uma tonta. Uma velha idiota que não sabe o que diz. Alexandre vem cansado e eu ainda reclamo se fica um pouco nervoso. Ele até que é muito bom... Esqueça o que eu disse, Cristina... não acredite...

E pedindo licença Rosa deixou-a só. Levava na expressão perturbada um profundo vinco de dor.

Em pé, no meio da grande cozinha, Cristina ficou meditando por alguns segundos. Apenas a sua respiração se ouvia ali.

Inconscientemente, ajeitou os cabelos e resmungou acremente:

— As favas com esse... Esse o quê? Vendedor de queijos!... Às favas tanta preocupação... chega de pensar! Sou uma idiota... idiota... idiota!...

Depois saiu para a varanda. Pensava ir procurá-lo. Estava disposta a pôr fim àquela cruciante expectativa. Mas, medrosa como um criminoso planejando golpes, correu para o quarto e lá ficou grande parte da manhã, conjecturando um meio de aproximar-se dele sem despertar suspeitas. Nem mesmo sabia como poderia encontrá-lo e como o reconheceria. Quanto a isso era fácil, monologou depressa. Ele era o único homem por lá além de Roberto. E mesmo que houvesse outros não o confundiria entre eles. Seu coração haveria de pulsar num grito de alarme.

Enquanto fumava ia acompanhando os traços de fumaça que se iam desfazendo no ar.

Por sua expressão serena de então, não se diria que em sua mente um batalhar de pensamentos estava a dilacerar-lhe os nervos. Tinha ímpetos de descer para o pátio e gritar o nome dele e vê-lo surgir diante de seus olhos que estavam a luzir como duas tochas incandescentes. Somente através de suas pupilas, todo o conflito de sua alma se refletia.

Fez, desfez, refez planos mais planos e acabou eliminando um por um.

Levantou-se por fim nervosa e agitada. Remexeu gavetas, revirou tudo em busca de algo que lhe prendesse a atenção por minuto que fosse.

Os pensamentos, entretanto, venciam-na, dominavam-na, decididamente. Tinha a garganta seca. O coração pulsava violento. Parecia sufocar dentro daquele quarto abafado que cheirava a mofo. Foi abrir a janela. Passou o olhar ardente por cima do maciço relvado das árvores que se desenrolava como um mar de folhas verdes. Abrangia dali toda a região cultivada e a grande floresta. Admirou o rio estendido como uma faixa branca entre o verdor da mata. Prestou atenção ao marulhar das águas cascadeantes; na margem do rio um pequeno estaleiro se emoldurava velho e abandonado. Volveu o olhar para o bangalô de Rosa. Viu-a lidando na cozinha. De vez em quando estendia o pescoço em direção da janela e fitava ao longe como se estivesse esperando por alguém.

Foi então que Cristina prestou atenção no cercado junto ao bangalô. Lá estavam os dois cavalos pastando. Seus grandes olhos iluminaram-se. Num átimo deixou a janela, correu para o guarda-roupa e procurou o traje de montar. Vestiu-se rápida como nunca e desceu as escadas da grande sala. Saiu para o pátio, venceu ligeira a distância até o estábulo, e de lá voltou com um sela na mão.

Depois de ter selado um dos animais, montou graciosamente e fê-lo galopar estrada afora.

Cristina como amazona era impecável. Seus movimentos ritmavam-se com graça e presteza. Sua habilidade na equitação já impressionara bastante. Vencera inúmeros torneios hípicas e deixara muitos de

seus desafiadores vencidos envergonhados e de queixo caído. E mais ainda: com os bolsos vazios. Aceitava qualquer aposta porque tinha confiança em si.

Cristina estendeu o corpo para a frente e deu uma palmadinha acariciadora no pescoço do cavalo.

O animal relinhou como se estivesse agradecendo o afago e prosseguiu galopando como se não tivesse nada sobre o lombo. De súbito, instigada pela ânsia crescente de embrenhar-se pela mata em busca do objeto de seus sonhos, para enfrentar-se de uma vez com o espectro persistente e imutável de suas divagações, esporeou o pobre animal que disparou como doido. Curvou a cabeça com força desmedida como se quisesse arrancar das mãos dela as rédeas de couro negro. Cristina contudo instigou-o mais. Não freava. Obrigou-o a correr desbragadamente.

Cansado, a pouco e pouco o pobre animal foi diminuindo o galope. Cristina também estava vencida. E assim prosseguiram os dois, extenuados, durante mais de um quarto de hora. Os olhos dela, como duas águias sondando ao redor, vasculhavam os recantos ensombrados e pitorescos daquela mata deserta. O ruído das folhas afagadas pelo vento se misturava com o canto esquisito de pássaros desconhecidos. As águas do rio escondido naquela imensidão de troncos e folhagens da natureza selvagem completavam o hino feérico da solidão.

Tanta vibração e ela só...

Cristina desanimava. Uma raiva indecifrável e incontida nascia nela. Queria encontrar Alexandre para ofendê-lo e magoá-lo. Para vingar-se de sua demora, de seu pouco caso. Então ele não sabia que ela chegara? Não estava ansioso por vê-la? Rosa lhe deveria ter falado que ela estava lá. Não era possível que ela sozinha estivesse sofrendo aquela alucinação, ele deveria ter sentido a força de seu pensamento que corria para ele vencendo distâncias até atingir a desejada meta. Entre eles não seria necessário troca de palavra, para entenderem que pertenciam um ao outro.

Cavalgou em direção da enseada. O cavalo empinou-se como se não quisesse prosseguir. Cristina apeou. Gostou do cheiro das folhas e da terra molhada e respirou profundamente. Perscrutou as margens do rio. Descobriu do outro lado a grande roda hidráulica movimentando-se para que a estância recebesse água.

Foi até o estaleiro. Nem um vestígio de que alguém estivera ali. Caminhou ao acaso arrancando inconscientemente as folhinhas dos galhos rasteiros. As folhas das árvores pareciam purpurinas brilhando à luz do sol. A brisa branda refrescava-a. Tudo se combinava num aspecto voluptuoso de magia aventureira.

Foi terrível e imprescindível o súbito bater de seu coração. Por trás de uma capoeira, junto ao rio, um vulto ergueu-se de repente e caminhou em sua direção. Parecia Netuno emergindo das águas daquele rio murmurante. Cristina que parará tomada de surpresa perscrutou-o detidamente. Seus olhos percorriam-no com verdadeira gula. Aquele homem caminhando para ela teve o poder inenarrável de imobilizá-la por momentos que lhe pareceram intermináveis.

Nu da cintura para cima, ele exibia um tórax amplo e másculo. A sua pele era lisa e de cor morena crestada pelo sol. Admirou a musculosa formação de seus braços. A sua elevada estatura e o desalinho de seus cabelos encaracolados e negros. Fascinada pela agudeza fria de seu olhar, ficou esperando que ele se acercasse mais.

Em silêncio, Alexandre parou à frente dela e ficou a olhá-la como se também estivesse dominado pelo mesmo fascínio. Seus olhos cruzavam-se como a provocar faíscas e ficaram presos irremediavelmente por uma força de atração estranha, sem que trocassem uma só palavra. A sensação que Cristina sentia dificilmente podia controlar. Contraiu-se toda com o calafrio que a percorria inteira.

Os olhos dele como que a despiam, querendo reconhecer o corpo que carregara um dia. Parecia traspassá-la e provocava-a como se a possuísse atrevidamente, sem observar obstáculos, sem respeitar barreiras.

A vara de pescar que ele carregava ao ombro caiu. Só então, como se despertasse de um

encantamento, ele se moveu. Inclinou-se sem desviar dela o olhar, apanhou a vara do chão, ergueu-se novamente e passou por Cristina, afastando-se calado como se não a tivesse visto ali.

Ela ficou alguns momentos observando-o ainda dominada pela mesma impressão envolvente que ele deixou. Viu-o afastar-se indiferente sem voltar a cabeça para trás. Quis segui-lo, porém não se atreveu. Parecia ter ficado presa ao solo. E ele acabou por desaparecer por entre os arbustos troncosos.

E ali naquela imensidão solitária de árvores, águas murmurantes e céu, Cristina teve vontade de chorar. E chorou. Por sentir-se obrigada a continuar pensando nele. Não bastara vê-lo. Fora traída por si própria. Continuava a querê-lo como antes e, mais ainda, integrando-o no próprio espectro. E ele agora continuava distante e imperioso dominando-lhe os sentidos e atordoando-lhe a razão. Mas real. Não era sonho! Amava o vulto que surgira das trevas de sua imaginação e que se incorporara naquele homem estranho e altivo. Ela não se julgava louca, porém mais desesperada. O pensamento proibido marcava-se dentro dela como a concretização daquele sonho. Era sublime e horrível confrontar-se com a imagem de seus devaneios. Durante muito tempo ficou ali absorta. Tinha impressão que voava arrastada de novo nas asas da mais doce quimera.

Viu uma folha cair de uma árvore. Despreendeu-se misteriosamente, voluteou no ar, e sinuosa e serpeando, arrastou-se pelo chão, acariciada pelo vento. Era um pedacinho de vida, um suspiro arrancado de um tronco. Comparou aquela folha seca com a lágrima que rolou de seus olhos. Era um aceno, um pingo de dor que gotejava de seu coração. E como aquela folhinha, a lágrima caiu, escorreu pela sua face, marcou um rastro frio e evaporou-se.

Cristina sorriu, envolvida pela embriaguez do sonho.

A lágrima fora como que sorvida pelos lábios invisíveis dos faunos. Continuou chorando, pensando que Alexandre poderia surgir de súbito para afagá-la, assim como a brisa afagara aquela folhinha seca que caíra...

E pensou. E meditou, fantasiando tudo com os matizes temperamentais de sua imaginação. Tinha certeza de que aquele fauno, que em surdina sorvera sua lágrima, ficara embriagado e vulteara como brisa perfumada... transportara-se ao paraíso, voltara ao mundo e fura sussurrar ao ouvido dele uma palavra de amor. E esperava que ele voltasse para tomá-la nos braços.

E perguntou baixinho: — "Você escutou, Alexandre?... Foi naquela lágrima, sabe? Eu disse: — ... eu amo você..."

Percebeu ao redor uma magia estranha, um sensualismo, uma embriaguez, uma promessa de beijos e de carinhos. Eram as ninfas que cantavam baladas voluptuosas. Eram os faunos que propagavam as chamas da paixão, roubadas de seu peito. Eram as musas que se extasiavam com o gosto de seus lábios quentes que choravam beijos. Eram os súditos de Baco que vinham render tributo ao aroma do vinho mais doce. Os duendes que corriam para saciar a sede na essência da volúpia efervescente que espumava no cântaro de sua boca. E as sílfides chegaram pressurosas, ardentes, cascadeando em movimentos sensuais, envolvendo-lhe o corpo e deslizaram véus pelos seus dedos, ensinando-lhe as mil lascívia das carícias antes nunca esboçadas.

E ela tremia... gemia... chorava... delirava... era toda amor. O sangue, correndo-lhe nas veias, borbulhava como vinho nas caldeiras. Seu corpo pendeu como uma haste de trigo frágil, fino, açoitado pelos mil chicotes do vento, castigado pelos infernais clamores do acicate em brasa dos desejos. Resvalou como sombra sobre a relva. Esmoreceu e deixou-se elevar como uma nuvem de suspiros. Desfalecia nas asas do sonho...

E foi tão alto e foi tão longe que acreditou estar presa nas algemas rudes daqueles braços musculosos.

Era delírio, era o desejo que provocava alucinações.

Que faunos! Que ninfas! Nem duendes! Nem beijos, nem carícias. Tudo estava frio e vazio. Não sonhou mais pois o sonho a embebedava e ela não queria vibrar assim loucamente e ficar assim perplexa,

acreditando que tudo isso lhe acontecia porque estava amando.

Queria crer que as quimeras continuavam e que a dor que chorava era apenas um enlevo de sua alma sentimental. Apenas uma perturbação de seu espírito e que o tempo haveria de livrá-la de tudo, quando finalmente a sombra, que encarcerara passado, as ilusões e que põe término ao próprio sonho, lhe envolvesse a mente com sua capa do esquecimento.

\* \* \*

Cristina voltou para a estância.

Encontrou Roberto aflito a esperá-la. Almoçaram e em seguida foram para a sala de estar. Nessa tarde não viu mais Alexandre.

Sentada no sofá, Cristina embebia-se de novo em seus pensamentos. Uma lufada de vento bateu as persianas das janelas. A paisagem não teria maior encanto vista da sala confortável, meio aquecida pela lareira. Os abacateiros, num verde opaco, uniam suas copas majestosas como se estendessem um tapete pelo ar.

Cristina parecia pender de sono.

Roberto observava-a calado e, como se temesse acercar-se dela, fingiu absorver-se em leituras de livros que não lhe interessavam absolutamente. Cristina compadeceu-se dele, porém não teve ânimo para ir falar-lhe. Como uma estátua via-se numa contingência imposta de ficar diante da janela aguardando a volta de Alexandre que deveria ter ficado pelo meio da mata ou estar lidando lá pelo vasto pomar. Porém as horas correram cansativas e a escuridão da noite não lhe permitiu ver mais longe, através da vidraça.

Relanceou os olhos sombrios e sonolentos pela sala. Pousou-os sobre Roberto. Ele também olhou para ela. Sorriu como um garoto travesso e perguntou:

— Ainda está sonhando?...

Ela correu e ajoelhou-se ao pé da poltrona onde ele se encontrava e abraçou-lhe os joelhos pondo-se numa posição de espreita com o queixo apoiado nas mãos. As pupilas cravadas no rosto dele. Roberto passou carinhosamente a mão pela face e proferiu muito comovido:

— Querida!...

— Roberto... Não fique preocupado comigo... isto passará, tenho certeza... você tem que me ajudar! Não quero pensar! Não me deixe pensar!...

Suplicou de inopino pondo no olhar a expressão de desespero que ele sempre temia encontrar.

— Que devo fazer, Cristina? Não quer confiar-me a causa de sua perturbação? — perguntou-lhe em tom de desalento puxando-a contra o peito.

Ela ergueu o olhar faiscante de terror para ele e empurrando-o temerosa e aflita balbuciou:

— Oh! Não tenho nada para contar! Sou uma tola! Você sabe tudo! Você não poderá ajudar-me... não tem confiança em mim... acha que sou uma leviana... que não presto... — Parecia estar fora de si, revoltada contra o mundo inteiro. Roberto avançou para ela convulsionado por uma dor pungente. Penalizado pelo estado deplorável a que ela chegava quis tomá-la nos braços e acalmá-la. Cristina fugiu dele. Não queria seus carinhos.

Ele então a custo se conteve. De dó sentiu raiva. Latejavam-lhe as veias nas fontes. Quis correr atrás dela e bater-lhe para que despertasse. Teve vontade de deixá-la para sempre. Mas não podia. Tornou a sentir confiança. Queria-a muito. E continuou resignado, confiante e passivo.

Trancada em seu quarto, Cristina procurava lembrar-se das feições de Alexandre.

Recompunha traço por traço aquela fisionomia rara que não conseguia guardar na lembrança. Ele se desfazia como um jogo de quebra-cabeça, cujas peças se soltavam, desuniam-se espalhando-se numa queda brusca.

Um cão latiu lá fora.

Em seguida um cavalo relinçou e tudo ficou em silêncio novamente. Cristina correu abrir a janela. Debruçou-se no peitoril e constatou que ele chegara. No bangalô mais um aposento iluminou-se. Cristina percebeu um ruído de botas que alguém jogava ao chão. O vulto dele refletiu-se como uma sombra enorme na vidraça. Ficou atenta vendo-o abrir a janela. Estremeceu quando seus olhares se encontraram através da distância, desafiando aquela escuridão. Sentiu que ele olhava para ela intensamente. Sentiu um calor queimar nas faces. Era um respingo de pudor que a enrubescia por ver-se descoberta, surpreendida em flagrante a espreitá-lo. Fechou a janela bruscamente, traindo-se mais uma vez. Caminhou pelo quarto revoltada, jurando que nunca mais haveria de olhar para ele. Sentia-se inexplicavelmente humilhada. Havia tanto sarcasmo na sensação que provocava aquele olhar! Sentira algo de brutalidade, mas também um afago de ternura emanar dele.

Escutou passos ressoando pelo corredor. Sem saber por que, correu para a porta. Abriu-a lentamente.

Roberto parou junto dela. Os olhos dele fitos nos seus, apaixonadamente. Cristina laçou-se em seus braços e pediu:

— Leve-me com você... esta noite...

Ele apertou-a com carinho, depois ergueu-a nos braços e emocionado levou-a para seu aposento. Deitou-a sobre a cama e ficou calado olhando para ela. Cristina puxou-o decidida.

Nessa noite dormiu nos braços dele e fê-lo feliz. Em seus gestos, em sua lascividade, queria provar que lhe pertencia e murmurava de si para si como a convencer-se, como se assim estivesse enterrando a imagem de Alexandre. Parecia que o desafiava a arrancá-la dos braços de Roberto. Murmurava como se o tivesse vencido e não o quisesse mais:

"— Eu sou de meu marido... eu sou de meu marido..."

# Capítulo X

Na manhã seguinte, depois do banho e da refeição matinal, Cristina e Roberto resolveram dar um passeio a cavalo pelos arredores da estância. Estavam contentes e conversavam muito. Pareciam um casal em lua-de-mel. Os olhos de Cristina aflagavam-no com carinho langoroso. Roberto demonstrava estar feliz como nunca. Ela parecia ter vencido realmente a imposição nefasta dos pensamentos e das divagações perniciosas. Roberto falava sem cessar com medo de que ela tornasse a enveredar pelos obscuros caminhos de seu cérebro pensador. E chamava-a, quase a obrigava a fitá-lo, impondo-se diante dela como único motivo para suas misteriosas cogitações.

Contudo quis o destino que no meio do atalho fossem encontrar Alexandre que vinha em direção oposta numa charrete puxada por dois cavalos. Roberto esperou que ele se acercasse deles. Cristina parou ao lado do marido. Tremia. O sangue subiu-lhe nas faces como se Alexandre a tivesse desmascarado. Roberto cumprimentou-o amistosamente, apresentando-se. Alexandre respondeu ao cumprimento despreocupado e voltou-se para ela como se tivesse esquecido que já se tinham encontrado. Cristina respondeu-lhe escondendo o olhar fulgurante sob as pálpebras frementes. Mal lhe saiu som de voz por entre os lábios descorados.

Roberto e Alexandre conversaram animados. Ela mal os compreendia. As palavras ressoavam aos seus ouvidos desconexas e longínquas. Um zoado interminável atordoava-a; inclinou a cabeça e seus olhos encontraram os olhos cortantes de Alexandre. Ele fitou-a por segundo e mediu-a de alto a baixo. Cristina retraiu-se e voltou a cabeça para o lado jogando o olhar que faiscava, para cima das árvores, sem vê-las realmente.

Roberto chamou-a. Em seu tom de voz ressoava uma preocupação e uma advertência. Voltou-se para ele com exagerada meiguice. Exultou de prazer ao perceber uma ligeira alteração na expressão risonha de Alexandre. E perguntou mais uma vez forçada e intencionalmente:

— Que foi, meu bem?...

Roberto queria trocar de cavalo com ela; Alexandre advertira-o de que o animal montado por Cristina era perigoso. Quando menos se esperava desandava a correr e não havia força que o parasse. Cristina desafiou-os convencida, apostando que nada lhe aconteceria. Após curta mas entusiasmada discussão desistiram de fazê-la desmontar.

Alexandre sorria como se a atitude de Cristina lhe tivesse proporcionado o mais intenso prazer. E os dois se fitaram como se estivessem trocando um aperto de mão, estreitando laços de amizade e admiração. Entretanto, numa mudança imprevista, Cristina lançou sobre ele um olhar imponente e arrasador, voltou-se para Roberto falando com ele como se fosse a mais delicada esposa do mundo. E conversava e ria, tratando Alexandre com indiferença. Com atenção exigida pelas circunstâncias, como se depois desse momento então tornasse a olhá-lo como a um ser medíocre, como a um criado. E fitava-o fria e orgulhosa atirando olhares de desprezo por cima de sua cabeça! Fitava-o com tal despotismo e arrogância que Roberto percebeu que ela estava ofendendo aquele homem. Alexandre entretanto fingia não perceber suas intenções e continuava a conversar despreocupado. Aceitou o convite que Roberto lhe fez, demonstrando com isso que não dera realmente importância àquela arrogante criatura. Açoitou de leve os cavalos, olhando para ela com uma expressão desafiadora, manobrou a charrete orientando os dois animais, assobiando e estalando os lábios.

Cristina observava-o, analisando-o linha por linha. Adorou seu perfil bem atalhado. Descansou o

olhar em suas espáduas amplas e percorreu depois seus longos braços. Aqueles braços musculosos que a tinham carregado um dia. Aquelas mãos fortes e másculas, decididas e atrevidas segurando as rédeas, que um dia lhe haviam apalpado as coxas. Estremecia novamente com regozijo extasiante.

E seguiram os três lado a lado, Cristina entre os dois fitava ora um, ora outro, prestando atenção na conversa que os absorvia. Falavam sobre cavalos. De improviso, Alexandre fez um comentário que Cristina tomou como uma ofensa e, voltando o olhar chamejante para ele, perguntou asperamente:

— Por que julga que o cavalo é qual uma mulher? Essa explanação não convence. Doma-se, dá-se carinho, domina-se e depois se tira deles o que se quer? Então não há diferença entre um ser que raciocina e outro que age por instinto?

— Instinto e raciocínio é coisa comum entre a mulher e o cavalo. Nada de um e muito de outro — respondeu sem alterar a expressão calma. — Se o homem não os doma, crescem selvagens ou como lírio em lodaçal. Nascem viçosos, crescem e morrem sem que os toquem. Arredios e escondidos conservando uma pureza inútil. Estes cavalos que me servem, que me obedecem, pois que eu os domei, eram dois potros selvagens que viviam escabeceando por aí. Agora são mansos e me estimam. Sofreram no aperto do cabresto, mas aí estão os dois de cabeça baixa esperando que eu ordene que se ponham a caminhar. Assim é a mulher. Rodeia o homem, arisca e prometedora, julgando pisá-lo com a atração de sua beleza, mas logo depois se estende aos seus pés, sem saber que rumo tomar se as abandonamos. Sem nós, sem nosso domínio, acabam escabeceando pelo mundo a fora como esses dois potros. Se as prendemos com força e as habituamos ao cabresto de nossa vontade, seguem nossos passos, humildes e apaixonadas.

Roberto, que permanecera calado, não concordou:

— A mulher, Alexandre, procura o seu homem e submete-se a ele porque encontra no seu escolhido a segurança, o amparo de que necessita, a força que não tem ou que sufoca acompanhando a rotina imposta pela sociedade. Consideramo-la frágil, mas, por trás dessa fragilidade, de toda sua necessidade de apoio, é ela quem desnorteia o homem, que o domina e o dirige. Acima de tudo é quem nos põe no mundo. Quem nos dá vida. A mulher em minha opinião é a sagacidade em toda a expressão da palavra. É a inteligência combatendo o homem. Entregando-se a ele, ela o está vencendo e dominando. Tornando-se dele, ela o está prendendo. Nós, julgando-nos potentes, não somos mais do que seus escravos.

Cristina sorria satisfeita ouvindo-o falar. Entretanto, ao voltar-se para Alexandre, contraiu-se temerosa. Ele sorria desdenhosamente. E sem importar-se com conseqüências modulou a voz em tom de escárnio:

— Você, Roberto, pelo que vejo, lutou pouco por conhecer a mulher — e frisou — em toda a expressão da palavra... — Aí voltou o olhar para Cristina como se não a julgasse suficientemente mulher e prosseguiu: — Você encontrou a sua — fez uma pausa e continuou sorrindo — com facilidade, pronta à sua espera. Eu falo da mulher com experiência diferente. Falo da mulher que precisa do homem sexual e financeiramente.

Roberto, que se pusera em atitude agressiva, conseguiu dominar-se e com toda a calma continuou a ouvi-lo, muito embora sentisse ímpetos de avançar para ele.

Alexandre continuava no mesmo tom como se não percebesse que se tornara ofensivo e mordaz.

— Falo da flor silvestre, não da flor de estufa. Há potros que nascem em ricos estábulos; esses não precisam ser domados, entretanto seus instintos os arrastam para a corrida desenfreada pelos campos. Libertos querem conhecer o que realmente a natureza lhes pede: correr para a vida, como a mulher corre para seu verdadeiro homem. Mais dia, menos dia, quando menos esperamos, a flor que brotou na estufa inclina-se revoltada e se estorce em sua haste como se quisesse desprender-se da terra que a prende, para gerar em solo diferente...

Cristina enrubesceu como se ele tivesse se referido a ela exclusivamente. Entreabriu os lábios para um debate, mas apenas soltou uma gargalhada sarcástica.

Roberto como que fora ferido por uma punhalada. Permaneceu em silêncio sem ânimo para dizer nada.

Cristina remexia-se sobre a sela e empertigava-se como se estivesse sentada em cima de um formigueiro. Depois voltou-se para os dois e disse muito sarcástica:

— Vocês homens são uns imbecis. Julgam saber muito e não sabem nada. Fazem das mulheres um objeto, julgam-nas frágeis, crêem-se potentes, reis do Universo e entretanto não podem passar sem elas. A mulher é parte integrante da vida de um homem e vice-versa. Um não pode viver sem o outro. Atribua-lhes o mesmo valor. Isto é, falo dos homens normais, dos que vivem, não dos que vegetam escondidos entre árvores como animais selvagens... Falo da sociedade... Não da plebe ociosa... E não vejo razão para discutir-se assunto como esse, a não ser que haja um ressentimento no coração de alguém contra o sexo oposto. Um despeito mórbido, talvez.

E Cristina jogou sobre Alexandre um olhar de desafio e de vitória. Os dois permaneceram em silêncio. Ele não se atrevera a replicar, diante daquela atitude cheia de disposição por manter consigo um ardente debate. Alexandre calou para não lhe dar esse prazer. Cristina olhava-o com a cabeça inclinada sorrindo misteriosamente. As palavras daquele homem atrevido, entretanto, repercutiam-lhe por todo o ser. Ele falara tão bem a seu respeito que temia não poder ocultar aos seus olhos todo o tormento por que vinha passando desde que ele surgira em sua vida.

Ele parecia não se preocupar com o que dissera e com o que ouvira. Prosseguiu indiferente esgazeando o olhar em expressões diversas, não se deixando analisar com exatidão. Sua boca contorcia-se sardonicamente, enquanto com as mãos balanceando as rédeas conduzia os animais que obedientes ora galopavam, ora trotavam e trocavam de passo movimentando-se classicamente. Eram admiráveis sua intenção e seu atrevimento.

Roberto prosseguia cabisbaixo dando voltas com a imaginação. Mas não pôde confirmar nada de anormal entre os dois e acreditava que Alexandre não poderia tê-lo querido ofender. Suas palavras ainda que chocantes não poderiam ter sido intencionais. A atitude pedante de Cristina é que provocara o seu sarcasmo. Seu modo orgulhoso não permitira que se deixasse colocar tão abaixo. Convenceu-se de que Cristina sentia por aquele homem o mais profundo desprezo. Quis propor que deveriam voltar, porém, mais calmo, ergueu a cabeça e, ao passar os olhos por uma grande paineira, chamou a atenção dos dois com uma exclamação:

— Oh!... que lindo pássaro!

Em um galho que se estendia por sobre eles como um grande braço, uma ave esquisita e desconhecida sacudia as asas e limpava as penas com o bico curvo como o de uma arara. As diversas tonalidades de sua plumagem eram realmente causa para admiração.

Alexandre falou alguma coisa acerca da ave que levantara vôo assustada com as exclamações de Cristina.

— Essa ave é arredia e vaidosa. Vive apurando-se para exhibir-se, entretanto não se deixa analisar por muito tempo. Parece temer que se lhe descubram os defeitos...

E seus olhos com intenção gazeteira fixaram-se no rosto de Cristina que os sustentou cheia de si impondo no olhar sarcasmo e desafio.

Continuaram até a margem do rio, trocando algumas palavras sobre diversas coisas. As águas estavam calmas, pareciam sonolentas com seu marulhar constante. Um ventinho frio e úmido soprava.

Roberto parecia alheio e indiferente. Sentia-se tragado pelo espetáculo com o qual se defrontava. Era a primeira vez que se via em contato com natureza tão selvagem. As montanhas e as árvores, o rio e os sussurros estranhos que vinham da floresta impressionavam-no.

Cristina sentiu sua absorção e ficou em paz. Roberto não fizera caso daquela desconcertante troca de idéias. Ou talvez seu cavalheirismo e seu caráter o tivessem impedido de expressar seus verdadeiros pensamentos.

Alexandre trocou com ela um sorriso significativo. Cristina enrubesceu mas não pôde deixar de fitá-lo ainda. Ele apertou a cabeça contra os ombros como se tivesse provado um arrepio e olhou-a com uma expressão tão atrevida que ela se retraiu e, voltando-se para Roberto, considerou que deveriam voltar.

Alexandre fitou-a novamente.

Parecia impossível que seus olhos tão frios e sarcásticos fossem os mesmos que havia pouco brilharam tão apaixonados. E seguiu-os até grande parte do caminho sem dizer palavra.

Quando se acercavam da estância Alexandre avisou-os de que os precisava deixar e se afastou em seguida embrenhando-se por um atalho cortado entre os grandes pinheiros da estrada.

Como se voltasse à realidade Cristina esboçou um gesto de desalento e dominando-se fitou Roberto demoradamente dizendo-lhe com intenções:

— Finalmente esse imbecil resolveu deixar-nos... Onde já se viu comparar a mulher com o cavalo!... Idiota!...

Um verdadeiro ódio acendia nela. Esperava com isso pôr um parênteses no acontecimento daqueles últimos instantes, vedar, com aquelas palavras falsas que escondiam a verdadeira causa de sua raiva, os olhos então frios e longínquos do esposo. Roberto sorriu para ela. Cristina com entusiasmo propôs uma corrida e antes que Roberto concordasse desafiou-o esporeando o cavalo que ele montava. Em seguida seguiu atrás dele em disparatado galope logo passando-lhe à frente.

Roberto gritava por ela advertindo-a contra o perigoso animal que parecia ter se transformado num verdadeiro ciclone, e açoitava o seu e procurava alcançá-la. Entretanto Cristina venceu sem incidentes.

Quando apeou, seus olhos brilhavam como dois faroletes Imprecando com arrogância sua vitória.

# Capítulo XI

Cristina não quis sair durante o resto desse dia. Recolheu-se ao quarto logo após o almoço e só voltou para a companhia de Roberto, quando já anoitecia. Ficara com receio de encontrar-se novamente com Alexandre e que Roberto então desconfiasse de sua perturbação ao lado do outro. Entretanto quase não podia conter-se e desejava sair para enfrentá-lo. Estivera espiando por trás das cortinas da janela do quarto mas não o vira. Ele não voltara para a estância.

Roberto continuava alheio. Tratava-a com o mesmo carinho. Nenhuma sombra de dúvida passava por seus olhos. E procurava distraí-la. Convidou-a para uma partida de xadrez. Cristina preferiu o pôquer.

Depois do jantar voltaram ao jugo e foram até tarde da noite. Sobre a mesa amontoavam-se fichas e dinheiro. A atmosfera impregnava-se de vício. O fumo voluteava ao redor dos dois que estavam absorvidos como se estivessem jogando num cassino, com medo de perder no último lance. Cristina segurava com as mãos crispadas a seqüência de cartas que formavam uma quadra de ases. Roberto olhava-a de soslaio. Um sorriso brejeiro alçava-lhe os lábios. Parecia estar compenetrado daquela cartada. Cristina acreditava que enfrentava um jogador disposto a vencê-la. Entretanto ele segurava com indiferença apenas um mísero par e outras cartas que para nada serviam. Roberto não jogava: analisava-a. E sorria. Estava satisfeito porque naquele momento Cristina voltara ao que era. Estava concentrada no jogo. Seus olhos luziam fascinantes, embriagados, aguardando o descarte. Ela fitou-o, otimista, desdenhosa, cativante e alegre. E blefaram e se desafiaram fazendo estardalhaço como duas crianças jogando "malha". O riso modulado e cristalino saía de dentro dela espontâneo e contagiante.

Imprevistamente Cristina espalhou as cartas sobre a mesa e fitando-o profundamente disse sem lhe dar tempo de ver seu jogo:

— Você ganhou!...

Roberto quis virar as cartas, porém ela foi mais ligeira e misturou-as com as outras. Suas mãos se tocaram e ele Rum gesto incontido prendeu-as entre as suas. Estava emocionado. Sabia que ela ia ganhar e concluiu que Cristina perdera Por querê-lo um pouco. Ergueram-se em silêncio e continuaram a se fitar. Quando Roberto se aproximou mais, Cristina empurrou-o com um gesto inconsciente e afastou-se ligeira. Subiu as escadas e foi para seu quarto.

Roberto ainda ficou ali alguns instantes, meditando. Depois retirou-se também. Estava certo de que finalmente o coração vazio de sua esposa começara a abrir suas portas para recebê-lo. Não forçaria pois. Saberá esperar que ela corresse para ele. Ainda haveria de encher aquele coração e a despertaria para a felicidade.

Na manhã seguinte quando se encontraram na sala de refeições, Cristina sorriu para ele e inclinando-se graciosamente deu-lhe um beijo na testa. Ele comovia-se e ela pensava: — "Rosa nos observa! há de dizer a Alexandre que eu amo meu marido! Que sou carinhosa e ele sentirá raiva. Haverá de morder-se de ciúme"!

Rosa entretanto servia-os calada. Tinha aspecto nervoso e demonstrava estar bastante preocupada.

Cristina interrogou-a curiosa, certa de que a causa deveria provir de Alexandre. Rosa confirmou

respondendo enquanto se acercava de Roberto para servi-lo:

— Alexandre não voltou ontem à noite. Estou com receio de que algo lhe aconteceu. Ele nunca deixou de avisar-me quando pretende passar a noite fora. É estranho!...

Antes que Cristina chegasse a dizer qualquer palavra, ouviu-se um galopar de cavalo e o conhecido assobio de Alexandre para frear o animal.

Rosa abandonou em cima da mesa a bandeja com as xícaras de café e correu para o alpendre. Roberto e Cristina levantaram-se e a seguiram.

Alexandre, debruçado sobre o dorso do cavalo, parecia estar gravemente ferido. Resvalou para o chão, cambaleando feito um bêbado. Rosa correu para ele perguntando aflita o que acontecera. Ele apoiou-se em seus ombros cansados e caminhou pulando no pé esquerdo, em direção do bangalô. Roberto deu um passo para ir ajudá-lo. Cristina reteve-o pelo braço.

— Não vá.

Roberto olhou para ela e se desvencilhando disse decidido.

— É meu dever. Ele precisa de ajuda. Rosa não pode com ele...

Cristina abaixou a cabeça. Roberto afastou-se depois de dar-lhe um beijo na face. Ela esperou que ele entrasse no bangalô.

Alexandre, amparado por Rosa e Roberto, estirou-se num velho canapé. Rosa foi depressa preparar um lanche obedecendo às ordens do filho que reclamava uma coisa e outra. Estava possesso. Seus olhos luziam como olhos de tigre no escuro.

Roberto hesitou diante daquele homem bruto, antes de lhe fazer pergunta. Alexandre acomodou-se no canapé e respondeu colérico:

— Veja você, meu amigo, que disparate: caí num mundéu que eu mesmo preparei para pegar uma desgraçada capivara que se escapou daqui da estância há questão de poucos dias. Tive que matar um dos cavalos. O pobre animal caiu de cabeça dentro do buraco e quebrou as patas dianteiras. O carroto virou por cima de nós dois. E eu fiquei preso lá dentro, quase sem poder mover-me. — Olhou para Roberto balanceando a cabeça e continuou: — Lutei a noite inteira para sair daquela fossa imunda. Ainda, pelos diabos, aquela maldita, aquela desafortada capivara, rondou à minha volta o tempo todo como se estivesse rindo de mim. Mas hei de matá-la!

Roberto não conseguiu sufocar o riso e Alexandre, depois de olhá-lo com os olhos muito arregalados, pôs-se a gargalhar também.

O pé de Alexandre estava inchado e ficava cada vez mais roxo. A perna estava horripelantemente arranhada com fiapos de bambu enterrados nas carnes empapadas de sangue.

Roberto inclinou-se ao lado dele e fez uma careta. Depois pôs-se de joelhos e com um algodão embebido em aguardente, que Rosa lhe trouxe, removeu o sangue coagulado. Depois envolveu a perna em umas tiras de pano muito limpo. Sem que o outro esperasse, deu-lhe um puxão no tornozelo e friccionou rápido. Alexandre contorceu-se de dor, mas não deixou escapar dos lábios contraídos nenhum gemido.

Roberto deu-lhe uma palmada no ombro e ergueu-se depois de lhe ter amarrado o pé. E explicou sorrindo:

— O músculo estava fora do lugar... Convém você ficar deitado algumas horas. Está muito ferido.

Alexandre levantou-se pulando num pé só, foi até a cozinha reclamando que queria roupa limpa pois ia tomar um banho. E, sem dar importância à advertência que ele lhe fizera, voltou-se como se a ajuda o tivesse ofendido:

— Não sou tão molenga assim... não caio facilmente...

Roberto teve uma ligeira contração na fisionomia. Depois sorriu sarcástico e respondeu atrevidamente enquanto saía para o alpendre:

— Mas caiu... e na própria armadilha!...

Alexandre deu uma gargalhada estridente e, amparando-se pelas paredes do estreito corredor,

entrou no banheiro. Rosa ao cruzar-se com ele na porta deu-lhe uma cotovelada na barriga e correu para o lado de Roberto.

— Perdoe meu filho, senhor Roberto... ele está muito nervoso e envergonhado... não sei como lhe agradecer...

— Não há de ser nada, Rosa. Eu também tenho meu gênio...

E ele sorriu, confortando-a, dando-lhe uma palmadinha no ombro e desceu as escadas. Rosa entrou em seguida e foi bater na porta do banheiro proferindo impropérios contra o filho que se pôs a cantarolar enquanto se lavava. Roberto fervia de raiva ouvindo-o assobiar desafiando com desprezo as recriminações da própria mãe...

Cristina apareceu pelos fundos do bangalô, muito pálida. Estivera espiando o que se passara lá dentro. Seus olhos tinham um brilho sinistro. Depois, uma alegria indizível estampou-se em seu rosto. O que presenciara causava-lhe o mais intenso prazer. O ódio e a dor que se estampara no rosto rude de Alexandre provocava nela uma sensação estranha. Vira-o amparando-se pelas paredes como um animal rastejando vencido depois de uma luta bestial. Se não tivesse ficado tão impressionada, se Roberto não estivesse lá, teria gargalhado de prazer. E ele se esconderia humilhado ao vê-la por trás da janela rindo-se dele, ferindo-o com um olhar frio de desprezo, feliz com sua derrota. E mesmo se ele avançasse para bater-lhe, ela continuaria rindo até vê-lo arrebrantar de ódio. Roberto puxou-a pelo braço inesperadamente ao encontrar-se com ela no meio do pátio.

— Onde você foi?... Que esteve fazendo?...

Seus olhos percorriam-na desconfiados e inquisidores. Sua mão tremia apertando-lhe o pulso. Cristina tentou livrar-se.

— Ai!... você está me machucando!... Será que não posso sair mais?... Fui até o celeiro... eu... eu fiquei preocupada...

Roberto afrouxou os dedos mas continuou a segurá-la. Cristina empurrou-o dando de ombros. Encarou-o com cinismo e perguntou fingindo muita curiosidade por saber o que acontecera com Alexandre. Roberto ainda ficou em silêncio alguns instantes olhando-a fixamente e, como se espantasse uma dúvida que o assaltara de súbito, deu um chute numa pedra e contou-lhe espaçando as sílabas nas primeiras palavras e depois, passando o braço ao redor da cintura dela, resmungou:

— Aquele diabo me deixou nervoso... desculpe se a maltratei... Ele tem razão, coitado. É muito orgulhoso e, além de estar ferido, sentiu-se humilhado... No fundo deve ser boa pessoa...

Cristina sentiu nesse instante inexplicável desprezo pelo marido. Teve até vontade de empurrá-lo e de chamá-lo de "molóide"... Mas seguiu em silêncio até a sala da casa grande.

Uma nuvem de poeira ergueu-se no meio do pátio e novamente um trotar de cavalo fez com que os dois corressem curiosos até a janela. Os olhos de Cristina arregalaram-se surpresos. Sua expressão mudou rápido, num misto de contentamento e decepção provocado pela inesperada chegada de alguém. Pela primeira vez ela sentiu-se lograda com a presença do pai.. Roberto já saíra para receber o sogro com um sorriso de satisfação. Confusa e por fim decidida, Cristina também correu ao encontro dele.

A fisionomia do Sr. Fernando revelava más notícias.

Roberto gesticulava nervoso e perguntava repetidamente:

— Mas como? Quem foi? Como?

Cristina preocupada abraçou o pai e ao ver-lhe o rosto contraído não teve coragem para fazer pergunta.

Entraram para a sala de estar e sentaram-se no sofá os três um ao lado do outro.

Cristina esperou que alguém dissesse algo. O Sr. Fernando inclinou a cabeça e disse entre pausas nervosas:

— Roubaram o Banco... Foi arrasador!...

Ela olhou-o incrédula. Como que petrificada, sem omitir palavra, continuou a olhar para o pai, como se não compreendesse a situação.

O Sr. Fernando explicou, aparentando calma, como tivera ocorrência o roubo.

Duas noites atrás, Evaldino, o caixa-geral do Banco, ficara até mais tarde, como já sucedera em outras vezes, estudando um plano de novo empréstimo para uma empresa de construções. Provavelmente, mais tarde, abriu uma das portas para Olavo, um dos mais antigos funcionários, cúmplice de seu plano de larápio. Evaldino além do Sr. Fernando e Roberto era o único conhecedor da combinação secreta do cofre. Com a ausência do tesoureiro, isto é, de Roberto, Evaldino passara a substituí-lo. Ninguém jamais poderia imaginar que aquele homem, sempre digno, de uma hora para outra, pudesse proceder de maneira tão vil, abusando da confiança do Sr. Fernando que o considerava como grande amigo. Esse ato perverso abalou o pobre velho que, acabrunhado, mais uma vez se viu vítima de sua bondade.

Antes de decidir-se a ir buscar Roberto em Aquajoso, ele já recebera informes de que a polícia conseguira, embora muito duvidosa, uma pista dos dois ladrões.

Cristina estava realmente preocupada com o acontecimento e comentou ensimesmada:

— Os dois bandidos devem estar longe por estas horas. Sabe-se lá onde!... Logicamente calcularam bem, antes de dar o golpe.

— Eu sei, minha filha, bem sei disso, mas eles não poderão fugir. Têm a polícia no encalço deles. Há fotografias dos dois espalhadas por todos os jornais da Capital e do interior. Não creio que tenham coragem de se expor pelas ruas. Devem estar escondidos, como ratos de esgoto, aqueles dois canalhas...

Roberto interrompeu-os. Achou que deveriam voltar imediatamente e que o Sr. Fernando cometera uma imprudência em sair da cidade para ir buscá-lo. Deveria ter mandado alguém no dia imediato ao acontecimento. Deixou-os em seguida e voltou pouco depois com uma pequena valise onde amarrotara toda sua roupa.

O Sr. Fernando explicara a Cristina que a afluência dos clientes do Banco, quando se propagara a notícia, havia acabado por deixá-lo desnortado. Estava cansado e velho para agüentar tantas atribulações.

Suas expressões contraíam-se nervosas. Cristina abraçou-o sinceramente contristada e pediu-lhe que não se preocupasse tanto. Tudo haveria de ser resolvido. Ao ver o marido pronto para seguir viagem, Cristina perguntou aflita com receio de que eles a deixassem ficar ali sozinha, a lutar contra si própria:

— Que vai fazer, Roberto? Pensa que ficarei aqui sozinha? Esperem por mim. Não demorarei em arrumar minhas coisas.

Entretanto Roberto e o Sr. Fernando insistiram em que seria melhor ela ficar em Aquajoso até que a situação se normalizasse. Seu estado de saúde não permitia que ela tivesse outras preocupações. Por mais que ela tentasse convencê-los nada conseguiu. Cristina estremeceu assaltada por um remordimento de compaixão. Roberto saiu para avisar Rosa de que sua esposa ali iria ficar sob seus cuidados durante uma temporada. A caseira desfez-se em promessas de boa servidora. Cristina e o pai seguiram-no até o meio do pátio. Alexandre apareceu na janela e cumprimentou o Sr. Fernando com um riso claro no rosto, mas, ao ver Cristina olhando-o por cima do ombro do pai, recolheu-se com um aceno cordial. O Sr. Fernando voltou-se para a filha e beijou-a na testa afastando-se com ela em seguida a um chamado de Roberto. Cristina acompanhou-os até o início da estrada e depois de abraçar o marido, fazendo-lhe uma série de recomendações, deu volta e foi pôr-se no alpendre da casa espiando-os enquanto se afastavam. Voltou o olhar vagamente para o bangalô.

Suas pupilas iluminaram-se como se a força de seu olhar tivesse atravessado aquelas paredes descoloridas. Duas lágrimas rolaram por suas faces onde um ricto de dor descia até a boca trêmula que murmurava maquinalmente:

— Pobre papai!... Será que terei forças?...

Era quase impossível crer-se que ela poderia esconder em si mesma tanta e tão aguda

sensibilidade. A consciência acusava-a de que deveria ter insistido mais para ir-se dali. As circunstâncias remavam em direção à margem onde o perigo a esperava. Tinha o espírito em alvoroço como se dentro da massa carnal de seu corpo duas mulheres pugnassem. Uma fria, mas digna, a outra ardente e sensual.

Entrou para a sala e fechou a porta. Nesse momento penoso não sabia como portar-se. Um silêncio pesado reinava à sua volta. Tinha vontade de chorar e fugir dali, mas prendia-se de súbito num pensamento eufórico que a arrebatava e a fazia esquecer-se dos acontecimentos tristes que lhe roubara o marido para longe de suas vistas. Estava só e o que importava era poder viver finalmente e pensar e chorar sem que ninguém a observasse.

Jamais se interessara pelos negócios do pai e então só poderia sentir indelével pesar por ele em tal momento. Uma angústia passageira. Tinha certeza de que eles saberiam resolver a situação e, para livrar-se da preocupação que teimava em abordá-la, vestiu o culote, calçou as botas e a blusa-esporte com as mangas arregaçadas, e saiu.

Montou o mesmo cavalo no qual Alexandre chegara naquela manhã e foi à procura do lugar do acidente. Não demorou a localizá-lo.

O animal estacou imponente, obedecendo-a, e ela apeou.

Alguns bichos que achou nojentos vasculhavam ao redor do cavalo morto. A charrete desconjuntada estava atirada ao lado do buraco que tinha sido camuflado com bambus e mato ainda verde. Nas taquaras partidas, percebeu alguns respingos de sangue que seguiam interrompendo-se mais adiante formando um rasto vermelho. Era o sangue de Alexandre.

Cristina inclinou-se na borda do buraco. Seus olhos anuviaram-se e ela incontidamente posse a chorar.

O nome de Alexandre ressoava por entre seus lábios como uma carícia cheia de dor e de revolta.

\* \* \*

Durante os dias que se seguiram tornou a ver Alexandre ora na janela, ora nas proximidades da estância.

Apenas a avistava, os olhos dele faiscavam chispas maliciosas. Fitava-a atrevidamente e analisava-a linha por linha. Cristina por vezes se afastava enrubescida por ligeiro pudor. Vencida pelo magnetismo dominador que ele exercia, tornava a fitá-lo disposta a desconcertá-lo. Ele entretanto sustentava o olhar, sem alterar a expressão.

Rosa também parecia vigiá-la e vivia a chamá-la para uma coisa e outra.

Algumas vezes ela e Alexandre se viam mais de perto e chegavam a trocar algumas palavras. A pouco e pouco o olhar brusco e desconcertante daquele homem foi-se tornando brando e diferente.

Uma tarde ele selou um cavalo para ela e depois advertiu-a de que não deveria afastar-se muito porque estava ameaçando chuva. Ela então, movida por uma satisfação ligeira, desmontou e, sorrindo para ele, pediu-lhe que levasse o cavalo de volta para o mangueirão.

Alexandre também sorriu e seus olhos cinzentos procuraram os dela.

Nessa noite Cristina, depois do jantar, recolheu-se a seu quarto. Queria ficar na janela olhando para o bangalô. Satisfazia-se com isso. Entretanto não deixava de lembrar-se de Roberto e se preocupava. Aquele marido imprudente que a deixava flunar nas asas do pensamento e contribuía para que ela se martirizasse ficando assim à mercê das circunstâncias perigosas. A confiança que Roberto tinha nela era motivo suficiente para que ela notasse o quanto ele a queria ou mais acertadamente julgasse fria e indiferente sua alma de homem calculista. Ela estava no segundo plano era sua vida, por isso não lhe importara ter-se casado com uma mulher que já não era virgem. Roberto não soubera aquilatar do valor que possuía uma mulher pura, conservada para ser deflorada numa noite de núpcias, porque se

preocupara a vida inteira em contar notas. Tudo o mais não passava de capricho e meio e a quantia paga por conseguir o que desejava pouco lhe importava. Assim satisfazia-se em tê-la a seu lado, possuí-la algumas vezes e não ter com que se preocupar. Não queria dar-se ao trabalho de vasculhar sua alma e tirar de lá o que a atormentava, mesmo que fosse para descobrir que estava sendo traído, mesmo que fosse para matá-la depois. Mas que agisse como um homem macho. Roberto por certo tinha medo de descobrir algo que o forçasse a preocupar-se. Não queria macular sua alma industrial. O amor para ele deveria ser para uma necessidade do organismo, nada mais. Por isso se contentara em casar com a filha do mais conceituado banqueiro que conhecia. Cristina pensava assim; depois discordava arrependendo-se das más qualidades com que queria inculpar o marido. Se ali estava a culpa era unicamente sua e somente ela teria que lutar contra a obsessão que lhe fazia delirar a carne e lhe arrebatava o espírito. E Cristina pensava. E seu pensamento, qual alcoólatra debruçado sobre um copo de bebida, inclinava-se para Alexandre empanando-lhe o cérebro, libertando-a das preocupações. Sob o efeito de estranha morbidez ela não podia reagir e não tinha poder para livrar-se do mal que a possuía. Nada existia além.

Chovia, como Alexandre previra.

Por trás da vidraça, Cristina dilatava as pupilas querendo ver, através da distância, a sombra de Alexandre movimentando-se de cá para lá. Fez-se escuro no quarto dele. Ela sentiu raiva. Ele não apareceu na janela como nas noites anteriores para embebedá-la com a doçura de seu olhar, aquele olhar que simulado vinha sorrateiro como mãos de veludo trazer-lhe a sensação de flutuar no regaço do sonho, como um beijo caloroso a prometer horas de ventura e momentos de prazer.

Atirou-se sobre a cama e jogou longe o travesseiro, num gesto bruto. Imprecou contra ele como uma menininha malcriada. Ele era um tolo como o resto dos homens. Não merecia que se desesperasse por ele. E era tão banal o motivo! Cristina empertigou-se. Ele por certo estava-se divertindo à sua custa. Ficou pensando quantas mulheres Alexandre já deveria ter traído. Quantas deveriam ter-se apaixonado por ele. E calculou que quando ia às cidades vizinhas deveria ter sempre alguém à sua espera. Um ciúme revoltado arrebetou dentro dela. Pois ela haveria de feri-lo com seu desprezo e de provocá-lo com a sensualidade de seu belo corpo de mulher. Para isso tinha deliciosas formas.

Haveria ainda de vê-lo rastejando em torno dela, de alma e corpo a arder, e saberia então saciar-lhe a sede dando-lhe de beber o desejo que haveria de escorrer de sua boca como essência embriagadora.

Na manhã seguinte acordou assustada ouvindo gritos estridentes de Rosa e a voz colérica de Alexandre.

Correu para a janela e viu-o empunhando um facão numa posição de ataque. As pernas meio dobradas e separadas, o corpo inclinado para a frente e os braços estendidos cautelosamente. Ele seguia avançando para um animal que parecia um porco alto e peludo patinando na lama dentro do cercado.

De súbito ele pulou no lombo do pobre bicho prendendo as pernas ao redor de sua barriga, abraçando-o com um braço por baixo do focinho que espumava. O animal deu voltas atrás de voltas dentro do cercado sem que Alexandre caísse. Desandara aos pinotes como se o diabo lhe tivesse entrado no corpo. Caiu depois estrebuchando e soltando vagidos agonizantes, ferido pelo golpe brutal do facão que se enterrou até o cabo por baixo da paleta esquerda atingindo-lhe em cheio o coração. Os pêlos do bicho ficaram empapados de sangue:

Cristina soltara um grito tétrico de pavor e escondera o rosto entre as mãos xingando-o de bruto e de selvagem, apavorada por aquela cena em pleno despertar da manhã.

Rosa chorava na sacada da casa e depois entrou para a cozinha com um dar de ombros, resignada e vencida.

Alexandre parecia um demônio empunhando aquele facão ensangüentado, que arrancou com fúria limpando-o nas próprias calças. Em silêncio puxou a capivara pelas patas traseiras, para fora do cercado.

Cristina fugiu da janela e, depois de vestir um *robe* por cima da camisola desceu para a cozinha à procura de Rosa. Ao vê-la chegar espavorida, e com os olhos arregalados, a caseira voltou-se para ela condoendo-se.

— A senhora viu?... Pobre do bichinho! Voltou ontem à noite por certo por causa da chuva e aquele bruto teve coragem de matá-lo. Eu gostava tanto daquela capivara, dona Cristina. — E os olhos de Rosa encheram-se de água.

Cristina abraçou-a enternecida e não disse nada. Ouvindo a porta bater, as duas entreolharam-se numa expectativa.

Alexandre surgiu em frente delas já metido em outra bombacha e olhou-as como se esperasse um alude de palavras torpes. Elas entretanto continuaram a fitá-lo, caladas.

— Matei-a para que não fugisse mais...

Sua voz soou forte e desafiadora como uma advertência.

Cristina estremeceu de pavor como se realmente ele a tivesse ameaçado.

Depois, impertigando-se numa atitude senhoril, ergueu o braço e expulsou-o autoritariamente:

— Saia, já! Cão!

Rosa olhou-a amedrontada e aproximou-se do filho como se quisesse protegê-lo, mas Cristina percebeu que ela procurava evitar uma atitude agressiva de Alexandre.

Os punhos dele cerraram-se endurecidos e as veias estofaram sob a pele como se fosse arrebeitar. O olhar frio e penetrante que ele lhe lançou extravasou pelos olhos de Cristina que recuou como se ele tivesse erguido as mãos para lhe bater.

Alexandre afastou-se com uma expressão sarcástica e disposto a tirar desforra.

As duas sentaram-se dominadas por um cansaço de nervos e ficaram em silêncio prestando atenção no borbulhar da água na chaleira.

Rosa afinal resolveu pôr término àquela tensão nervosa e ofereceu-lhe café e bolo. Preparou ovos quentes e provocou conversa.

A pouco e pouco foram pondo-se calmas e o incidente acabou por ficar esquecido.

À tarde, Cristina andando de um lado para outro, irritava-se com a ausência de Alexandre.

A cena que presenciara cedo reconstituía-se em seu cérebro diabolicamente e um medo terrível a fazia transpirar por todos os poros. Mesmo assim procurava-o. Já fora até o estábulo, sondara o pomar e finalmente, quando percorria o atalho, viu-o aproximar-se cantarolando e despreocupado, na charrete que havia sido abandonada no meio da mata. Ao vê-la ele esboçou um sorriso enigmático contorcendo a boca desdenhosamente. E passou tão rente dela que quase a atropelou. Cristina deu um salto para trás. A roda da charrete, chacoalhando-se numa poça, respingou-lhe o vestido de barro. Ela então furiosa avançou para ele e arrancando-lhe das mãos o chicote, brandiu-o no ar desferindo um golpe violento e imprevisto em seu rosto sorridente.

Ele se transfigurou assustadoramente. Aquele ataque inesperado deixou-o por alguns instantes pasmado a passar a mão pela face onde um vergão vermelho e grosso tomava vulto.

Ficou a olhá-la, alucinadamente, e chegou a erguer-se querendo avançar para ela, mas se conteve e com os dentes cerrados proferiu apenas uma entonação de escárnio:

— A flor de estufa está-se estorcendo na haste...

Cristina ainda uma vez tentou agredi-lo. Ele agarrou no ar a ponta do chicote e arrancou-o das mãos dela açoitando os cavalos em seguida. E deixou-a ali a esbravejar colérica.

Revelavam-se um a um os matizes do temperamento extravagante que a caracterizava. O vulcão erguido sobre o gelo entrava em erupção. Derretia-se a frieza dos preconceitos e o seu coração saltava arrebatado. Sua meiguice confundia-se com perversidade. Ternura com maldade; misturando assim, num coquetel saboroso, a verdade que queria esconder aos olhos alheios. Suas expressões arrebatadas e voluptuosas revelavam a criatura de paixões extremas, de sentimentos vulcânicos. Já não tinha medo de

se deixar conhecer exatamente como era. Sim! Como dissera Alexandre. A flor de estufa estorcia-se na haste querendo verdejar em outro solo e fulgurar como uma flor silvestre... Ser osculada pelos beija-flores e sentir a carícia do orvalho pressuroso, o calor do desejo queimando na consumação venérea e as veias, quais raízes novas brotando sob a carne, se estuarem de gozo.

Brotava então a flor silvestre e se desfolhava ao sol e aos olhos das sombras. Entregue à ânsia de devassar sentimentos como perfume e ser o que o peito lhe chorava, o que a carne delirava, o que lhe gritava dentro: uma mulher bastante mulher! A fêmea trêmula esperando o assalto do macho. Ser amada selvagemmente e vibrar com a intensidade dolorosa da primeira vez. Deflorar-se, com o suco da vida regado entre beijos de Alexandre na taça dos desejos virginais. Seria completo o êxtase com a aderência do espírito à matéria.

Por algumas horas Cristina permaneceu afastada. Quando voltou encontrou à sua espera um senhor que vinha, enviado por seu pai, trazer-lhe notícias.

Alexandre estava sentado no último degrau da pequena escada do bangalô, observando-a com atenção exagerada.

O homenzinho troncado entrou com Cristina para a sala. Depois de entregar-lhe um maço de periódicos com as recentes notícias, contou-lhe com exatidão em que pé estava o caso.

Os dois ladrões haviam sido presos quando tentavam evadir-se para fora do país. Roberto e o Sr. Fernando andavam às voltas com o processo e não poderiam deixar a cidade absolutamente, porquanto uma grande soma do dinheiro estava em poder de um terceiro, cúmplice. Julgavam tratar-se de uma mulher, porém tudo ainda era muito vago pois que os dois detentos estavam obstinados a não acusarem o cúmplice do delito.

Cristina ofereceu-lhe um aperitivo e procurou retê-lo imaginando a expressão raivosa que Alexandre deveria estar fazendo. Folheou os jornais, olhou pela janela disfarçadamente e viu-o caminhando de lá para cá com as mãos metidas nos bolsos da calça muito justa que agora ele usava. O brim azulado e grosso agarrava-se-lhe nas coxas e descia apertado pelo cano das botas torneando-lhe as pernas musculosas. O seu modo de andar prendeu-lhe a atenção. Alexandre dava pontapé nas pedrinhas do chão, como se estivesse com muita raiva de alguém. Os olhos dele faiscavam em sua direção.

Cristina quase não se continha de prazer. Alexandre estava com ciúme dela. Olhou para o homenzinho gorducho que procurava esconder a careca com uns parcos fios de cabelo e sorriu deliciada. O outro desfez-se em medidas e despediu-se sem vontade, mas obrigado a retirar-se Pelo entardecer das horas velozes. Quando saíram para o alpendre, Alexandre já não estava no pátio. Cristina procurou-o mordendo os lábios despeitada. O homenzinho despediu-se pela última vez, inclinando-se em reverência diante dela e se foi. Cristina quase não lhe deu atenção e apoiada no corrimão perscrutava ao redor. Depois desceu a escada e foi selar um dos cavalos. Alexandre imprevisivelmente chamou-a surgindo em uma das janelas do bangalô. Parecia querer arremedar o visitante:

— Dona Cristina!... vai chover, senhora... é muito tarde para sair... senhora...

Era o criado que a chamava. O burguês que a advertia. O homem orgulhoso e mordaz que se rebaixava chamando-a de senhora. Ela continuou em cima do cavalo, medindo-o com um olhar de vitória. Ele sorriu e fechou a janela vagarosamente, com uma delicadeza premeditada.

Só então ela se deu conta do quanto estava sendo desprezível! Sim! Alexandre era um plebeu, um criado, um bruto, um homem selvagem e sem educação e ela... a senhora da sociedade, a dama rica, a flor de estufa, procedia como a mais reles das prostitutas. Adúltera de pensamentos bárbaros. A filha indigna, a esposa infiel. Corou de vergonha e compadeceu-se de si própria.

Deu volta pelo mangueirão e fez o cavalo galopar caminho afora. Com a cabeça inclinada sobre o peito, num cansativo desalento, Cristina procurava crer que ainda haveria de encontrar forças para combater aquela luta de instintos sexuais depravantes e de anseios amorosos impossíveis. Resolveu que na manhã seguinte se iria dali. Seu lugar era ao lado de Roberto e de seu pai. E nem a súbita decisão que

tomava uma dor aguda pareceu dilacerar-lhe o coração. Seria inútil fugir? Cristina chorou derrubando-se dentro da emotividade de sua alma apaixonada.

Pesados pingos de chuva começaram a cair sobre ela. Cristina olhou para o céu e blasfemou — "Pensei que aquele demônio controlasse só a terra". O cavalo empinou-se fogoso e obedeceu-a voltando em galope mais apressado.

Um relâmpago riscou o céu e um trovão acompanhou-o.

Alexandre do alto da escada perscrutava ao longe. Ao vê-la surgir pelo outro lado, entrou calado fechando a porta do bangalô, sem fazer ruído.

Cristina soltou o cavalo no meio do pátio e correu para dentro, chamando Rosa assustada com a borrasca que desabava cada vez mais violenta.

Tudo escurecera rápido e incalculavelmente. As árvores fremiam e farfalhavam aborçadas pelo vento.

Rosa acercou-se dela acalmando-a e disse-lhe que deveria ir trocar de roupa. Cristina foi para o quarto e enxugou-se com uma toalha felpuda que Rosa lhe deu. Vestiu Um *negligé* por cima do corpo nu e voltou para a sala de jantar. O olhar de Rosa caiu sobre ela. Cristina não fez caso de sua expressão atoleimada. Queria andar à vontade e pouco importava que lhe visse as formas sobressaindo-se sob a fazenda fina. O filé chiava na frigideira. Os ovos estalaram por cima amarelinhos e cheirosos. Rosa serviu-os quentinhos e Cristina elogiou o sabor diferente daquela carne macia, regada com vinho do Porto. Já ia ingerir o último bocado quando Rosa Contristada soluçou:

— É a capivara...

Cristina quase perdeu a noção das coisas. Empurrou o prato, cuspiu fora o pedaço que mastigava e levou a mão ao estômago que se contraiu com náuseas fortes.

— Por que não disse antes?

— Fiquei com medo!...

— De quem? — perguntou quase colérica, levantando-se de inopino.

— De Alexandre. Foi ele quem preparou a carne — respondeu a outra afastando-se medrosa.

— Você não tem que ter medo dele. Eu mando aqui! Eu exijo que me respeitem. Não admito que se escarneçam de mim!

Rosa ainda tentou desculpar-se:

— A carne de capivara é como de porco... é boa carne...

— Não me interessa!... Seus imundos!...

Já então gritava como uma fera, empurrando cadeiras, blasfemando possessa contra Alexandre.

Rosa saiu em surdina e, sem importar-se com a chuva cerrada, fugiu para o bangalô.

Cristina chamou-a da varanda diversas vezes sem que obtivesse resposta. Depois entrou revoltada batendo a porta, fechando-a com tranca de ferro por dentro. Antes de fechar a janela gritou a quatro ventos:

— Velha leia e covarde!

Foi para a cozinha e jogou pelo vitrô o resto da pobre capivara, chacinada por Alexandre. Na manhã seguinte haveria de obrigá-lo a enterrá-la nem que fosse preciso enfrentá-lo com um revólver. Apagou as luzes. Voltou para a sala e olhou ameaçadora a espingarda suspensa na parede.

Quando se dispunha a subir para o quarto, ouviu um ruído de passos abafados que se arrastavam em surdina pela varanda. Correu para a porta e apertou a orelha contra a madeira fria. Tudo prosseguiu em silêncio até que ela resolveu subir, acreditando ter distinguido mal aquele ruído. No meio da escada parou medrosa com os ouvidos atentos. Parecia que alguém agora caminhava pela cozinha e já se aproximava da sala. Desceu o resto dos degraus, decidida e, esgueirando-se pelas paredes, aproximou-se da grande porta lateral. Estremeceu de pavor quando percebeu do outro lado o vulto grande de Alexandre. Os olhos dele pareciam brilhar na escuridão.

Um relâmpago traiu-a.

Alexandre avançou para ela deixando atrás de si um rastro enlameado.

Cristina correu hirta de medo colocando a mesa entre os dois num gesto instintivo de defesa. Não tinha forças para gritar. Tudo nela se contraía num nervosismo de expectante tensão.

O olhar dele fuzilava. Alexandre movia-se cautelosamente acercando-se dela cada vez mais. Rodeava-a como um gato ladrão, estonteando-a com a calma de seus gestos decididos. Estava vitorioso, como naquela manhã quando atacara a capivara, e não se importava com a demora. Sabia que a tinha presa. Que ela estava encurralada entre aquelas paredes da sala escurecida.

Cristina dava voltas atrás de voltas, girava em torno da mesa, ofegando, cansada e apavorada, perante o atrevimento de Alexandre. A garganta estava seca e não lhe subia sinal de som qualquer. Chegara o momento da terrível decisão. Parou meditativa. Ele também parou do outro lado e continuou a observá-la, tomando nota de todos seus movimentos. A frieza de seu olhar extravasava-a.

Cristina estremecia recuando medrosamente. Rápida, pensando e agindo, ela calculou os passos e os gestos e correu para a porta, arrancou a tranca e abriu-a. Alexandre agarrou-a de um pulo, mas Cristina resvalou por entre seus braços como manteiga derretendo no fogo. E fugiu pela varanda.

Ele seguiu-a ofegante, desandando numa corrida como cão ao encalço de uma lebre.

A chuva batia-lhes forte no corpo. As roupas de Cristina colavam-se-lhe nas carnes que se arrepiavam de frio. Perdeu as chinelinhas, mas não se deteve. Deu volta ao cercado e correu para o celeiro. Empurrou a porta e, quase desfalecida, jogou-se para dentro, tornando a fechá-la. Agarrou-se ao trinco de pau, enquanto Alexandre empurrava a porta violentamente, pelo outro lado. Uma verdadeira fúria arrebatava nele.

A porta rangeu e escancarou-se.

Cristina foi jogada ao chão brutalmente. Ele atirou-se em cima dela como tigre faminto querendo dominar a presa para depois devorá-la.

Cristina empurrava-o apavorada, tentando livrar-se da fúria dos beijos que lhe caíam sobre o rosto. Seus corpos molhados sentiam o calor comum de um e de outro. Cristina estremecia como uma pomba ferida. Alexandre adejava ardentemente. A chuva estalava no telhado. Os dois rolavam pelo chão, enlameando os corpos na terra molhada pela própria água que deles escorria. Os cabelos de Cristina grudavam-se-lhe no rosto, embaraçavam-se em seus braços. Ele vencia-a a pouco e pouco. Cristina desfalecia sem forças. Nervosa, e não querendo ser dominada, ela procurou vantagem na sua última oportunidade, com a manha feminina do pranto desesperado. Não o comoveu entretanto. Estóico, Alexandre prendeu-lhe a cabeça contra o ombro e a face musculosa, estirando-se inteiramente em cima dela. Cristina gemeu de dor quando ele a comprimiu espigaitado por uma convulsão febril.

Alexandre ergueu a cabeça e fitou-a de frente quase tocando com o seu o nariz dela. Os olhos dos dois luziram presos um ao outro. Cristina esmoreceu e largou os braços que, até então, ainda lutavam para livrar-se da fúria daquele homem que ardia de desejo. O olhar que os prendia extravasava-lhe a alma, como faísca de fogo e arrepios cálidos de excitação. E suas bocas estonteadas feriram-se no beijo rude que as uniu arrebatadoramente. Os lábios de Cristina engrossaram-se dentro da boca que os sugava esfaimada, como se quisesse rasgar-lhe as carnes, para beber-lhe o sangue.

Um gemido selvagem estilhou-se dentro deles. Alexandre afastou os lábios ligeiramente e assoprou dentro de sua boca um pedido rouco:

— Abrace-me, Cristina...

E ela obedeceu prontamente, entregando-se desnorteada no beijo que a queimava de ânsia. Os braços dele soergueram-na um pouco do chão, e suas mãos másculas arrancaram-lhe a única peça que vestia. O *negligé* partiu-se em frangalhos com a fúria de seus gestos. Ele também se despiu e corpo a corpo, com o calor do sangue estuando de gozo pelas veias, espremeram-se e se fizeram delícias.

Cristina exultava extasiada. O sonho concretizado. Ela gemendo nos braços do espectro,

incorporado na troncosa linhagem de Alexandre. Os ombros dele pareciam duas paredes de ferro premindo-a contra a rudeza do chão batido. A imagem atordoando-a vitoriosa e ela exangue entregando-se e suplicando:

— Fira-me mais...

Alexandre beijou-a alucinado e num impulso decidido penetrou-a até o fim, rasgando de gozo as carnes macias que se apertavam entre suas coxas, estremecidas e retesadas. As pernas contorceram-se nas pernas dele, prendendo-o como correntes de aço. Os braços dela cruzaram-se-lhe nas costas e as unhas afiladas provocaram-lhe ardidos arranhões. Cristina entregava-lhe num aniquilamento de toda a vontade, submissa do impulso animal que latejava esporádico dentro dela. Escrava da mais desenfreada lascívia. Amante esplêndida, toda fêmea, entregue para o gozo. Campeando famelicamente no mercado do prazer, a flor silvestre desfolhava a flor de estufa e espalhava seu perfume. O rosto transfigurava-se-lhe da mais bruta expressão selvagem à mais elevada espiritualidade plena de uma comovente meiguice feminina; num complexo passional instintivo, fervendo na manifestação de seu espírito erótico.

Na ternura virginal da inconsciência de seus gestos, revelava, também, os mais brutais e irrefreáveis impulsos de uma torva sexualidade.

Alexandre estorceu-se, soltando um gemido que mais pareceu o grnhido de um porco ferido. E um calor úmido correu dele para dentro dela.

Os dois venciam-se unidos no orgasmo do êxtase profundo. A chuva e o vento espotejavam as árvores. O beijo e o abraço sangravam dentro deles o pecado do adultério.

Ela se desmoronava pasmada, sobre as vagas daquela hora de tempestades, bramindo de prazer. Vibrava dos pés à cabeça. O exterior do êxtase de seus corpos se arrebatava no exterior furioso dos ventos e das chuvas.

O ar impregnava-se de exclamações delirantes e do cheiro da carne quente.

De súbito, quando Cristina sentia o espasmo fecundar-se, Alexandre soltou-a. Desprendeuse dela com brutalidade e, levantando-se, pôs-se de pé em sua frente. Estirada no chão num último estremecimento ela estendeu as mãos à procura do *negligée*, para esconder-se daqueles olhos ávidos que a percorriam.

Cristina fitou-o pasmada sem compreender.

Ele sorriu galhofeiro e vestindo as calças lhe disse:

— Não se chicoteia um homem que sabe domar cavalos... senhora!... — O orgulhoso tom de sua voz pisou-a em cada palavra. O triunfo ardia com entusiasmo em toda sua expressão.

Cristina encolheu-se como se ele tivesse lhe cuspidado na cara. Como se estivesse sofrendo as dores de uma picada de cobra. Seus olhos anuviaram-se e ele desapareceu por trás das sombras espessas de suas pálpebras.

Quando tornou a desvelar as pupilas, Alexandre já se fora. Cristina vibrava de ódio. Seus olhos lampejavam furiosos. Enrolou-se na manta que encontrou em cima da sebe, recolheu a veste do chão e atravessou debaixo da chuva o caminho que a levava para a casa-grande.

Ainda havia luz no quarto de Alexandre. Uma luz fraca que se apagou quando ela alcançou o alpendre.

A sede de vingança secava-a por dentro. O resto da noite rolou na cama sem poder acalmar-se. Nem mesmo o banho, que tomara antes de deitar, a arrefeceu. Chorou de dor, de tristeza, de impotência e de ódio. A febre ardia em toda ela. O fogo líquido de Alexandre empastava-se-lhe no ventre. Parecia tomar formas, liquidificar-se novamente e correr pressuroso, provocando-lhe novos espasmos. Tinha-o dentro de si como essência fertilizando uma flor.

Ele haveria de vir de novo como sol para vivificá-la e aquecê-la. E ela o envolveria nos braços como raízes rodeando o próprio tronco. Espalharia perfume em suas faces e esparziria mel em sua boca. E suas lágrimas seriam como gotinhas de orvalho, pendendo de seus cílios e ele as beberia como um

fauno cativo. E em cada gemido exausto, suspensos no paroxismo de todos os êxtases, seriam um só corpo, uma só alma, sofrendo a comunhão do sumo da carne ardente.

# Capítulo XII

Acalmada a chuva, o sol apontou no horizonte mas, decidido, tornou a esconder-se. O vento continuou soprando pela manhã e logo à tarde parou pesadamente, deixando um aspecto sombrio e sem vida espalhado por sobre tudo.

A água da chuva, retida na concha das folhas novas, gotejava como lágrimas. Caía pelos troncos das árvores, escorria pelas calhas, respingava das telhas e pingava pelos corrimões da grande varanda.

Enlevada com o sacolejar da cadeira de balanço, Cristina observava tudo, sorumbática e abatida. Sufocava com esforços a dor que queria estourar fora dela, com a lembrança embrutecida da humilhante cena que sofrerá na noite passada. Não queria entregar-se ao obcecante desejo que a incitava a procurar Alexandre para vingar-se dele.

Ele não assomara diante dela uma única vez. Rosa aborrecera-a, durante toda manhã, com suas histórias fantásticas e com lamúrias enfastiantes de doenças esquisitas.

Para expandir os nervos, Cristina foi para os fundos da casa e procurou o resto da capivara que havia jogado pelo vitrô. Lembrou-se das chinelinhas, mas não encontrou nada. Alexandre encarregara-se de dar sumiço a tudo. Mordeu os lábios quase fazendo-os sangrar. Ele se antecipara à ordem que ela lhe queria dar. Foi para a sala e caminhou de canto a canto. O tempo estava horrível. Nem mesmo podia sair para passear, O chão estava que era só lama.

Pegou um livro e começou a ler. Acabou jogando-o contra a parede. Nem rádio para distraí-la. Pegou os jornais e espedaçou-os raivosa. Nada lhe interessava. — "Ao diabo, com as preocupações!! — proferiu enraivecida. Tudo em silêncio e frio. Abriu gavetas e portas de armários. As garrafas de vinho ilustravam com seus rótulos raros as prateleiras do bar, num dos cantos da saía.

Cristina tomou um bom par de copos de vinho do Porto. Seu rosto refletiu-se no fundo do cristal. Largou o copo sobre o balcão e, como se já estivesse embriagada, cambaleou até o sofá e se estirou nele.

Uma chuvinha cerrada espraiava-se lá fora, fazendo ondas, no ar. Um pássaro chilreou medroso, escondendo-se talvez.

Ao entardecer esfriou mais.

O dia fora longo e triste como um acorde de viola.

Rosa despertou-a batendo-lhe levemente no ombro. Cristina remexeu-se sonolenta ainda e ergueu as espessas e longas, pestanas. A sala estava fracamente iluminada por um lampião central.

— O jantar está quase pronto, dona Cristina — disse Rosa, afastando-se em seguida. Cristina sentou-se e procurou com os pés as chinelinhas. Levantou-se depois, espreguiçando-se, e galgou a escada. Apoiava-se no corrimão como se não tivesse forças para erguer os pés do chão. Foi para o banheiro e entrou para baixo do chuveiro. A água quente esguichou em suas costas e por todo o corpo, despertando-a de vez. E, como uma menininha malcriada, pôs-se a cantarolar, com ímpetos de arrasar os próprios sentimentos, uma canção que aprendera nos tempos de ginásio. E cantava e ria provocando malícias no espírito:

*"Da água fria eu tenho medo  
Não lavo a mão, não lavo o pé,  
não lavo o dedo..."*

*Quando eu danço eu suo e fedo  
Quando eu fedo eu cheiro azedo"!*

Espremeu a esponja ensaboada e a espuma branca e perfumada escorreu-lhe pelos seios como leite.

Passou-a pelas coxas lisas e rosadas e se deteve olhando, meio inclinada, umas manchas roxas que descobriu um pouco acima dos joelhos.

Eram marcas compridas de dedos másculos. Emudeceu e empertigou-se com um choque de recordação. A voz de Alexandre ressoou sarcástica e ferina. — Não se chicoteia um homem que sabe domar cavalos.

Cristina repetiu meditativa. Arqueou a sobrancelha curvilínea e em seguida a uma expressão cheia de rancor, de amor-próprio ferido, o rubor fugiu-lhe das faces e ela sorriu enigmaticamente. O arrebatamento daquele homem selvagem, querendo humilhá-la e arrasá-la revelava uma revolta íntima bastante dolorosa. Ela era rica e ele, pobre. Ela, a patroa; ele, o colono. Alexandre jamais se deixaria humilhar. Um orgulho excêntrico gotejava em cada lance de seu olhar, na sua mais insignificante palavra. Para vencê-lo teria que se deixar dominar. Para tê-lo aos seus pés teria que ajoelhar-se primeiro. Cristina estufou o peito cheia de convencimento. Fosse como fosse, Alexandre haveria de ser vencido!

Pulou fora da banheira, puxou a toalha e enxugou-se esfregando o corpo pachorrentamente. Suas carnes rescendiam a perfumes de flores. A imagem de Alexandre encheu dentro dela. As mãos com desfaçatez espremeram a toalha sobre o ventre. As coxas meio separadas arrepiaram-se como se ela tivesse provado um espasmo. Foi difícil conter-se. Acariciava o corpo com as próprias mãos, provocando-se excitações nervosas que não logravam satisfazê-la. Deteve-se em frente do espelho do armário embutido na parede. Sempre dominara os desejos que a incitavam a masturbar-se; por que haveria então de roubar-se ao prazer de entregar-se a Alexandre, aplacando nesse momento com suas mãos o fogo de seu instinto sexual. Vestiu-se rápida, escondendo-se de si própria. Saiu do banheiro e foi até o quarto de vestir. Abriu a porta do guarda-roupa e escolheu, entre outros, um *negligée* de veludo negro. A fazenda grossa, porém macia, acompanhou-lhe as formas, fazendo sobressair com um toque atrevido os seios empinados. A cintura, marcada profundamente, envaidecia-lhe os quadris, emprestando-lhe a sensualidade e a malícia de uma ninfa ou de uma bacante exibindo suas formas e oferecendo seu perfume nos festins dos desejos.

Quando andava, o *negligée* se abria ate em cima, mostrando a perna longa e caprichada, como as pernas de uma Vênus esquecida na frieza dos bronzes e da argila. Ela era de carne e sua beleza ali não encontrava rival. O amor que ela sentia por Alexandre surgira para completar sua lascividade, na carícia de seus gestos. Uma ternura excitante emanava de dentro dela. Até seu modo de andar era como que uma proposta para o terreno da embriaguez.

Quando desceu encontrou a mesa posta. A terrina de feijão fumegava e as outras iguarias espalhavam um aroma gostoso pela sala.

Cristina alimentou-se bem e quase obrigou Rosa a sentar-se para jantar com ela. Por fim a outra obedeceu e sentou-se a seu lado.

Nos tempos de solteira, os criados que serviam na casa de seu pai passavam despercebidos, como outros tantos objetos espalhados por cima dos móveis. Eram apenas complementos úteis para servi-la. Não tinha necessidade de conversar com eles e saber de suas vidas. O tempo corria escasso para que ela pudesse dispensar-lhes um minuto de atenção. Agora se lembrava daqueles homens e mulheres que se movimentavam à sua volta, atendendo-lhe os mais desusados pedidos, aos seus simples acenos — "Traga-me isto, traga-me aquilo" — E os coitados nunca reclamavam. Seriam pagos para atendê-la? Quão vil era a força do dinheiro! E dizer-se que a escravidão tivera fim! Quando?! A necessidade era o açoite do mais bárbaro carrasco! Olhou para Rosa condoída. Aquele pobre ser,

inclinava a cabeça e a obedecia.

E por quê?

Quem lhe dissera que estava diante de uma superior? Não eram ambas feitas de uma mesma concepção? Não haviam nascido da mesma maneira? Preconceitos! Classe! Posição! Sociedade! Cultura! Cristina concordou. Sim. Era preciso respeitar tudo isso, mas também essa diferença de meio não deveria intervir no coração, para prejudicar um amor e fazer com que alguns seres viessem a sofrer complexos prejudiciais. Nem sequer conseguia lembrar-se das feições daquelas criaturas que já lhe haviam servido um dia. Somente o rosto de Nieta sorria para ela. Não fora o novo desenrolar de sua vida, jamais teria tomado conhecimento da existência daquela mulher. Que pouco valor sempre lhe dera! E como as coisas mudavam! Como os sentimentos surgiram revelantes e inesperados. Sempre fora egoísta e vazia. Nenhum olhar seu se debruçara sobre aquela boa mulher que como criada a observara de longe e sem importar-se com sua diferença aprendera a estimá-la e soubera correr para ela e acalentá-la no momento de desespero, em que se vira só, sem ter ninguém em quem pudesse confiar. Cristina sentiu que agora fazia parte da vida deles e que os estimava de igual para igual. Descia do pedestal em que se havia colocado para viver livre dos preconceitos ridículos em que vivera às cegas na roda da sociedade. Preconceitos fingidos, que apenas haviam contribuído para a fraqueza de seu espírito, que não passavam de capas estudadas por expressões de ingenuidade para esconder os verdadeiros instintos e os pecados que eram cometidos escondidos na penumbra das alcovas.

Daria de ombros se um dia se pusessem a falar dela. Enfrentaria a todos com desprezo e continuaria a viver. A viver para amar Alexandre. Depois, debruçou a cabeça sobre a mesa e refletiu em tudo quanto havia pensado. Estava sendo hipócrita! Queria enganar-se a si própria de que não estava cometendo um erro por querer amar aquele homem. Ela não era livre. Era uma mulher casada que já traía o marido. Aquele imprudente que a deixara só! Pobre Roberto! Nenhuma só vez se lembrara dele durante todo aquele dia. Uma sensação esquisita doeu-lhe na alma.

Levantou-se atrás de Rosa e mandou-a de volta para casa. Que deixasse a louça para ser lavada na manhã seguinte. Depois, fechou todas as portas e janelas e estendeu-se sobre o sofá. Apenas o clarão do fogo crepitando na lareira iluminava aquela sala.

Não demorou em escutar o rumor de passos da noite anterior.

As maçanetas giraram silenciosas, mas as portas não se abriram. Cristina observava tudo sorrindo vitoriosa e dominou-se. Nenhum ruído lá dentro.

Uma janela estremeceu sacudida por mãos nervosas, ouviu um resmungo e tudo se fez silêncio novamente com o último arrastar de passos se afastavam.

Estirou a perna sensualmente no encosto do sofá e tamborilou com as unhas afiladas na madeira da mesinha de centro colocada ao lado.

Acendeu um cigarro e soltou seguidas baforadas. Uma modorra suave deixava-a sem movimentos estendida ali a fitar o teto, contando as vigas envernizadas que se paralelizavam a refletir clarões de labaredas.

# Capítulo XIII

Na manhã seguinte, Cristina, escondida por entre as cortinas de *reps* de diversas tonalidades, espiava Alexandre que andava de um lado para outro pelo pátio adiante, indubitavelmente nervoso. Seus olhos, arredios como dois pássaros tontos, iam fixar-se de minuto a minuto na janela do quarto dela; depois atrevidamente ele lançava o olhar pela cozinha adentro. Cristina deliciava-se observando-o. Um riso malicioso alçava-lhe os lábios.

Como se não pudesse conter-se, ele finalmente atravessou o alpendre galgando a dois os degraus. Antes que ele invadisse a sala, Cristina correu a esconder-se em baixo da escada.

Ele passou por perto mas não a viu. Foi até a cozinha onde Rosa preparava o almoço. Ao vê-lo, ela voltou-se repreendendo-o medrosa:

— Filho, não deve entrar assim aqui. Que falta de respeito! Imagine se o patrão estivesse!... E Rosa foi pé ante pé espiar se Cristina estava na sala. Enquanto isso, Alexandre replicava:

— Que patrão, qual nada! Eu não tenho patrões! Não sou empregado de ninguém. Tenho meus direitos aqui! Não sou Idiota.

Ele elevava a voz, colérico, para que Cristina o ouvisse. Rosa pediu-lhe que se calasse e perguntou o que ele fora fazer ali.

— Vim buscar meu facão. Deixei-o aqui no dia em que chacinei aquela maldita capivara. Ela custou-me dinheiro e não vacilaram em jogá-la fora. Pois agora não há mais carne. Quem quiser que vá caçar!

O lume do facão luziu afiado nas mãos dele. Assim que o recebeu, Alexandre girou nos calcanhares e saiu vociferado propositalmente:

— Eu não sou empregado de ninguém. Mantenho um trato com o Sr. Fernando e é só. Em breve a estância será minha. Sou o único que tem direitos aqui.

Assim que ele se distanciou, Cristina saiu de seu esconderijo e correu de novo para a janela. Sua expressão não mudara. Ao contrário estava mais exuberante.

Ele afastou-se no cavalo negro que era o seu preferido. Levava na garupa uma cesta onde guardara a merenda que ele próprio preparara. Cristina vira-o logo cedo lidando na cozinha do bangalô. Constatou que Alexandre iria demorar-se pela mata, mas manteve-se firme no propósito de não ir procurá-lo e continuar escondida até que ele não resistisse mais e fosse atrás dela outra vez. Sabia que ele não sossegaria enquanto não a enfrentasse novamente para certificar-se de que ela estava humilhada e sofrendo. Entretanto Cristina reservava para ele a expressão mais cínica que poderia pôr no rosto. Uma indiferença tão pirrônica que provavelmente ele haveria de estremecer de ódio.

Estudou bem a expressão e, à noitinha, depois do jantar, quando ele chegou, saiu do alpendre e desceu faceiramente a escada, saltitando nos degraus. Passou por ele cantarolando despreocupada como se não o visse. Foi até o seleiro e trouxe de lá uma sela. E como se o desafiasse, encilhou o cavalo, o mesmo que provocara, naquela primeira tarde em que se haviam falado, uma advertência. Ela não temia o perigo. O feroso animal relinchou e empinou-se revoltado. Cristina puxou o cabresto e montou nele com graça e firmeza. Estalou os lábios e gritou atrevida com intenções sarcásticas, espicaçou o animal e olhou desafiadora para Alexandre.

— Eia "Manso"... Vamos... Oi... "Manso"...

Remexendo na sela, do outro lado do mangueirão, ele observava-a olhando por cima do dorso de

seu cavalo. Seus olhos cortantes esgazeavam-se por sob as sobranceiras ceifadas e peludas, como dois vagalumes perdidos numa moita de espinhos. Um sorriso zombeteiro arregaçou-lhe os lábios quando ouviu-a chamar o cavalo de manso. Na realidade julgou-a bastante espirituosa.

A noite estava calma e a lua cheia espalhava luar magnífico. As folhas das árvores ainda molhadas ofuscavam como pedacinhos de prata suspensos no ar. A terra revolvida pelos cascos do cavalo em sulcos barrentos, os charcos, o chilrear de pássaros noturnos, a relva orvalhada, o cricrilar dos grilos e o cochar dos sapos, impregnavam tudo de um encanto exótico das noites de promessas, de aspecto fulgente para idílios noturnos e vigílias perigosas.

O cavalo que Cristina chamou de "Manso" para arrelhar Alexandre, prosseguia cabisbaixo como se estivesse triste e sacudia-se preguiçoso remeneando o rabo.

Nuvens esparsas desfilavam ao redor da luta, muito brancas e esfumacentas, desfazendo-se como suspiros. Um vácuo sem-fim se perdia por fora delas. Nem uma estrela suspensa nas peias invisíveis da amplidão.

O rio continuava seu curso e suas águas turvas cascalhavam o fundo e se chocavam contra as margens. Os dois únicos botes ali existentes haviam sido recolhidos e atados no estaleiro. Uma coruja piou alhures e Cristina teve um tremor de medo. Olhou ao redor e já não sentiu mais o encantamento de antes. Montou ligeira e ficou meio inclinada demorando-se mais um pouco, como se acreditasse que Alexandre se resolvesse a ir encontrá-la.

Tarde, voltou despeitada e ofendida. Na estância estava tudo em silêncio. Por certo ele dormia a sono solto sem preocupar-se sequer que algo grave lhe pudesse ter acontecido.

Deu um brusco empurrão na porta e entrou fechando-a com raiva.

Na escuridão da sala, um braço estendeu-se para ela. Rodeou-lhe a cintura e puxou-a contra um corpo quente e convulsionado por um gozo de imundície passional. Um beijo molhado arrepiou-lhe os cabelinhos da nuca e outros espalharam-se pelos seus cabelos e pescoço. Cristina sentiu, nitidamente, um coração descontrolado bater-se contra suas costas.

A voz de Alexandre afagou-lhe os ouvidos como a brisa selvagem afaga a flor. Forte e provocante. Autoritária e acariciadora. Reclamava febril:

— Você se demorou...

Não teve forças para empurrá-lo. As mãos dele agarraram-lhe os seios por dentro do decote e seus dedos práticos roçaram as unhas nos biquinhos endurecidos, provocando-lhe sensações gostosas. Um friozinho de êxtase corria-lhe até o ventre intumescendo-lhe o sexo. Seu peito adejava despedaçando suspiros de prazer.

Ela resvalou as mãos pelos braços dele e enterrou as unhas afiladas em seus grossos punhos. Cravou-se com fúria, num afluxo repentino de uma ânsia incontável. Suas bocas se uniram quando ele virou-a brutalmente de frente apertando-a contra o peito. Seus dentes bateram-se e as línguas se tocaram e se estorceram uma na outra como duas cobras a se devorarem famintas. Depois ele a carregou nos braços e depositou-a no sofá. E suas mãos tatearam-na decididas, livrando-a da blusa, do *soutien*, das calças e das botas. Viu-a nua esperando-o trêmula e ansiosa. Despiu-se também e estendeu-se em cima dela com cuidado. Ela puxou-o e ele largou-se com todo o peso sem receio de feri-la. Cristina sentiu-lhe o sexo quentinho, atrevidamente, interpor-se entre suas coxas e procurar como um pássaro trêmulo o aconchego de seu ninho.

Ele a feria como a uma gata quando se entrega ao macho. E ela gemia estorcendo-se em seus braços a cravar-lhe as unhas nos ombros e no peito.

— Ai, amor... ai... amor... amor...

Puxava-lhe os cabelos da nuca, mordida-lhe o queixo e fazia-lhe uma carícia com os lábios polpudos e com a língua enrijecida.

Ele agarrava-a cada vez mais arrebatado, estonteado pela fúria felina que ardia nela. Seus ossos

grandes de homem potente e os músculos retesados machucavam-na. Os pelinhos de seus braços estavam eriçados e faziam-lhe cócegas. Suas mãos largas espalmavam-se nas coxas dela e apertavam-lhe as carnes fazendo-a gemer provocada por um arrepio intenso que galopava esporádico pisando-lhe os nervos. Arrependidas, como duas asas de andorinhas, afagavam-na depois, deslizando suavemente pelo seu corpo acima. Apertava-a pela cintura e juntava-a com mais ímpeto contra seu corpo. Num amplexo doloroso e ardente ele se desmanchava em lavas que queimavam dentro dela e lhe escorriam pelas coxas.

Cristina esmorecia com ele no estertor do êxtase venéreo.

Confundiam-se em amplexos exasperados. A boca de Alexandre sugava-lhe os seios, lambia-lhe o pescoço. Bebia-lhe a saliva como um sedento desvairado, quase arrancando-lhe a língua com a fúria de seu beijo. As coxas ligadas, as pernas contorcidas nas dela. Os braços rodeando-lhe o corpo como tentáculos de polvo. Esfregavam-se com violência e gaguejavam palavras vagas. E ela prendia-o nos braços macios, com a força de uma *écharpe* que estrangula.

Conheciam nesse instante todas as torturas, todas as delícias infernais do gozo lancinante. Estremecidos pela fúria do momento, continuaram agarrados um no outro, apertados e medrosos, suspensos nas lascívias do pecado e prendendo-se cada vez mais como se temessem despencar, separados, no vácuo do final.

Cristina segurava-o forte, com medo de que ele a deixasse desfazendo-se sozinha no último estremecimento.

Ele prendia-a medroso, como se esperasse que alguém, entrando de repente na sala, a reclamasse. Caíram os dois cansados e vencidos pela modorra que acompanha o espasmo.

Os olhares se procuraram curiosos. Cristina estava trêmula. As pálpebras fremiam como asas de uma ave abatida. Pelo canto da boca corria-lhe um resto de saliva como se ela inteira se dissolvesse em orgasmos.

Alexandre inclinou a cabeça e sugou-lhe a boca. A saliva dela gotejou como vinho entre seus lábios. Ela enterrou-se contra ele como se quisesse fundir-se em seu corpo. Os olhos buscaram-se magnetizados e se fitaram e se atravessaram e desfaleceram queimados pelo ardor da expressão. Os corações arquejavam juntos, turbulentos em resposta a colóquios vibrantes.

Já não eram inimigos disputando uma luta incompreendida. Eram tão-somente um homem e uma mulher presos pela atração mútua e arrasados pelo êxtase incontrolável da mais ardente paixão.

— Alexann... dre...

A primeira vez que sussurrava seu nome a chamá-lo como em sonho. Ele respondeu embriagado, beijando-a de leve e afagando-lhe o seio:

— Cristina... querida... querida...

Era o desfalecimento completo da razão. O aniquilamento total dos preconceitos, o orgulho que combalia. O amor que gemia súplicas nos lábios que se beijavam e nos braços que se enrascavam como cipós nos troncos das árvores.

A noite caminhou com passos voluptuosos. A madrugada chorou pingos de orvalho acariciando telhados. O sono veio sinuoso resvalando pelas pálpebras, estremeceu nos cílios e foi sussurrar na boca o último suspiro de prazer. Os braços afrouxaram-se em torno dos corpos que ainda unidos desfaleciam na modorra suave da inconsciência do sono.

A claridade do dia escorregou pelas frestas e, atrevida, foi afagar Cristina suavemente. E como se o roçar inócuo da luz a tivesse despertado, ela espreguiçou-se, remexeu os ombros e ergueu as pálpebras. As pupilas moveram-se ligeiras à procura dele.

Estava só.

Alexandre levava-a para o quarto e pusera-a na cama. Cobrira-a com cuidado e se fora. Cristina não refletiu. Levantou-se rápida e vestiu o culote. Enquanto se arrumava jogava o olhar pelas frestas das persianas meio abertas à procura dele lá fora. Rosa surgiu no meio do pátio carregando um balde com

água, depois entrou pela porta da cozinha. Cristina desceu pela escada batendo as botas pelos degraus de madeira. Rosa cantarolava a lavar a louça. Ao ouvi-la, parou e prestou atenção. Assustada correu para a porta ao ouvir o trotar de um cavalo desembestado. Ainda teve tempo de ver o animal furioso a pular as cercas e correr pela estrada afora cortando pelo atalho. Os cabelos de Cristina esvoaçavam no ar, rebeldes e longos, negros como azeviche. Açoitava e esporeava o cavalo como se tivesse sido atacada de uma fúria malévola.

Rosa resmungou alguns nomes feios e jogou o resto da água do balde dentro da grande pia de ferro esmaltado. A água da caixa estava escasseando estranhamente e precisava servir-se do poço. No rio, a roda hidráulica girava no seu ritmo constante; deveria, pois, haver algo com os canos como já acontecera em outras vezes. Resmungou também contra o cansaço e convenceu-se de que as atitudes estranhas de Cristina eram bem dignas, de uma louca.

— Sim, senhor...Está doida varrida! Parece que o diabo a espeta de vez em quando! — E prosseguiu meneando a cabeça como se sentisse lástima.

\* \* \*

Cortando por caminhos desconhecidos, Cristina ia de canto a canto como se montasse o corcel de satanás. Percorria as margens do rio, volteava o outro lado da estância e tornava a embrenhar-se pela mata, arriscando-se a ficar perdida naquele intrincado de árvores e de plantas selvagens. A expressão iracunda de seu rosto, os lábios recurvados resfolegando sarcasmo, transfigurava-a de modo impressionante. As faces vermelhas, as fontes úmidas de suor que lhe corria em bagas pelo queixo. E cada vez mais se entusiasmava de cólera. Alexandre sumira-se como que tragado misteriosamente. Cristina estava convencida de que ele ainda não se fartara de zombar dela e por isso eclipsara-se, dando-lhe a entender que a desprezava e que se utilizava dela como de um objeto, para a satisfação de seus desejos. Nada mais que isso. Toda a sorte de pensamentos maus assaltou-a para encolerizá-la.

O cavalo estacou previdente antes de espremer-se entre duas grandes árvores que surgiram diante deles oferecendo estreita passagem. Com a brusca parada do animal, Cristina foi jogada para a frente e caiu pesada no chão, como um corpo sem vida. E ali ficou estendida com as mãos apertando a cabeça como se estivesse sentindo a mais intensa dor. As lágrimas da ira e da mágoa que a feriam rolavam-lhe pelas faces com abundância. Um rumor de folhas pisadas e de galhos que se quebravam fê-la pôr-se de pé, expectante. Alexandre surgiu diante dela com uma expressão ardente no olhar. O peito dele estufava com movimentos de respiração opressa, como se ele tivesse desandado em desenfreada corrida.

Ao vê-lo, Cristina ficou sem ação por alguns instantes e logo, assaltada de novo pela desconfiança, rancorosa avançou para ele como uma onça e lhe deu uma tremenda bofetada. Em seguida um pontapé na canela e arranhando-o e puxando-lhe os cabelos chorava desnorteada.

Alexandre tomado de surpresa tropeçou e caíram os dois atarracados um no outro. Rolaram pelo chão antes que elo conseguisse prender-lhe os braços para trás. Ela tentava livrar-se dele debatendo-se como um peixe fora da água e mordendo-o. Alexandre deu um grito quando ela lhe arranhou o ombro, fazendo-o sangrar. Depois disse duramente:

— Está no tempo de voltar para a estufa, moça...

Cristina ficou inerte ao ouvi-lo. Ficou como que desfalecida entre os braços dele olhando-o com uma expressão de estarecimento. Alexandre emudecido fitou-a também.

Outra lágrima rolou suavemente pelo canto dos olhos dela. Aquela gotinha cristalina teve o poder de comovê-lo. Ergueu as grandes mãos calejadas e com delicadeza enxugou-lhe o rosto, afastou-lhe os cabelos das fontes e acariciou-a, bastante comovido. Cristina encostou-se nele semicerrando os cílios e ofereceu-lhe os lábios entreabertos. Primeiro, ele a beijou devagarinho e com ternura, depois, furiosamente como se o contato de suas bocas lhe provocasse um terrível choque. Ela se entregava

desfalecendo em cada beijo.

Alexandre largou-a de repente, ergueu-se como se tivesse descoberto alguém a espreitá-los e deu um violento soco na palma da outra mão. Quase gritava enfurecido, possuído de desconfianças mórbidas.

— Não quero ser seu amante...

Cristina pôs-se em pé ao lado dele e gaguejou, sem nem mesmo saber o que lhe ia dizer:

— Eu o amo... eu o amo... — e agarrou-se nele desesperada.

Alexandre empurrou-a colérico.

— Não quero! A quantos você já pertenceu? Quantos não estão à sua espera?... — Empurrou-a contra uma árvore, sacudiu-a pelos ombros e completou quase a cuspir-lhe no rosto:

— Você não presta... só serve pra...

Antes que ele terminasse, violenta bofetada virou-lhe a face para o lado.

Um soluço estufou no peito dela. Ergueu as mãos trêmulas e levou-as ao rosto congestionado por uma mágoa irreparável. Soltou outro soluço, baixou as mãos e olhou-o demoradamente com uma expressão de profundo abatimento.

Alexandre fitava-a inibido; deixou cair os braços ao longo do corpo e gaguejou um pedaço de monossílabo. Ela voltou-lhe as costas e pôs-se a correr. Ele seguiu-a arrependido. Ao alcançá-la mais adiante, puxou-a pelo braço e abraçou-a inconsciente, sem saber como desculpar-se. Cristina empurrou-o enfurecida e procurou ofendê-lo sem réplica:

— Tire essas mãos sujas de cima de mim... criado de estrebarias... Assassino!... Quem é você para julgar-me? Traz sangue nessas mãos!...

Alexandre recuou lívido. Os olhos dos dois cruzaram-se como relâmpagos num céu em cataclismo. Cristina levou a mão à boca e saiu a correr para fugir daquela expressão congestionada, onde dor, ódio e surpresa combatiam nos remordimentos daquela alma que ela ferira assim, inesperadamente, em ponto tão sensível. Alexandre ficou ali, incapaz de proferir palavra, de pensar algo sequer, como se não tivesse compreendido a razão daquela injúria.

Nessa noite e nos dois dias que se seguiram, pesados e enervantes, Cristina e Alexandre evitaram-se ressentidos mútua e rancorosamente. A sós, Cristina não aplacava o pranto. Uma tristeza profunda estraçalhava-lhe a alma. Às vezes detestava-o. Tinha então impressão de que, se ele tornasse a tocá-la, desfaleceria de asco. Em outras, arrependia-se de ter externado o quanto sabia de sua vida. E acreditava então que nada mais poderia existir entre ambos, depois do que lhe dissera.

Quando o via de longe, ora cuidando dos animais, ora lidando às voltas com os canos expostos pelas paredes da cozinha e do banheiro, sentia então, apavorada, diante da indiferença com que ele se cruzava com ela pelos corredores, calado, de expressão impenetrável, que tudo estava irremediavelmente terminado. Que ela como que deixava de existir para ele. Uma tarde esbarrou nele de propósito. Alexandre pareceu nem sentir. Entrou no banheiro e trancou-se. De lá de dentro ouvia-se apenas um martelar de ferro contra ferro e de água que jorrava, parecendo querer inundar tudo. Então, Cristina, como ultimamente, debruçou-se na janela e ali ficou horas esquecidas prostrada num alheamento triste a cogitar.

Rosa quis saber a razão de seu abatimento e insistiu em querer saber se fora Alexandre culpado por tê-la ofendido alguma vez. Para esquivar-se às suas perguntas, refugiou-se no quarto.

Os passos de Alexandre ressoando pelo corredor provocavam nela uma sensação febril e dolorosa. Quase não se continha de vontade de abrir a porta e atirar-se em seus braços, para pedir-lhe que a castigasse pelo que lhe havia dito.

# Capítulo XIV

Quando ele terminou o serviço não mais voltou lá. Cristina não tinha coragem para sair. A cabeça doía-lhe. Tinha as pernas bambas, a expressão muito abatida e os olhos inchados pelo choro. Achava-se feia. Estava feia e doente. Não queria que ele a visse em tal estado. Seria horrível vê-lo contorcer aquela boca desdenhosa, diante da dor que ela sentia. Seria arrasador vê-lo repugnar-se diante de seu aspecto. Sim. Estava feia e muito feia. Ela então procurou, numa repentina decisão, refazer-se. Correu para o espelho e ficou a olhar-se demoradamente. Sensualizou o estremecimento dos lábios alongando-os como a pedir um beijo. A expressão voluptuosa do amor que lhe enchia a alma estampou-se-lhe no rosto. As pupilas brilharam ofuscadas pela lascívia do desejo. Soltou os cabelos e escovou-os uma porção de vezes. Foi para o banheiro e lavou o rosto. Depois, passou creme na relê. Prendeu os cabelos em forma de rolinhos, para que à noite caíssem mais ondulantes pelos ombros. Abriu o guarda-roupa e procurou entre os vestidos a cor de sua preferência. Roberto adorava vê-la de azul. Suspirou cansada, sem que pudesse lastimar a falta que estava cometendo. Roberto gostava da cor e ela aceitava sua opinião para oferecer-se aos olhos de outro. Estendeu, o vestido de "renda valenciana" em uma cadeira, sentou-se em posição de chinês em hora de oração no templo, e assim, com o queixo apoiado nas mãos, no meio da cama, ficou a olhar-se durante muito tempo. Um vinco de desprezo desceu-lhe pela face e ela estremeceu como se tivesse tocado em um réptil nojento. Dobrava-se ante a força da consciência que a chamava de sórdida e se negava a ajudá-la a combater o orgulho: levantou-se decidida, tomou de uma toalha e limpou o rosto. Passou em frente do espelho e parou como se estivesse confrontando-se com uma desconhecida que ameaçava contar o que ela pretendia a seu esposo e a seu pai. Apontou a imagem fria que a enfrentava e murmurou:

— Você nunca lhes dirá! Eles nunca saberão! Nunca!

Atirou-se sobre a cama num momento de árdua e tormentosa reflexão.

Lutou para não pensar mais em Alexandre. Chegou à conclusão de que deveria ir embora de lá, porém não teve coragem, faltaram-lhe forças para efetivar seu justo dever.

À noite sentiu-se atraída por acordes de música suave.

Saiu para a janela e teve um frêmito de apaixonante surpresa. Sentado num degrau da escada do bangalô, Alexandre tangia as cordas de um violão. Estava absorto, enlevado por uma emotividade estranha. Parecia impossível que aqueles dedos rudes pudessem arrancar sons tão sentimentais e sonoros. E que aquela voz tão fria e ferina pudesse entoar ainda, com tanta suavidade, uma canção de amor capaz de inebriar. Cristina ouvia-o silenciosa. As palavras comunicativas vinham uma a uma, em surdina, aninhar-se em seu coração como uma mensagem. Alexandre cantava sem aperceber-se de que ela o estava observando. Sua voz rouca e profunda ondulava-se com bastante melodia.

*"Se eu soubesse como te dizer  
que tu és para mim todo o amor..."*

A pouco e pouco Cristina confirmava as suposições que fizera sobre os sentimentos daquele brutamontes. Ele era rude porque a amava. Tinha ciúme de seu passado. Odiava a posição que ela ocupava na sociedade. Tinha ódio de sua riqueza porque o dinheiro a punha acima dele. Maltratava-a

porque não a poderia ter para si. Insultava-a porque, se não resistisse, teria que sujeitar-se a compartilhá-la com outro. Pois não tinha direito nenhum sobre ela.

Cristina já enfebreçada pelo entusiasmo falou alto, como se combatesse a própria voz que lhe gritava dentro:

— Oh! Alexandre!... Eu o amo... eu o amo... Eu não sou falsa nem perdida... você é o único que tem direito sobre mim, porque o adoro... Farei tudo... tudo que você quiser... — e um soluço completou seu desespero.

Alexandre parou de tocar, ergueu a cabeça e fitou-a muito sério.

Por seus olhos passou um lampejo indecifrável. Sacudiu os ombros como se estivesse muito indignado e sem dizer palavra levantou-se, entrou e fechou a porta.

Cristina teve uma contração dolorosa. Sentia que nada mais tinha a lhe dizer, pois que toda a emoção que lhe queimava dentro se lhe escapara naquelas palavras.

Dentro de casa tudo estava silencioso.

Pelas frestas das persianas, réstias de luar riscavam o chão. Em seu relógio de pulso, esquecido em cima da cômoda, os ponteiros marcavam onze horas. Num movimento de desalento, Cristina caminhou como se estivesse arrastando-se nas peias de um pesadelo. Sentou-se na banquetta do toucador e soltou os cabelos com gestos preguiçosos. A massa negra dos fios brilhantes ondulou-se até o meio das costas.

No espelho refletia-se sua imagem, oscilando num ângulo imperfeito por causa do marejado de água de seus olhos. As sobrancelhas retas afilavam-se em direção das fontes, como se as tivessem puxado propositalmente, para lhe dar um quê de exótico, ou mesmo diabólico, por cima dos olhos rasgados como os de um china. Mas grandes, esverdeados e expressivos. Os cílios crespos, quase emaranhados, pareciam querer esconder-lhe as pupilas, o que lhe provocava aquela expressão maliciosa, que intrigava à primeira vista. O nariz afilado por cima da boca, cortada sensualmente, separando os lábios polpudos e re-curvados como um gomo de fruta madura. Arrebitava-se-lhe o queixo com a sensualidade marcada por um corte profundo e que se alongava por baixo do maxilar, como o sulco de uma fonte.

Cristina tirou a roupa para deitar-se. Mas, numa súbita decisão, vestiu por sobre o corpo nu o *robe* de veludo negro.

Abriu a porta do quarto e saiu.

Atravessou o pátio, caminhou até o fim do atalho e prosseguiu à margem do rio, parando amiúde para olhar seu reflexo na água. Aquela insignificância distraía-a. Uma calma intensa a estimulava a afastar-se mais; empurrava-a para a mata, como se esta lhe oferecesse uma tranqüilidade espiritual, maior que seu misterioso silêncio. O céu estendia-se para longe nascendo em cada novo horizonte. O rio, alargando-se na distância, tomava vulto de um verdadeiro mar, unindo-se ao céu numa escuridão intransponível. As águas, cascadeando contra montes de terra, erguidos no meio do leito caudaloso, pareciam ondas espumantes, desfazendo-se quais rolos sonoros de fumaça, ou com flocos de nuvens esfumaçadas roubadas do céu.

A lua escondia-se de quando em quando. A brisa meio úmida estava morna e acariciadora. O tempo parecia ter estacionado. Ela se deliciava com o encanto da natureza tranqüila e acolhedora. A inércia das coisas mortas se quebrava com o movimento irrequieto de seus olhos. Os passarinhos chilreavam nos ninhos escondidos entre as ramas das árvores.

Cristina deparou de repente com uma cena inesperada. Sobre a relva um casal de lebres atracava-se frenético na hora do cio. Os olhos de Cristina chamejaram. Ela manteve-se em silêncio para não assustá-los. Uma onda de volúpia correu-lhe pelo corpo e os lábios fremeram de emoção. Sob as sombras das árvores, o leito da relva fresca parecia oferecer um abrigo paradisíaco aos amantes. A atmosfera encheu-se de magia e o cálido sopro da brisa excitou-a, como se o hálito de Alexandre a

tivesse afagado.

Voltou-se ligeira, como se mil mãos a empurrassem. A barra do *robe* prendia-se nos galhos dos arbustos rasteiros, quase impedindo-a de correr. Num átimo chegou à estância. Olhou sequiosa para a janela do quarto dele.

Estava escuro.

Pisando de leve os degraus, Cristina chegou até a porta do bangalô. Parou para escutar. O silêncio vinha de lá de dentro pesado. Girou a taramelinha e empurrou a porta da saleta. Atrevidamente atravessou o estreito corredor. Apenas sua respiração ofegante e medrosa ressoava pela escuridão. Apoiando-se na porta de um quarto que calculou ser o de Alexandre, prestou atenção. Nenhum ruído. Decidida e ansiosa, abriu a porta lentamente e entrou.

Sobre uma cama de madeira tosca, ele parecia desfalecido no mais profundo sono.

Cristina ficou a olhá-lo trêmula e arrependida de sua audácia. Ele mexeu-se como que provocado pela gula do olhar dela. Cristina deu um passo para a frente e levou as mãos ao peito como para reter o coração.

Alexandre sentou-se repentinamente, perguntando em surdina:

— Quem está aí?...

E diante dele ela surgiu toda trêmula e pálida, respondendo como se soltasse um débil gemido.

— Eu!...

Ele fixou a vista em sua silhueta e meio incrédulo recostou-se no encosto da cama. Cristina deu mais um passo e ficou olhando-o ansiosa, lançando-lhe chispas de desejo em cada lance do brilho voluptuoso de seus olhos.

O silêncio tornou à volta deles por espaço de tempo.

Com a voz rouca e embargada ele quis ser rude:

— Vá embora!...

Como se agisse automaticamente, ela desatou o *robe* na cintura e, estendendo os braços ao longo do corpo, deixou-o resvalar para o chão. E fremente, completamente nua, surgiu lasciva e provocadora em toda sua beleza física de mulher.

O olhar de Alexandre incendiou-se ao percorrer-lhe o corpo.

Vagarosamente, ela foi acercando-se do leito e com suavidade inclinou-se sobre seu peito largo, passando os braços em torno de seus ombros. Depois enfiou as mãos suavemente por dentro do paletó do pijama, fazendo-lhe carícias excitantes, com as unhas afiladas. Desabotoou um a um os botões e seus seios túrgidos roçaram-lhe no peito nu. Resvalou a boca pela face dele, prendeu-lhe os lóbulos das orelhas entre os dentes e acariciou-lhe com beijos suaves o pescoço e a nuca.

Num gesto repentino e covarde, ele empurrou-a. Ainda desorientado lhe deu uma bofetada. Cristina caiu no chão sem poder evitar um grito de dor que se escapou de seus lábios feridos. *O som* de sua voz atravessou as paredes do quarto e ressoou pelo corredor.

Felizmente Rosa dormia a sono solto ao lado de uma garrafa de aguardente meio vazia.

Com a mão na boca, os olhos vertendo lágrimas, Cristina esperou assustada que algo acontecesse. Alexandre, ajoelhado no meio da cama, olhava para a porta atentamente. Seus olhos relancearam pelas paredes e foram fixar-se timidamente nela. Cristina ergueu-se puxando o *robe* que ficara amontoado ao lado. Deteve-se. O olhar dele devorava-a. Sua nudez fascinava-o, roubava-lhe as forças. Dominado, ele levantou-se, arrastou-se até ela e mal teve potência para tocá-la com a ponta dos dedos. Estava como que hipnotizado. Cristina deslizou como uma sombra perfumada. Alçou as mãos suavemente, apoiou-se no peito dele e, arrancando-lhe o paletó de uma vez, colou-se nele esfregando os seios em seu tórax másculo. Alexandre recurvou-se excitado para alcançar-lhe a boca e dobrou-a para trás agarrando-a com fúria. Colhia o corpo dela entre os braços sorvendo-lhe o beijo com verdadeira gula. Sugou-lhe a língua, bebeu-lhe a saliva. E paralisados ficaram apertando boca contra boca.

Esmorecendo num suspiro demorado ela afastou-se um pouco. Sem o menor desvelo puxou o cordão que lhe prendia as calças na cintura. Alexandre despido por ela, pela primeira vez tremia e se portava como que dominado pela emoção. Empurrou-a para a cama. Com as mãos crispadas, o rosto descomposto numa expressão aflita, ele ajoelhou-se ao pé do leito e pôs-se a beijar-lhe o rosto, a boca, os olhos, os cabelos. Num arrebatamento erótico sorvia a doçura do beijo daqueles lábios, gozando o acicate em brasa do desejo com o contato febril de seus corpos. E então, vencido, prostrou-se com ela na cama, escondendo o rosto nas madeixas negras dos cabelos dela. Esmagava-a contra o peito, como para conter o coração que pulava como um leão encarcerado.

— Eu a amo... eu a amo... — dizia arrebatado, a arfar de febre.

As mãos de Cristina acariciavam-lhe as têmporas como duas plumas macias. A emoção e o desejo arrebataram-se de encontro dentro do peito. E Cristina chorou.

— Não chore, amor... eu agora não posso mais... quero-a... você me pertence. É minha!... Mato o primeiro que ousar acercar-se de você. Você é minha! Minha! — acentuou com voz quente, machucando-a com a força das mãos.

Agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a contra a cama que rangeu. Agarraram-se freneticamente e se beijaram como feras famintas. Cristina era dele para não ser compartilhada com mais ninguém. Nem mesmo com a lembrança de Roberto e do pai. Se fosse preciso renunciar a tudo para ser dele para sempre, jurou que não se deteria diante de qualquer obstáculo e desafiaria a quem quer que se atrevesse a fazê-la mudar de idéia. Nada a arrancaria dos braços dele. Nada no mundo poderia convencê-la de que pecava. Aquele amor era sua razão de pensar, sua razão de viver.

As juras que ela lhe fez, confidencias que ela lhe sussurrou aos ouvidos, confessando que só para entregar-se a ele fora para lá, explicando como soubera de sua vida por intermédio de Nieta e quanto ciúme tivera, deixaram-no comovido e ele pediu perdão por tê-la tratado tão mal. Nada mais importava, nem mesmo eram necessárias explicações e desculpas. O momento pedia beijos e afagos e eles se abraçaram com mais ímpeto.

Uma expressão temerosa e aflita sombreou as pupilas de Cristina. Ela estremeceu e apertou-se mais a ele. Só então pensava na situação que criara. Roberto de um momento para outro estaria de volta para buscá-la e ela estava com medo de lhe dizer que amava Alexandre. Que o traía. Que era uma esposa infiel. Que não voltaria com ele. Que errara lamentavelmente quando se casara com ele. Temeu por Roberto. Como contar-lhe tudo? Tremeu como uma folhinha indefesa.

Alexandre obrigou-a a olhá-lo como se estivesse desconfiado, como se estivesse sentindo seu tormento. Seus olhos se perderam nas profundezas dos olhos dele.

— Você deixa tudo por mim, Cristina? Tem coragem? Tem coragem de dizer ao seu marido?... Tem?...

— Tenho, Alexandre... Deixo a própria vida por você. E as duas bocas uniram-se trêmulas e comovidas. Aquele homenzarrão estava vencido, rendido aos apelos do coração. Uma ternura invadiu-a e ela lhe disse como uma mãezinha delicada.

Alexandre ergueu-se imprevisivelmente açoitado por pensamentos. Um complexo martirizante se revelava, provocado por lembrança daquela ofensa que ela tão atrevidamente lhe jogara ao rosto.

— Não. Não pode ser. Sou pobre. Não tenho nada. Sou sim um criado de estrebarias e você... você é a dona dos cavalos... dos criados... de tudo... e é casada... é de outro... é de outro...

Cristina obrigou-o a calar-se puxando-o para cima da cama. Atirou-se em cima dele segurando-lhe a cabeça com as mãos delicadas e desceu contra a dele a boca entreaberta. E naquele beijo demorado ela quis que ele sentisse a importância de seu amor. O quanto valia para ela aquele momento. Uma sensação embriagante elevou-se ao páramo da inconsciência. De novo se entregaram em reviravoltas tontas à fúria passional; Cristina apegava-se a ele e movia-se com sensualidade para que ele a desejasse mais e se esquecesse do resto. Teve ódio da situação que insistia em separá-los.

Alexandre tombou-a ao lado e encontrou-a ao mesmo instante pronta para ser ferida por ele. Para recebê-lo dentro de seu corpo. E fundiram-se no abraço, comungando mais uma vez na taça do desejo os corpos febris. Um sussurro débil, uma voz frágil vencida pela embriaguez da volúpia entrecortou-se num aí demorado e perigoso:

— Aiii... Alexandre... Alexandre... meu amor... você... me... mata... — Cristina trincou os dentes. Queimavam-lhe as solas dos pés. Toda ela transpirava, porém um arrepio quase que imperceptível ia desfazendo-se como que interceptado. Só se excitava sem que houvesse consumação, sem que o espasmo a vencesse. O êxtase não se completava. Tornou a esfregar-se contra ele, comprimiu-se, estorceu-se e por fim relaxou-se entre seus braços esmorecendo com um débil lamento de desânimo. Alexandre olhou-a curioso. A expressão do rosto dela revelava o gozo. Sacudiu-a fragilmente como para despertá-la e juntou-a num aperto mais convulso. Com uma das mãos escondeu-lhe o seio e roçou o mamilo com a ponta dos dedos.

— Abrace-me... aperte-me... querida... querida... aperte-me... te-me... A voz dele empolgava-a de novo. Os sentidos vibraram e tudo nela gemeu de gozo. Os braços rodearam-no. Prendeu-lhe os lábios com a boca enfebreçada. E seus peitinhos palpitarão dentro das mãos dele acariciados com sofreguidão. Um impulso mais, e, quase ao mesmo tempo, se retesaram, num estremecimento mais prolongado, no nervosismo espasmódico, vencendo a meta que os levava ao paraíso.

\* \* \*

Naquela madrugada um homem e uma mulher atravessaram em silêncio, pé ante pé, o corredor da casa de Rosa, saíram para o pátio e entraram na casa em frente. No quarto de Cristina tudo vibrava impregnado de loucura.

Viveram essa noite com a intensidade do desejo e da saudade acumulada durante o tempo em que aquele mútuo receio os mantivera afastados um do outro. Despertaram abraçados, a palpitar ainda presos da emoção que os arrebatava. O olhar de Cristina afagou-o numa expressão de apaixonante enlevo. Ele prometeu-lhe felicidade e ofereceu-lhe sua vida para que ela decidisse seu destino conforme sua vontade. Depois saíram de mãos dadas como dois namorados, coibidos de compreender o perigo que os rodeava pelos ditames de seus corações.

O olhar indignado de Rosa não foi motivo para que se separassem. E afastaram-se pelo atalho em busca da paz e da solidão que a mata lhes reservava. O dia foi curto para demonstrações de amor tão intenso. A noite galopou apressada demais para dar-lhes tempo de se extenuarem. Manhãs, de outros dias surgiram radiantes e cheias de promessas. Tardes tropicais foram vividas com intensidade. As sombras das árvores escondidas na mata testemunharam cenas de erotismo. Como vândalos do desejo embriagavam-se os dois na orgia das emoções raras que só os verdadeiros amantes sabem gozar. E assim se passaram quatro dias.

Estirados sobre a relva em uma clareira no meio da mata, Alexandre e Cristina mantinham colóquio amoroso. Trocavam beijos e carícias e se beliscavam excitados.

Alexandre segurou-a pelos pulsos e meio inclinado sobre ela perguntou muito mansamente com ar ameaçador:

— Quem lhe disse que sou... um assassino?

Ela enrubescceu lembrando-se do dia em que o ofendera e contestou:

— Alguém... você... você nunca matou ninguém?... Nunca?... Eu não acreditei...

— Se não acreditou por que pergunta tão desconfiada e com medo?... O que lhe contaram?...

Cristina explicou em poucas palavras o drama que haviam feito de sua vida. Ele contorceu a boca sarcasticamente e soltou uma gargalhada.

Depois olhou-a muito sério e disse pensativo:

— E mesmo depois de tudo que Nieta lhe disse... depois de tê-la feito pensar que não passo de um assassino, você teve coragem de... — A emoção não o deixou terminar. Cristina abraçou-o apaixonada.

— Eu o quis sempre... e depois, Nieta não disse nada com precisão, não afirmou nada... Fui eu quem num momento de raiva quis magoá-lo...

— E conseguiu!... E como!... Você não sabe o efeito que suas palavras produziram...

Sua voz soou triste e misteriosa, como se estivesse sofrendo a mais angustiante recordação. Depois apertou-a muito e, fitando-a profundamente nos olhos perguntou aflito, com a respiração ofegante;

— Você crê que eu seria capaz de matar um homem? Um homem que havia sido meu amigo, companheiro de trabalho... você acredita?

Cristina sentiu a rudeza de suas mãos apertando-lhe os ombros e respondeu condoída, vendo, naquela expressão congestionada, uma terrível dúvida contra si próprio. Comovida, sentindo o coração pulsar como nunca, pediu-lhe, querendo confortá-lo:

— Conte-me, Alexandre. Conte-me a verdade. O que o martiriza tanto. Eu jamais acreditaria que... oh!... nunca pensei que o tivesse magoado tanto!

— Você não tem culpa.

Alexandre fitou-a em silêncio alguns instantes e começou sua narrativa aprofundando a face nas madeixas dos cabelos negros que jaziam espalhados pelos ombros dela.

— Tudo aconteceu mais ou menos como Nieta lhe contou... Na realidade sempre fui um homem rude, bruto... revoltado... mas, Rosinha não era uma mulher com quem um homem quisesse casar... e depois, eu não tinha sido o primeiro... havia outros... — Nesse instante Alexandre parou sua narrativa, soergueu a cabeça e olhou-a duramente proferindo entredentes: — ...como sempre...

Cristina estremeceu em seus braços e sua expressão teve uma contração de profunda mágoa. Ele condeu-se por sua rudeza e beijou-a arrebatado como a pedir-lhe que o perdoasse. Que soubesse compreender sua natureza ciumenta. Cristina manteve-se terna e passiva. Uma lágrima correu-lhe pela face e foi cair no rosto de Alexandre. Com um soluço, a voz dele afagou-a.

— Cristina... querida...

— Não. Não diga nada. Eu compreendo... eu compreendo...

Ele tornou a inclinar a cabeça em seu ombro e puxando-a para mais junto de si prosseguiu entre pausas demoradas:

— Como Nieta contou... os colonos souberam vingar-se pondo-me em complicação tremenda... acarretando ao seu pai grandes prejuízos... E, como se não bastasse... dias mais tarde, Antônio, o irmão de Rosinha, surgiu imprevistamente querendo vingar-se, não se conformando, instigado pela língua perversa daquela... perdida... Não fosse um dos colonos andar por perto eu teria sido baleado covardemente pelas costas... tive tempo exato de jogar-me de bruços e rolar para trás do estaleiro... Ele avançou para mim e nos atracamos numa luta violenta. Em dado momento, desferi-lhe um soco que o fez perder o equilíbrio e despencar para dentro do rio. Com a frieza do raciocínio ainda tentei salvá-lo, mas foi inútil... não adiantou... ele não sabia nadar e foi arrastado pela fúria das águas em direção à roda hidráulica. Vi quando ela enguiçou... rangeu como se estivesse moendo pedras... vacilou um instante e depois... foi girando... girando...

Por alguns momentos ele e ela permaneceram calados sem se moverem sequer.

Percebendo que era a primeira vez que Alexandre falava de seu passado, deixou-o falar para que desabafasse. Sentiu-o então mais seu do que nunca e acariciou-o ternamente, comovida diante da sensibilidade daquele homem que dava a impressão de ser capaz de destruir o mundo.

— Dias mais tarde, com a apresentação das testemunhas do trágico acontecimento, seu pai conseguiu livrar-me da prisão. Mas... quando a desgraça surge, vem pesada... vem para arrasar corações, para deixar lembranças terríveis... Não passara muito tempo para que eu pudesse ter o espírito livre

daquela recordação, quando meu pai foi assassinado... por que você já sabe... foi horrível... Minha mãe sofreu, mas talvez tivesse sido melhor para ela. Eles não se davam bem, não se compreendiam, viviam em constantes brigas... ele até lhe batia... Bem, fui detido outra vez porque investi contra os guardas que levaram Mercedes, a sevilhana. Fiquei louco, uma fúria diabólica impeliu-me. Se um dos guardas não me esbordoasse com seu cassetete, eu a teria estrangulado... Ela foi presa e condenada. Já vê que não fui eu quem deu sumiço nela... Ela ainda cumpre sentença. Com o tempo minha vida se foi normalizando, embora devido aos comentários me visse forçado a deixar de clinicar como veterinário nas fazendas da vizinhança; e um amigo meu de profissão passou a ocupar meu lugar... Abandonei completamente os estudos... eu, um homem marcado pelo destino, lutando sempre... aqui neste fim de mundo... oh! mas não pense que não gosto daqui... Não troco a estância por nada! Dentro de pouco tempo poderei acabar de pagá-la... Depois então você vai ver a riqueza que se esconde em cada pedacinho destas terras. Tudo vai brotar. Vai produzir. Já vejo o gado pastando do outro lado... as reses mugindo dentro do mangueirão e os colonos trabalhando na lavoura... Esta terra é boa e plantando dá. Hei de cultivar tudo isto e a mata se converterá no mais vasto campo de agricultura de todo o sertão...

Alexandre parou de falar de repente, soergueu a cabeça e olhou-a desconfiado como a perguntar-lhe se falara muito. Cristina permaneceu imóvel, fitando-o absorta como se estivesse acompanhando, com o seu, o pensamento dele. Depois alçou as mãos e tomou-lhe o rosto entre elas puxando-o delicadamente e uniu seus lábios macios àquela boca que proferiu baixinho num momento de enlevo amoroso:

— Cristina... meu amor...

Ela afastou-se, olhou ao redor meditativa como se engendrasse um plano. Depois inclinou-se sobre o peito dele e disse com um trejeito de cigana:

— Vamos armar uma tenda aqui? Ficaremos escondidos durante dias e noites. Não precisaremos voltar quando começar a escurecer... e eu serei sua... dormirei em seus braços livremente... aqui onde a magia embriagadora germina em cada sombra das árvores... o cheiro da terra se confundirá com o perfume dos nossos corpos e crepitará como o fogo do nosso amor... você sentirá o meu perfume em mistura à seiva das folhas escorrendo orvalho dentro da madrugada... e minha boca será como uma concha... como uma casca de fruta para lhe dar de beber... oh! amado... fiquemos aqui... só nós dois e a natureza... Seremos como os dois primeiros seres desfrutando as delícias de um paraíso... inventando o amor...

Era a voz feminina cheia de ilusões, palpitante de ansiedade dentro de uma sensibilidade romanesca que pedia ao homem que desse vida aos seus sonhos... que fizesse de sua vida o que ela sonhava que fosse... Ele arqueou a sobancelha e fitou-a com expressão de riso:

— Você pensa que não é perigoso ficar aqui?

— Oh! não faz mal! Será mais excitante a ventura. E você me defenderia, não é?

— E eu? Quem cuidaria de mim? — perguntou como se estivesse realmente indignado. Os olhos arregalados de Cristina excitaram-no. Queria ouvi-la falar mais daquela maneira sonhadora que lhe dava um ar de ingênua e a tornava tão frágil como a depender dele somente.

Ela fez um muxoxo de decepção e, dando-lhe um beliscão na face, provocou-o:

— Você não me ama... Covarde!

— Tolinha! eu estava brincando; é que para armar a tenda teríamos que nos separar alguns instantes. — Quis prendê-la nos braços e ela empurrou-o.

— Por quê?

— Enquanto eu me cansaria aqui cortando galhos de árvore, você teria que ir até à estância buscar as lonas, cobertores e merenda para os dois.

Cristina levantou-se rápida e tirando o facão da cintura dele jogou-o ao lado. Afastou-se ligeira e ordenou-lhe enquanto sacudia a saia que se sujara de terra.

— Pois comece a fazer força, amor...

\* \* \*

Entretanto, quando chegou à porta da casa-grande, teve terrível choque. No meio da sala Roberto aguardava por ela. Tinha um aspecto muito desagradável. A voz soou trêmula.

— Vim buscá-la, Cristina...

Com um olhar de desafio e uma risadinha insolente, ela dirigiu-se para a escada, galgou alguns degraus e perguntou-lhe como se, temendo que ele soubesse o que se passara durante sua ausência, estivesse a colocar-se na defensiva:

— Por quê?...

— Por uma razão muito triste! Não sei como lhe dizer, mas não há outra solução... trata-se de seu pai...

Imediatamente ela mudou de atitude. Cravou as pupilas inquisidoras no rosto pálido do marido. Ficou esperando que ele expelisse a má notícia. De súbito aclarou-se-lhe no rosto a expressão do desespero:

— Que foi?... que há com papai?...

Roberto inclinou a cabeça, para esconder a expressão aflita. Cristina viu-se obrigada a agarrar-se no corrimão para tomar fôlego e não cair, diante da dúvida que estourou em sua cabeça. Ele avançou para ela e envolveu-a nos braços sôfregos.

Foi um alude súbito. Cristina ouviu-o aflita. As pernas começaram a fraquejar, os braços penderam enfraquecidos. Sua natureza temperamental despertou num momento de terrível desespero. Sem mesmo trocar de roupa, saiu à pressa acompanhada do esposo.

\* \* \*

Naquela mesma tarde em que Cristina recebera a visita do portador das notícias, o terceiro cúmplice do roubo do banco havia sido preso. Tratava-se na realidade de uma mulher. A amante do caixa-geral. O caso estava sendo resolvido sem muita dificuldade e sem grandes prejuízos. O dinheiro fora restituído. Apenas uma pequena quantia havia sido gasta. No dia imediato, Nieta deveria ter partido para ir buscá-la em Aquajoso, entretanto o Sr. Fernando fora vítima de um súbito colapso e ela não pudera deixá-lo. O Dr. Carlos não se afastara dele um minuto sequer.

Roberto não quis que comunicassem o acontecimento à sua esposa para evitar-lhe mais um aborrecimento, mesmo porque o Sr. Fernando havia exigido que não fossem buscá-la. Esperavam que ele se restabelecesse, mas de um momento para outro o caso complicou-se e agora Roberto vira-se na contingência de ir buscá-la imediatamente sem mesmo ter certeza de que voltaria a tempo de ouvi-lo pela última vez.

Durante a viagem de regresso a imagem de Alexandre surgiu-lhe na memória e passou a persegui-la ameaçadora, provocando-lhe uma confusão terrível de pensamento e de dor. Deixara-o sem lembrar-se sequer de escrever-lhe uma nota explicando o motivo de sua súbita retirada. Imaginava-o então a cortar os galhos das árvores, feliz, a esperá-la, e contraía-se ultrajada, sofrendo incalculavelmente.

Rosa vira-a sair naquele momento de aflição, mas deveria ter suposto que o motivo do pranto de Cristina fosse outro, por isso não se aproximara dela que seguia amparada nos braços do marido que também estava com aspecto congestionado.

A noite um automóvel parou em frente ao palacete.

Cristina saltou desprendendo-se dos braços do marido e correu empurrando o grande portão de ferro negro. Invadiu a casa e subiu as escadas do *living* entregue a ardente pranto.

O Sr. Fernando expirava. Mal podia abrir os olhos para olhar a filha. Estava quase que

completamente paralisado. Apenas um fio de voz percebia-se por entre seus lábios frios e descorados.

Cristina acercou-se do leito premindo o peito convulso com as mãos crispadas. Atirou-se de joelhos ao lado dele e beijou-o nas faces. Voltou-se para Roberto e reclamou aflita:

— Por que não me foi buscar?... Por quê?... Eu deveria estar aqui... Você fez mal...

O Sr. Fernando ergueu a mão vacilante e lhe pediu que se calasse. Beijou-a ternamente e em seguida resvalou a mão por sob o travesseiro e trouxe de lá dois envelopes lacrados.

Ao ler de relance o nome do destinatário, Cristina voltou para o pai os olhos interrogadores. Ele balbuciou com a voz triste e cavernosa:

— Só ele saberá dar valor àquelas terras... é bom rapaz... A estância está bem paga... Já percebo que me restam poucos instantes... quero aproveitá-los para desejar a você... e a Roberto... muitas felicidades... que sejam felizes... muito... feli... zes...

Já então ela não se conteve mais. Deitou a cabeça no peito enfraquecido do pai moribundo e chorou. Quando ergueu a face percebeu, nos olhos vítreos do progenitor, a despedida final. Um sorriso apagado perpetualizava-se em seus lábios frios. Ela beijou-lhe o rosto e chamou-o, incrédula. Roberto puxou-a contra o peito num abraço protetor. Ela empalideceu e seu corpo tombou nos braços do marido.

Roberto reteve-a trêmulo. De seus olhos corriam duas lágrimas comovidas.

Nieta, que os observava ajoelhada ao pé do leito, cruzou as mãos do patrão e chorou também sentidamente como se sofresse nesse instante a perda irremediável de um filho querido.

No fundo do aposento, o Dr. Carlos se refugiava para esconder sua emoção e enxugar suas lágrimas.

# Capítulo XV

Trinta dias passaram-se frios e mortuários.

Fora necessário sofrer a perda de alguém para saber quão tormentoso é o silêncio. Como uma sombra, Cristina vagava pelos aposentos escurecidos à procura de uma solução para sua tortura. Não se lembrava de ter sofrido dor semelhante. E ela não se atrevia, não tinha coragem de completar seus pensamentos quando se lembrava de Alexandre. Aquele amor indestrutível impunha-se a tudo.

A presença do esposo deixava-a trêmula e ressabiada. Roberto sentia a aversão que ela tinha por ele e cabisbaixo, tornando-se indiferente e frio, procurava afastar-se dela por mais tempo possível. Já então uma dúvida perigosa o assaltava. Cristina deveria esconder algo terrível dentro de seu coração. Algo que a afastava dele e a arrebatava para distâncias incalculáveis. Absteve-se de interrogá-la, conformado e cômico de que nunca poderia provocar naquele coração um resquício de afeto, uma chama de amor... Aquela mulher não lhe pertencia e ele agora percebia a pouco e pouco que uma indiferença fria e inabalável ia endurecendo-lhe o coração que já amara tanto. E afastou-se e deixou-a a cogitar, como se consentisse que ela fomentasse sonhos sensuais dos quais ele próprio era testemunha ocular. A recordação de que bastava tocá-la de leve para que ela se retraísse como se o abominasse fez com que ele tivesse uma contração de despeito. Ao vê-la caminhando como se fora múmia, alheia, impenetrável, naquele mutismo enervante ele pensou que seria horrível continuar vivendo ao lado daquela mulher que não tinha-forças para se livrar de uma lembrança, continuando assim a arrastar-se como uma alcoólatra pelos campos imensos do pensamento. Teve um momento de antigo compadecimento e acercou-se dela para dizer algo. Ela entretanto continuou a caminhar de um lado para outro como se não o tivesse percebido.

Exaltado e nervoso abriu a porta e saiu.

Dias mais tarde voltaram a ocupar o antigo apartamento concordando com a insistência do Dr. Carlos que afirmava não poderem os dois continuar vivendo daquele jeito.

No cérebro de Cristina uma verdadeira tempestade se arrebatava.

Eram as expressões de Alexandre que se confundiam com as do pai. Rostos que volteavam como fantasmas. Lembranças que a sufocavam como asas de águias negras. Tudo se desfazia ao seu redor em cinza, pecado e morte. Tudo se destruía como que provocado pelo cataclismo de seus pensamentos. Como uma sombra, Marcos acercava-se dela e, reclamando-lhe fidelidade, perguntava pelo seu filho que não chegara a nascer. E logo o pai surgia apontando para ela o dedo acusador e seus olhos eram como dois punhais atravessando-lhe o coração. E, sobre tudo, Alexandre, ameaçador, com as mãos tintas de sangue gritava-lhe impropérios, com um facão na mão a cortar galhos de árvores que ia jogando aos seus pés... atirava-os em sua direção como se quisesse feri-la. E era em Roberto que ele se vingava e Cristina não tinha forças para defendê-lo. Cenas terríveis descortinavam-se em sua mente aturdida. E ela corria para Alexandre com as mãos estendidas, o coração palpitando e seus dedos se distendiam e se contraíam querendo agarrá-lo.

Mas era sempre diante de Roberto que ela ia se encontrar. E ele a olhava assustado como se tivesse diante de si uma louca. Procurava acalmá-la e insistia em tomar-lhe o pulso; ela, entretanto, repudiava-o ofegante e decepcionada.

Que estaria Alexandre fazendo? Que estaria pensando? Que estaria tramando? Esperava-a ou se

tomara novamente vingativo e cruel?

Roberto surgia diante dela desprovido de qualquer sentimento. Parecia um boneco movimentando-se maquinalmente. Sem reclamar. Sem maldade nem bondade. Meticuloso e compreensivo, como sempre. Compreensivo não. Idiota! Indiferente. Vazio! Cristina sentia por ele um misto de desprezo e rancor ao mesmo tempo que se penalizava querendo entender o caráter daquele homem que se tornava um estranho para ela.

Nieta sempre ao lado dela ia tomando nota de suas expressões e já se convencera de que Cristina estava passando por uma crise de desesperada paixão. Por quem? Isso temia ter que responder e calava.

Um dia Cristina não se conteve e lhe contou tudo. Depois de ter desabafado Cristina sentiu-se melhor e capaz até de acercar-se de Roberto e conversar com ele durante muito tempo. Entretanto isso não bastou para que arrefecesse aquele amor. E também não foi suficiente para fazer com que Roberto voltasse a tratá-la como dantes. Via-se em seu rosto que ele pretendia algo, mas não dizia nada. Apenas olhava-a detidamente como a querer por uma curiosidade banal saber o que se passava em seu íntimo.

Entre ela e ele firmou-se a separação definitiva. Tratavam de negócios e falavam sobre o inventário dos espólios como dois parentes. Nada mais.

O caso do Banco ia encerrando-se com normalidade. Cristina descobriu que Roberto soubera entrosar-se nos negócios de seu pai de tal maneira que se algo entre eles viesse a acontecer ela perderia quase tudo. Só então compreendeu até que ponto chegara o cálculo metódico daquele homem de negócios e o porquê de sua indiferença. Confirmavam-se suas suposições, mas ela não se condeou por isso.

Era um sábado, numa dessas tardes ensolaradas, quando a própria alma se sente impregnada de estranha disposição, quando Cristina e Roberto receberam a visita inesperada de vários amigos que Cláudia havia reunido para proporcionar-lhes uma tarde mais alegre. Cristina recebeu-os friamente, mas a pouco e pouco foi ambientando-se e chegou mesmo a esquecer suas perturbações. Alexandre ficou distante como um ponto inatingível e tão dentro dela que não podia sentir saudade.

Um sorriso pálido aflorava-lhe os lábios. Um lampejo de esperança passou pelas pupilas de Nieta quando a viu acercar-se de Roberto e pediu-lhe sorridente que preparasse um coquetel para os amigos. Por breve instante, aos olhos alheios, tornaram a ser marido e mulher.

Cláudia contou com exageradas mímicas uma das suas picantes anedotas. Uma gargalhada geral estourou dentro da sala. Cristina também se viu obrigada a rir pela exigência das circunstâncias.

Nesse instante Nieta que vinha com uma bandeja de sanduíches parou de passagem para abrir a porta. Um toque estridente de campainha insistiu mais uma vez.

Súbito, numa mudança impressionante, os olhos de Cristina arregalaram-se, o riso gelou-se-lhe nas faces. Ela levantou-se rápida e amparou-se no encosto da poltrona para não cair. Todos voltaram a cabeça, acompanhando o olhar aterrorizado da jovem que tremia como se a estivessem sacudindo violentamente.

Fora Alexandre que surgira na soleira da porta.

Estava altivo e desdenhoso ferindo-a com seu olhar cheio de ódio. E os dois se fitaram durante alguns momentos como que magnetizados. Ele sarcástico e ferino. Ela trêmula e assustada. Roberto observava-os intrigado e, como se tivesse compreendido toda a trama, inclinou a cabeça envergonhado, apertando nas mãos o copo de uísque.

Sem importar-se com os demais espectadores Alexandre avançou até a porta da sala e jogou aos pés de Cristina uma valise que se abriu espalhando pelo chão as roupas que ela havia deixado na estância.

Depois avançou para ela fuzilando-a com seu olhar e pes-pegou-lhe as faces com um pedaço de papel que em seguida atirou com brutalidade em seu rosto. Era o envelope que recebera dias antes com os documentos de revalidação da propriedade que o Sr. Fernando lhe havia deixado.

Sem dizer palavra, ele se afastou e em seguida antes de fechar a porta atrás de si mediu-a com um

olhar cheio de desprezo. Olhou também para os que ali se encontravam como a desafiá-los e finalmente se foi.

Cristina ainda se manteve como que pasmada. Imóvel como se lhe faltassem forças para correr atrás dele como desejaria. Era tarde demais. Alexandre se fora rápido. Quando despertou e o seguiu apenas teve tempo de vê-lo em um táxi que se distanciou veloz.

Cristina ficou na calçada, com a mão erguida, suspensa num aceno. Incapaz de mover-se, aturdida demais para perceber o interesse que estava despertando nos transeuntes.

Um a um os amigos de Roberto foram se retirando em silêncio. Quando ela voltou encontrou o marido sozinho sentado no sofá com o corpo inclinado, a cabeça escondida entre as mãos.

Não se deteve diante dele. Correu para a janela e lá ficou ofegante, perscrutando as ruas, como se acreditasse que Alexandre ainda voltaria. Notava-se que não era dona do que estava fazendo. Lágrimas incontidas rolavam-lhe pelas faces uma atrás da outra.

Roberto levantou-se lentamente e disse com voz embargada, mas decidida:

— Cristina... vou deixá-la... Já o havia pensado antes... agora... devo fazê-lo...

Ela não se voltou. Continuou ali parada como se não o tivesse escutado. Roberto saiu fechando a porta do apartamento muito devagar. Ela percebeu que era a última vez que ele saía. Roberto não voltaria mais. Saía de sua vida para lhe dar liberdade de viver como antes, quando a deixara perder-se na voragem de seus pensamentos. Não tivera nem mesmo vergonha suficiente para manifestar-se como um verdadeiro homem quando descobre que foi traído. Era mesmo difícil compreender o caráter daquele indivíduo. O que ela soube é que com ele se fora o Banco, e muitas outras propriedades.

Estava só. Só com os seus fantasmas. Com a poeira de seus pecados ardendo-lhe nas pupilas. Com o espectro do pai ferindo-lhe dentro. Com a voz de Alexandre estalando-lhe na cabeça. Tapou os ouvidos não querendo ouvir mais. — "Você não presta... só serve para... Você não presta..."

A noite escureceu a sala. Perplexa, ela se estendera no sofá e ali ficara. Nem mesmo Nieta surgira para reconfortá-la. A casa estava vazia e dentro de Cristina tudo se aninhava como veneno, consumindo-a e martirizando-a.

As horas transcorreram lentamente. Sentou-se no sofá. O cuco assinalou nove badaladas. Nesse instante Nieta invadiu a sala, chamando por ela afobadíssima. Ao vê-la soltou um suspiro de alívio. Cristina ficou olhando para ela com as pálpebras trêmulas como duas asas flinando, preguiçosas. Atrás de Nieta surgiu o Dr. Carlos consternado, meio ressabiado, amarrotando o chapéu de coco na mão como se estivesse julgando-se um intruso.

Nieta estendeu as mãos para ela com uma exclamação de confortante acolhimento.

— Minha pequena Cris...

Cristina afrouxou os nervos e sem que pudesse evitar jogou-se em seus braços, explodindo num choro convulso. O Dr. Carlos aproximou-se e sentou-se ao lado das duas e por muito tempo ficou ali calado, esperando que ela se acalmasse. Cristina, passando seu nervosismo, voltou-se para ele e num alude, sem escolher palavras, contou-lhe sem omitir pormenores, tudo que lhe vinha acontecendo desde o dia em que se apaixonara por Alexandre.

Ele ouviu-a com atenção. Suas espessas sobranceiras moveram-se sinistramente. Estendeu a mão sobre as mãos cruzadas de Cristina e dirigiu-se a ela meditativo, bastante preocupado.

— É estranha sua obsessão por Alexandre quando ainda não o conhecia. Não resta dúvida que foi uma perturbação provocada por aquele acidente. O sonho que me contou não é mais do que uma reprodução exata do que aconteceu. Confirma-se com o despertar provocado por dores. Você realmente sofreu com o aborto, ingerira muita água e se machucara com a queda. Foi o que ocasionou a morte da criança. Depois você se impressionou com os comentários de Nieta a respeito de Alexandre. Por tê-la salvo, fez dele um homem ideal, excepcional e, quando o conheceu, a sua personalidade esquisita e dominadora acabou por arrebatá-la. Já impressionada o bastante por admirá-lo, você sentiu-se

irremediavelmente atraída e só depois quando percebeu que teria de lutar para conquistá-lo, sentindo o perigo daquela atração, foi que surgiu o sentimento de amor contra o qual você pugnava. Geralmente, em casos como esse, depois de se confrontarem com a imagem do sonho, depois de descoberta a causa que os provoca, a obsessão desaparece a pouco e pouco e a pessoa aturdida vai se tornando normal. Você sem dúvida sofreu uma perturbação psíquica, uma fraqueza moral bastante torturante e creio que ainda se atordoa com recordações penosas e pensamentos prejudiciais ao seu próprio organismo. É preciso que se fortaleça, que se trate. Julgo-a bastante doente. Moral e fisicamente. Está abatida, com olheiras profundas. Passe segunda-feira em meu consultório. Quero fazer-lhe um exame mais demorado e receitar-lhe algo.

Cristina ficou ainda calada por muito tempo refletindo em tudo que lhe dissera. Depois vacilando, procurando coragem, contou-lhe as atitudes de Roberto em relação ao que lhe acontecera e o que se dera nessa tarde. O Dr. Carlos mostrou-se admirado e não soube compreender como poderia existir um homem daquele feitio. Não sabia se deveria julgá-lo mal ou se deveria admirá-lo. Uma frieza tão inabalável ou era digna de um caráter muito forte, ou de um homem muito reles, sem-vergonha, impotente.

Enfim, Cristina depois de aceitar a xícara de café que Nieta lhe trouxera, confessou ao Dr. Carlos sua decisão. Ela iria atrás de Alexandre. Seguiria-o nem que tivesse que acompanhá-lo até o fim do mundo. Ninguém poderia demovê-la de seu intento. O Dr. Carlos calou. Não soube lhe dar conselho ao perceber a intensidade do amor que crescia dentro dela. E, contra uma mulher apaixonada, que pode a Medicina? Principalmente em se tratando de uma jovem como Cristina. Apenas, após curta reflexão, ele lhe pediu que esperasse mais alguns dias. Fê-la prometer que aguardaria uma atitude de Roberto. Se ele voltasse, ela, como uma mulher de nome conceituado, deveria submeter-se àquele sacrifício. Se não, ele seria o primeiro a aconselhá-la que fosse embora para Alexandre. Ela não vacilou. Sabia, tinha certeza de que Roberto não voltaria e por isso concordou em esperar. Enquanto isso, teria tempo para submeter-se a um tratamento, pois estava realmente muito abatida. Iria refazer-se para depois ir, mais bela, ao encontro do ser amado...

Quando o Dr. Carlos se retirou, as duas se abraçaram, os corações confrangidos. Nieta soluçou ainda algumas palavras de conforto ao vê-la novamente entregue a um cruciante desânimo. E acalentou como a uma filha aquela jovem impetuosa que seria capaz de tudo por causa daquele homem. Olhou para a cabecinha reclinada em seu regaço. Por quantos sofrimentos não teria passado, sem que ninguém pudesse compreendê-la?! Beijou-lhe os cabelos e rezou desejando ardentemente que tudo se resolvesse para que ela fosse feliz ao lado do homem do qual fosse digna. Fez uma expressão de raiva e murmurou de si para si: — "O amor! Sempre o amor! Aquele moleque endiabrado!"

# Capítulo XVI

NA manhã seguinte, Cristina recebeu a visita de Rui e de Cláudia que o acompanhara a fim de buscar tudo que pertencia ao irmão. Era a confirmação de que Roberto não voltaria. Cristina mordeu os lábios. Um tormento a menos para suas divagações. Cláudia nem mesmo cumprimentou a cunhada. Parecia sentir por Cristina uma raiva quase insopitável. Naquela tarde, provavelmente, se Rui não a tivesse levado embora à torça ela bem que teria armado um escândalo. Cristina não fez caso quando ela sussurrou algo entre dentes querendo ofendê-la por certo. Percebeu quando Rui enrubescendo lhe pediu que se calasse. Ainda a ouviu dizer rancorosa e mordaz:

— É isso mesmo... Essa...

Naturalmente Rui pôs a mão em sua boca para que o nome feio não se escapasse. Como era diferente o gênio de Cláudia do de Roberto. Uma diferença tão grande que Cristina considerou melhor seria se Roberto tivesse o temperamento da irmã. Pareceria mais humano. Sorriu desdenhosa quando ela antes de se retirar parou à sua frente e dando-lhe uma medida analisadora fez um comentário nada agradável:

— Vamos, Rui... o ar aqui está infecto... sinto cheiro de galinha...

Cristina calou mas bem que teve vontade de lhe dizer que há muito sabia de suas falsetas e bem conhecia o tal com quem ela andava. Cláudia tinha um amante, naturalmente sem que o marido soubesse.

A porta fechou-se fazendo barulho e tudo lá dentro tornou à solidão.

Nesse domingo Cristina passou jogando paciência para não cair dominada pela angústia da dúvida. Estaria tudo acabado entre ela e Alexandre?! Não. Ele teria que compreender que ela não poderia viver sem seu amor.

Como as horas custavam a passar! O dia parecia não querer terminar e a noite arrastou-se como uma velha cansada.

Na segunda-feira logo de manhã, Cristina foi ao consultório do Dr. Carlos. Depois de tratar com ele, ela se sentiu mais calma e capaz de suportar por algum tempo a saudade que sentia de Alexandre.

Entretanto o Dr. Carlos ainda lhe fez uma pergunta meio duvidosa:

— Pense bem, Cris, você está certa de que ama esse homem? Não será uma loucura enterrar-se naquele... sertão? Não será esse amor uma... uma atração momentânea?

— Oh! não, Dr. Carlos. Nunca estive tão certa de algo em toda minha vida. Estou disposta a tudo por aquele homem. Sem ele não interessa viver. Atrás daquele aspecto de homem rude, o senhor não sabe quanto sentimento se esconde e que grande coração pulsa dentro daquele peito. — Suas pupilas aclararam-se e ela tomou entre as suas mãos as mãos do velho doutor: — Não sou flor de estufa... sou um potro fogo que Alexandre amansou.

O Dr. Carlos arregalou os olhos e a olhou sem compreender.

Ela então complicou mais ainda fazendo-o cocar a cabeça indignado.

— Não sabe que a mulher e o cavalo têm muito em comum?

Os olhos dela lampejaram. Andou pela sala encolhendo os ombros e passando as mãos pelo rosto:

— Pois é, doutor Carlos... a mulher e o cavalo são irmãos gêmeos...

Ele olhou para ela cada vez mais indignado e, antes que falasse algo, Cristina deu umas passadas até a porta. Seus olhos brilhavam como dois faróis e um sorriso malicioso sombreou-lhe os lábios:

— Não precisa chamar um psiquiatra, não. Eu não estou louca... — Saiu, fechou a porta e tornou a abri-la como querendo provocá-lo:

— Qualquer dia eu lhe explico por que a mulher e o cavalo são irmãos gêmeos...

Se ela não se fosse de uma vez, por certo o Dr. Carlos não teria sossegado enquanto ela não lhe explicasse o que significavam as suas palavras.

\* \* \*

Dois dias depois, Nieta entrou muito agitada no quarto de Cristina. Sentou-se com ela na cama e contou-lhe com estardalhaço que soubera por intermédio de Rui que Alexandre estivera conversando com Roberto.

Os olhos de Cristina lançaram chispas de indignação:

— Mas por quê? O que teriam eles para conversar? Que sabe você? Que foi que Rui lhe contou? Onde você o encontrou?

— Calma, Cris... eu já lhe conto tudo... não fique tão, agitada...

— Mas ande mulher, fale de uma vez.

A ansiedade espocava com fúria em suas palavras e em seus gestos.

— Encontrei o Sr. Rui quando fui fazer compras na cidade. Ele ia saindo do edifício onde tem seu escritório... esbarrou em mim e...

— Deixe-se de rodeios... Meia... vamos ao que interessa...

— Bem, ele gosta muito de você, sabe?... Por isso que contou. Alexandre quer comprar a estância e por isso foi procurar Roberto. Entregou-lhe a quantia que devia e Roberto lhe deu os documentos de revalidação.

— Mas Alexandre não tem nada a pagar. Papai deixou a estância para ele! E Roberto, como se atreveu a aceitar?

— Foi Alexandre quem exigiu. Ele não sabia que o Sr. Fernando falecera. Acreditava que você lhe tivesse enviado os documentos que o tornavam dono da estância como se quisesse com isso comprar o seu silêncio. Junto aos papéis não seguira nenhuma explicação. Era apenas a revalidação. Roberto deveria ter mandado anexo uma carta explicando que aquele fora o ultimo desejo do Sr. Fernando.

— Mas como é que Rui sabe disso? Alexandre não teria coragem de falar nada. Sei que ele não se atreveria a tocar em meu nome, embora faça tão mau juízo de mim...

— Eu também disse isso. Rui explicou que não foi preciso Alexandre falar para que ele compreendesse. Quando Roberto explicou que o Sr. Fernando falecera, Alexandre ficou pálido e sua expressão bastou para que se entendesse muita coisa.

— E... agora... Alexandre já foi embora? Que mais você sabe?

— Eu perguntei ao Rui se houve alguma discussão entre os dois, mas parece que não houve nada. Roberto nem sequer manifestou que estava ofendido. Aquele bicho parece que tem sangue de barata. Com que cara teria ele falado com Alexandre? Virgem, mas que homem!

— Homem é Alexandre. Homem por muitos. Você já pensou com que audácia ele deve ter enfrentado Roberto?

E os olhos de Cristina se iluminaram como dois archotes. Emocionada, uma inquietante sensação a possuiu.

— Você não respondeu. Alexandre já voltou para a fazenda?

— Já. Rui disse que ele parecia uma fúria. Que nunca viu homem tão decidido como aquele. Agarrou os documentos e saiu como um cavalo deixando Roberto feito um bobo no meio da sala.

Cristina acercou-se mais de Nieta e disse pausadamente:

— Alexandre ainda me ama. Eu sinto. Tenho que ir procurá-lo imediatamente. Ele tem que

acreditar em mim. Que o amo. Quero depender dele em todos os sentidos... como disse ele um dia: "Financeira e sexualmente."

Nieta contorceu os lábios e encolheu os ombros.

— Qual o quê! Você está dramatizando tudo, Cristina. Deixe de sonhar! Você está habituada a ter tudo que quer, do bom e do melhor, como poderá sujeitar-se a uma vida de... roça? Sim. De roça! Você não tem jeito para isso. Logo sentirá falta das regalias que desfruta.

Cristina interrompeu-a:

— Você não pode compreender, Nieta... Sou muito diferente do que você pensa... É verdade que errei quando fiquei noiva de Marcos. Que nem por nada deveria ter casado com Roberto... mas, que sabia eu da vida? Fui leviana e fraca, ingênua e incompreendida. Por isso sofri e fiz sofrer os que me queriam bem. Agora sou uma verdadeira mulher. Vim tropeçando pela vida até que encontrei Alexandre... O único homem que amei e amo... Não. Você não compreenderia se eu lhe dissesse que sou... uma flor silvestre... uma flor silvestre que desabrochou nas mãos de Alexandre...

Nieta retirou-se vagarosamente a encolher os ombros.

Cristina ficou só. Em seu rosto a expressão do enlevo revelava que ela já se imaginava presa naqueles braços queridos.

# Capítulo XVII

Antes de se decidir a embarcar para Aquajoso, Cristina procurou um advogado e diante de Nieta, que ficou como que pasmada, passou para o nome dela tudo que lhe restava da herança que seu pai lhe havia deixado.

Nieta retrucou mas de nada adiantou. Seria inútil fazê-la desistir de uma decisão uma vez tomada. Teriam porém de esperar alguns dias até que fossem lavrados todos os documentos.

Quando Nieta lhe pediu para explicar o que significava aquela sua absurda atitude, Cristina apenas respondeu ensimesmada, longínqua:

— Vou depender exclusivamente de Alexandre... Lembra-se? "Financeira e sexualmente."

Nesse instante a campainha ressoou pela sala e Nieta foi ver quem era. De volta avisou-a de que um homem estranho com uma pasta na mão estava no *hall* querendo lhe falar. Cristina mando-a fazê-lo passar para a sala de visitas.

Era um advogado que vinha em nome de Roberto com proposta de desquite. Os olhos de Cristina encheram-se de alegria. Tudo estava se resolvendo com facilidade. Sorriu para o homem cujo aspecto sério parecia jamais ter se contraído num sorriso.

Nessa semana teve que comparecer ao tribunal e enfrentar Roberto ainda algumas vezes. O semblante inalterável de seu ex-marido provocou em seu íntimo uma repulsa inexplicável. Trocaram algumas palavras. Apenas as exigidas pelo desenrolar do caso. Roberto nem pensou em tocar no assunto da compra da fazenda. E Cristina não pôde deixar de olhá-lo desdenhosamente ao pensar que ele havia se aproveitado bem daquela situação. Jamais poderia imaginar que também ele fosse um estróina. Não. Ele não era bem isso. Não passava de um homem... de negócios!

E Cristina achou melhor deixar de analisar o caráter complicado daquele homem que se tornara um estranho para ela, para voltar a preocupar-se com Alexandre. Assinou com prazer e sem mesmo ler com atenção todos os papéis que lhe apresentaram. Só lhe interessava ver-se livre para poder sair da cidade.

Nieta acompanhou-a até à estação. Cristina não levava mais que o vestido que trajava.

Durante a viagem ia pensando em como era dificultoso fazer a doação de seus bens. Era mais complicado que a própria ação de desquite. Entretanto não pudera esperar mais. A saudade que sentia de Alexandre fizera com que abandonasse tudo. Já se passara muito tempo. Alexandre por certo não poderia sequer imaginar que ela ainda fosse procurá-lo.

Durante alguns instantes refletiu no que Nieta lhe dissera quando lhe havia proposto que aceitasse sua doação. Estaria mesmo dramatizando tudo? Cristina sorriu quando sussurrou de si para si: "Agi por instinto."

Seu temperamento era impulsivo. Mas, ela estava bem segura ao lado de um homem ambicioso como Alexandre. Ela o ajudaria no empreendimento do cultivo daquelas terras. "A terra era boa e plantando haveria de dar muita coisa..." Em cada gleba uma raiz haveria de brotar... assim como em cada fibra de seu corpo o seu amor por Alexandre vibrava fazendo-a palpitar como uma avezinha quando descobre que tem o poder de voar.

A ansiedade estampava-se em seu semblante.

A viagem transcorreu ligeira. Embebida em seus devaneios, não se deu conta das horas.

Quando chegou à estância já era noite alta. Um silêncio expectante pesava ao redor. Cristina

vacilava em cada passo. Estava trêmula e acovardada. Parecia não haver ninguém por lá. Nem um suspiro de vida lhe chegava aos ouvidos. Entrou no bangalô e foi até o quarto de Alexandre. Estava vazio. Correu até o aposento de Rosa. Não tinha ninguém. Por certo já se haviam mudado para a casa grande. Lá chegando teve terrível decepção. Nenhum dos dois apareceu. O silêncio era absoluto. Apenas a sua cortou a escuridão num chamado de desespero.

Ninguém a atendeu.

Só o cão latiu, nem mais um alento de conforto. Jogou-se no sofá debulhando-se em pranto. De vez em quando erguia a cabeça como se percebesse passos. Era apenas impressão. O próprio bater de seu coração que a confundia. Chorou por muito tempo. Morfeu compadeceu-se dela e adormeceu-a.

As horas foram madrugando.

Cristina despertou assustada com o estrépito de uma porta que se escancarou. Sentou-se e muito pálida voltou o olhar ansioso para o fundo da sala.

Alexandre encheu-lhe as pupilas com toda sua figura.

Ergueu-se com o peito arfando de emoção e no êxtase da alegria suprema avançou para ele proferindo embriagada:

— Alexandre!... Alexandre, meu amor!...

Como uma fera entretanto ele agarrou-a pelos pulsos e sacudiu-a com violência, fora de si, transtornado por uma cólera inexplicável:

— Maldita!... Suma-se daqui! Já sofri demais por sua causa. Não venha agora desfrutar a alegria de me ver embriagado por sua culpa. Vá-se daqui... Rameira... Perdida...

Cristina atarracou-se nele sem se importar com seus gestos brutais e foi escorregando em seus braços até que se prostrou de joelhos aos pés dele murmurando entre pausas de soluço:

— Eu deixei tudo, Alexandre... Só tenho você agora... Vim para ficar ao seu lado... Se me expulsar não terei para onde ir...

Ele ergueu-a do chão mais furioso ainda:

— Chega de comédia!... Conheço sua classe... a plebe não age como vocês...

De repente os olhos dele apertaram-se maliciosamente e como se uma idéia de vingança mordaz o assaltasse, puxou-a contra o peito e proferiu com desprezo:

— Está bem... satisfarei meu desejo como animal e o seu em troca daqueles dias... Meu sangue queima-se de desejo por você.. mas é só desejo... somos iguais... estamos quites...

Cristina quis repudiá-lo enojada diante da expressão bestial que se estampara no rosto dele. Quis livrar-se dos seus braços, mas não conseguiu. Ele a prendia com força e, quando sentiu aquela boca sugando-lhe os lábios, desfaleceu num misto de prazer e de tortura. Vencida, pendeu entre os braços dele. Alexandre ergueu-a e levou-a para o quarto. Empurrou a porta com o pé e deslizou pelo tapete como um louco furioso. Jogou-a em cima da cama com brutalidade. Cristina, logo que se viu solta, virou-se rápida para escapar-lhe, porém, ele com um passo apenas, prendeu-a pelo braço e derrubou-a sobre a cama outra vez. Arrancou-lhe o vestido e despedaçando-lhe o resto das roupas debruçou-se sobre o corpo dela. Resvalou os lábios pelos seus ombros, osculou seu colo e depois prendendo-lhe os mamilos, sugou-os, molhando-lhe os seios com sua saliva. Cristina empurrava-lhe a cabeça chorando suplicante. Ele soergueu-se por instante e replicou com sarcasmo:

— O quê?!... Ter piedade? De você?...

E tornou a morder-lhe os ombros e a beijar-lhe o corpo inteiro como nunca fizera antes. Como se fora sádico sem escrúpulos depois de ter comprado algumas horas de uma prostituta qualquer.

Ela sentiu o cheiro de álcool. Alexandre estava completamente embriagado e murmurava:

— Meu amor... meu amor... eu a desejo... quero você... tenho que possuí-la... você é minha... minha... como é linda!

Como Cristina não se entregasse e continuasse a choramingar e a empurrá-lo, incapaz de

submeter-se àquela fúria imunda, ferida em seu amor, decepcionada por aquela recepção brutal, ele, ainda ferino, largou-a jogando-lhe em rosto uma injúria perversa:

— Você já veio satisfeita!...

Aí então ela revoltou-se e, sofrendo e enfurecida, esbofeteou-o duas e três vezes, enquanto gritava transtornada pelo mais cruciante desespero:

— Perverso!... bruto... selvagem...

Alexandre prendeu-lhe os braços apertando o joelho no meio do peito dela e retribuiu a violenta carícia. Cristina estorceu-se de dor. Um telefe-tefe ressoou quando a mão dele lhe tocou as faces.

Enquanto chorava viu-o afastar-se cambaleando. Incrédula percebeu um soluço quebrar-se no corredor. Chamou-o uma vez. No meio do pátio ele gritou como um lobo feroz:

— Ninguém faz Alexandre esperar tanto tempo cortando galho de árvore... Alexandre sabe vingar-se... Ninguém ri de Alexandre...

Cristina mal teve forças para pôr-se em pé. Estava toda dolorida. No corpo e na alma. Saiu do quarto e desceu as escadas apoiando-se no corrimão. Quando chegou no pátio olhou para os lados, mas ele já não estava.

Como uma autômata caminhou ao acaso. Não soube por quanto tempo andou. Chegou na estação de trem e subiu para a plataforma arrastando-se nas pernas como uma velha cansada. Sentou-se em um banco e ali ficou em silêncio e insensível como uma estátua. Alguém advertiu-a de que só teria trem às sete horas. Não fez caso. Continuou alheia, sem expressar nada.

Estava tudo acabado para ela. Todos os sonhos destruídos. Era um farrapo de mulher vivendo por culpa de uma função material. A alma e o coração pareciam ter-lhe abandonado o corpo. Nem sofria mais. Era tanta a dor que a narcotizara! As lágrimas também corriam por contração glandular, por hábito talvez. Tinha cântaros nos olhos e eles transbordavam.

Na outra plataforma um trem parou fungando como um velho asmático. Apenas duas passageiras desceram: Rosa e Nieta. Cristina não viu quando elas se afastaram ali naquele banco frio e sem conforto.

\* \* \*

Cristina já havia partido quando Rosa conseguira localizar sua residência. Movida por um estranho impulso, Rosa naquela manhã deixara a estância para ir à procura de Nieta. Queria saber o que acontecera naquela tarde em que Alexandre fora à cidade. Desde que voltara não era o mesmo. Parecia um louco revoltado. Agora as duas voltavam para a estância com receio de que algo acontecesse.

Encontraram Alexandre sentado no sofá da sala da casa grande, com a cabeça pendendo sobre o peito, respirando forte como se quisesse conter soluços estrangulados em sua garganta. Nieta, desconfiada, avançou para ele perguntando meio medrosa:

— Que fez? Onde está Cristina?...

Ele levantou o olhar chamejante para o rosto dela e respondeu lacônico e frio; mas percebia-se em sua voz embargada a dor profunda de um arrependimento.

— Foi embora.

Nieta sentou-se ao lado dele enraivecida, quase não se contendo na vontade de lhe bater. Rosa acercou-se furiosa vociferando:

— Louco!... Quando aprenderá a ser homem? Você tem sangue de animal, bruto... Para onde terá ido aquela pobre moça?... É você quem não a merece. Se soubesse do que ela foi capaz por sua causa. Deixou tudo, seu bruto... Tudo! Que lhe fez você para que ela se fosse? Eu bem previ que ela não o convenceria... Fiz bem em voltar com Nieta... Quem melhor que uma mãe para saber o que é um filho?...

— Cale-se. Chega... Não quero ouvir patacoadas... — gritou Alexandre inquieto, completamente fora de si.

Nieta, mais calma, procurou explicar-lhe sincera e sucintamente a que extremo Cristina chegara por amor a ele exclusivamente. Desfazendo-se de sua fortuna para ele não se sentir humilhado diante dela. Para ele ter motivos de mostrar-se orgulhoso. Alexandre fitou-a incrédulo, com olhar de bazófia e sorriu sarcástico:

— Mentiras e mais mentiras... Vocês agem como confreiras dela... não creio em uma só palavra... não creio... Ela não passa de uma milionária caprichosa e leviana...

Nieta mordeu os lábios, fervendo de indignação. Olhou-o profundamente e disse com intenções de feri-lo com crueldade:

— É lógica essa dúvida que o atormenta. Como poderia ser possível uma jovem como Cristina apaixonar-se por um... bruto como você?... Uma jovem de estirpe e um brutamontes... Mas é verdade... infelizmente não tem solução porque ela não está louca como eu pensava... Infelizmente!...

Ao mesmo tempo, enquanto falava, tirou da bolsa um punhado de papéis que espalhou sobre o assento do sofá.

— Aí está a prova. Cristina não compreende por que se demoram em lavrar a doação, pois eu explico, seu moço... Porque eu não quis aceitar. Sem a minha aceitação e com o auxílio do Dr. Carlos, o advogado de Cristina consentiu em manter em segredo a causa da prorrogação. Preferi esperar. Pensei que você chegasse a compreender o quanto ela o ama e que a fizesse compreender que isso não constitui problema para que possam ser felizes. Fique mais rico. Que importa o dinheiro ser dela. Importa que vocês se amem. Isso sim! Vamos, homem. Deixe de viver como lebre fugida dos mastins, enterrado aqui neste mato... Raciocine. Você vai deixar que ela cometa essa loucura para provar que o ama?

Inibido, com os olhos fitos nos documentos Alexandre não se movia.

Nieta não se conteve diante de sua passividade. Ergueu-se como uma fera e sacudiu-o violentamente pelos ombros.

— Que espera?... Só você pode alcançá-la... Vá antes que ela faça alguma loucura...

Alexandre contraiu os lábios onde a expressão trêmula das dores inconsoláveis empalidecera. Por uns instantes permaneceu estupefato e frouxo. A verdade doía-lhe dentro. Olhou para Nieta vencido e num gesto decidido rasgou aqueles papéis que ela lhe mostrava. Nieta e Rosa sorriram emocionadas.

Unindo a ação ao pensamento ele as deixou e, correndo em desabalo, atravessou a sala, alcançou o alpendre, pulou pelos degraus e chegou ao pátio.

Seus olhos luziam expressando todos os matizes de sua desenfreada paixão por Cristina. Suas faces ardiam. O suor cobria-lhe a fronte larga.

# Capítulo XVIII

O trem chegou como um preguiçoso rangendo nos freios.

Cristina abriu a portinhola do vagão e entrou. Alguns minutos se passaram. O vagão deu uns solavancos e pôs-se em movimento chacoalhando-se nos trilhos. Parecia estar muito cansado e não poder prosseguir.

A lentidão de sua marcha aumentava a depressão nervosa de Cristina. As paisagens se desfilavam como quadros sem vida. Espantando as mágoas, retendo lágrimas, arregalando os olhos, ela ia observando tudo, com a testa pregada à janela de vidro. O capinzal estendia-se como um tapeie verde e fofo numa planície sem fim.

Ao longe um cavalo surgiu galopando veloz como se quisesse alcançar o trem. Cristina olhou-o por um momento e depois inclinou a cabeça fechando os olhos atordoada por uma picada de dor que lhe atravessava o coração. Enxugou com a tristes. Tornou a espiar pela janela. Apertou o rosto contra a vidraça suja de poeira vermelha.

O ritmo da marcha do trem foi se apressando.

O cavalo acercou-se do vagão bem junto da janela onde ela estava e um grito atravessou-lhe os ouvidos indo arrebear-se-lhe dentro do coração. Pôs-se de pé aflita; o coração pulsava descontrolado.

Era Alexandre que gritava por ela. Ali estava montando no "Manso". Seus olhos encontraram-se numa expressão desesperada. Percebeu pelos movimentos dos lábios que ele lhe pedia que voltasse. E depois ouviu mais nítida a voz dele a chamá-la:

— Cristina... Volte... Perdoe-me... Volte, querida...

Ela correu de janela em janela acenando para ele. Lágrimas e sorrisos confundiram-se num cataclismo de emoções intensas. Mas o trem foi deixando-o para trás cada vez mais para longe, até que os dois perderam de vista. Apenas o capinzal se estendia intacto unindo-se ao céu no horizonte. O trem continuou distanciando-se sem dar importância ao desespero dos dois. A aflição de Cristina era pungente.

Uma estaçãozinha avizinhava-se. Bufando e apitando o trem parou barulhento. Cristina saltou para a plataforma e perscrutou o horizonte. Não poderia esperar. Pulou para fora da estrada e embrenhou-se pelo capinzal que a cobriu até a cintura. Correndo aos saltos, tropeçando e pisando em charcos, metendo-se por lamaçais, Cristina ia ansiosa ao encontro de Alexandre.

Finalmente um vulto cavalgando em sua direção, magnificante, vencendo o tempo e a distância.

Avistaram-se.

Cristina parou ofegante sem forças para acenar. Alexandre desmontou e ficou alguns momentos imobilizado olhando-a de longe. Depois correu para ela estendendo os braços e caíram um de encontro ao outro procurando-se as bocas.

Abraçaram-se para nunca mais se separar. Cristina gemeu de alegria o nome que se espedaçou dentro dela:

— Alexandre!... Meu Alexandre!...

Ele ergueu-a nos braços e caminhou em direção do cavalo que pastava indiferente, mais adiante. Quando Alexandre a depôs sobre a sela, "Manso" relincho mostrando todos os dentes como se estivesse sorrindo de satisfação. Alexandre montou-o e puxou-o contra si dizendo:

— Eia, "Manso"... Vamos... Oi...

Cristina inclinou a cabeça em seu ombro incapaz de proferir palavra. A alegria queimava-lhe as

faces e a emoção fazia saltar-lhe o coração quase sufocando-a. Alexandre explicou com algumas palavras o que se passara. Mal sabia expressar-se. Pediu-lhe perdão por ter duvidado dela. Cristina interrompeu-o beijando-o arrebatada com os braços a rodear-lhe o pescoço. Alexandre apertou-a comovido contra o peito e seus grandes olhos acariciaram-na com uma expressão carinhosa que a fez estremecer. Uma ternura infinda soçobrava dele. E ela descobriu todo o verdadeiro sentimento que renascia dentro daquele homem que a vida difícil modelara tão selvagemmente.

— Alexandre... nós vamos sei felizes...

Ele confirmou, beijando-lhe os cabelos e embalando-a nos braços.

— Sim... minha flor de estufa...

Cristina ergueu para ele os olhos langorosos e oferecendo-lhe os lábios entreabertos reclamou:

— Flor silvestre... senhor domador...

Sobre a garupa de "Manso" que se movia preguiçoso os dois se beijaram emocionados.

\* \* \*

O capinzal orvalhado pelas lágrimas da madrugada ondulava-se afagado pela brisa matinal. O sol surgiu, espalhando raios vivíficos num esplendor fulgurante de novo despertar.

Ao lado do rastro deixado pelos cascos de "Manso", uma flor silvestre abria suas pétalas e mostrava sua corola como se recebesse o beijo da natureza. Como se pela primeira vez se estorcesse ao sentir a força do sol a fertilizá-la.

Uma flor desabrochava no campo, participando da felicidade que por ali passara.

\* \* \*

*Fim*